

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LAPREV – LABORATÓRIO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA

JESSICA GIOVANNA ESPINOZA TARAZONA

**EDUCAÇÃO POSITIVA COM MÃES: UM ESTUDO DE VIABILIDADE
DE INTERVENÇÃO REMOTA**

São Carlos

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LAPREV – LABORATÓRIO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA

JESSICA GIOVANNA ESPINOZA TARAZONA¹

**EDUCAÇÃO POSITIVA COM MÃES: UM ESTUDO DE VIABILIDADE
DE INTERVENÇÃO REMOTA**

Texto de dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

Área de Concentração:

Comportamento social e processos cognitivos

Orientadora:

Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca

São Carlos

2023

¹ Bolsista de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); vigência 10/2020 a 02/2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Jessica Giovanna Espinoza Tarazona, realizada em 22/04/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Sabrina Mazo D'Affonseca (UFSCar)

Profa. Dra. Paolla Magioni Santini (PUC)

Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

*A persistência é o menor caminho do
êxito”*

(Charles Chaplin)

AGRADECIMENTOS

No primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade de transformar um dos meus sonhos em realidade. Viver a experiência de realizar o mestrado no Brasil foi o sucesso conquistado ao longo do caminho na minha profissão.

Agradeço à minha orientadora Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca pela orientação, por estar sempre à minha disposição, por me transmitir seus conhecimentos e experiência. Realmente foi um privilégio ser parte da parceria.

Aos meus pais, Edwin e Rosaria, pelo amor sincero, pela motivação, confiança e pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis, sem a ajuda de vocês não teria chegado tão longe.

A meu parceiro de vida, Marco obrigada por cada momento de companheirismo. Obrigada a minha filha Mayara, por me tornar mãe e transformou meus dias de felicidade e amor. A meus irmãos, Janet e Nestor, muito obrigada pelo carinho e apoio que sempre recebi ficando longe de casa. A meus sobrinhos, Yannely, Adriano e Brihanna, pelos momentos de felicidade e por iluminar a minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES), pela oportunidade e apoio financeiro ao longo da realização do trabalho de mestrado.

A toda equipe do programa de Pós-graduação em psicologia da UFSCar. Aos docentes, muito obrigada pelos conhecimentos em cada matéria e ao secretário do programa Juan, sempre disponível e muito paciente para responder qualquer dúvida.

Agradeço a todos meus queridos colegas do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência - Laprev, Lilian, Maria Beatriz, Diego, Maiana e Giselle, pelas contribuições em cada reunião virtual. Apesar da distância pela circunstância que vivenciamos pela pandemia, vocês tornaram-se minha família em São Carlos.

Tarazona, J.G.E & D’Affonseca, S. M. (2023). *Educação positiva com mães: um estudo de viabilidade de intervenção remota*. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

RESUMO

A presente dissertação é composta por dois artigos que têm como temática comum a relação mãe-filho. O primeiro estudo consiste em um estudo de revisão integrativa da literatura nacional e internacional que buscou identificar e analisar estudos sobre os impactos da exposição à violência por parceiro íntimo no relacionamento mãe-filho. A análise dos 10 artigos selecionados indicou que existem possíveis prejuízos causados nas relações mãe-filho pela exposição à VPI, como menor qualidade do vínculo materno, enfraquecimento das habilidades maternas, aumento de comportamento punitivos e superproteção, distanciamento, aumento de conflitos, práticas parentais inadequadas e prejuízos no relacionamento mãe-filho de forma geral. E aponta para a necessidade de novos estudos que possibilitem o conhecimento acerca da exposição à VPI e seus impactos no relacionamento mãe-filho. Já o segundo estudo objetivou avaliar a viabilidade de um programa parental, “Educação positiva dos seus filhos”, em grupo na modalidade remota. Participaram oito mães que tinham pelo menos um filho de 7 a 12 anos de diferentes cidades do interior paulista, recrutadas em redes sociais. Foram realizados oito encontros síncronos semanais (90 minutos/encontro) e foram utilizadas medidas pré e pós teste. Para avaliar a Significância Clínica e Mudança Positiva Confiável foi utilizado o método JT. Foram obtidos alguns resultados promissores que indicam a viabilidade do programa em grupo na modalidade online. Discute-se sobre algumas limitações e possibilidades de pesquisas futuras.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos; mãe-filho; educação positiva; intervenção; estilos parentais

Tarazona, J.G.E & D’Affonseca, S. M. (2023). Positive education with mothers: a remote intervention feasibility study. (Master dissertation). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

ABSTRACT

This dissertation was developed and is composed of a scientific text and a study aimed to evaluate the feasibility of the program "Projeto Parceria - Módulo 2" in remote modality. The first study consists of an integrative review of Brazilian and international literature, the objective was to identify and analyze studies the impacts of exposure to intimate partner violence on the mother-child relationship. From the analysis of the 10 articles selected, it was possible to conclude that there are possible damages caused in mother-child relationships by exposure to IPV, with lower quality of the maternal bond, weakening of maternal skills, increased punitive behavior and overprotection, increased of conflicts, parenting practices and damage mother-child relationship in general. Suggesting the need to develop studies that provide knowledge about exposure to IPV and its impacts on the mother-child relationship. Positive parenting is related to parenting practices and their effects, positive parenting practices play an important role in child development. In this context, the second study describes the process of the feasibility of parental program in the remote modality, “Positive education of your children”. For the recruitment of participants, channels such as social media were used. This program has been adapted for the digital platform. Positive changes were observed for some participants as depression, moral behavior, neglect, relaxed discipline, and physical abuse. Most participants rated the intervention as positive, good acceptance criteria, and were satisfied with the program. The intervention appears to be promising and feasible in the remote modality. Some limitations and possibilities for future research are discussed.

Keywords: intimate partner violence; mother-child; positive education; intervention; parenting styles

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
ESTUDO I - Impactos da exposição à violência entre parceiros íntimos no relacionamento mãe-filho: revisão integrativa da literatura	10
Introdução	11
Método	14
<i>Crítérios de elegibilidade</i>	15
<i>Estratégia de busca</i>	15
<i>Seleção dos estudos e coleta de dados</i>	15
<i>Análise dos dados</i>	18
Resultados e discussão	18
Referências	24
ESTUDO II- Educação positiva e mães: um estudo de viabilidade de intervenção remota	33
Introdução	35
Método	45
<i>Participantes</i>	45
<i>Instrumentos</i>	45
<i>Procedimentos</i>	51
Resultados	60
Discussão	117
Referências	135
Considerações finais	143
Anexos	145

APRESENTAÇÃO

Nossa vida mudou com a pandemia de Covid-19. Foram anos onde tivemos que parar com nossos encontros sociais, familiares, educação, trabalho e saúde. Realmente transformou a vida de todos. Isso também afetou nossos trabalhos de pesquisa. Houve muitas pesquisas que tiveram que parar e outros trabalhos tiveram que ser adaptados para a modalidade remota. Minha proposta inicial de trabalho de mestrado foi interrompida na pandemia.

A proposta inicial era a de aplicar a adaptação realizada por Otaguiri (2019) do *Community Group Treatment Program for Children Witnesses of Woman Abuse* (CGTP). O CTGP é um programa canadense de intervenção voltado para crianças e adolescentes expostos à VPI e suas mães/cuidadoras. O CTPG é voltado para crianças de 5 a 16 anos de idade, agrupadas de acordo com idade, estágio do desenvolvimento e gênero, bem como suas mães ou cuidadoras, também reunidas em grupo. São previstos de 8 a 12 encontros semanais com tópicos como (a) definição de violência psicológica, física e sexual, considerando diferentes formas de abordagem do fenômeno para diferentes faixas etárias; (b) reconhecimento, compreensão e comunicação de sentimentos; (c) conversas sobre violência dentro da família; (d) raiva e resolução de conflitos; (e) responsabilização sobre comportamentos violentos e mitos sobre a violência intrafamiliar e contra a mulher; (f) formas como poder e controle se relacionam ao abuso em suas diferentes manifestações; (g) planejamento de segurança; (h) violência nos relacionamentos românticos e prevenção de abuso sexual, a depender da idade do grupo, e (i) autoestima (Dibbs, 2015). De acordo com Sudermann, Marshall e Loosely (2000), espera-se que a intervenção favoreça o aumento de comportamentos adaptativos das crianças; atenuar e previna problemas comportamentais da criança relacionados à exposição à VPI; favoreça a aprendizagem de habilidades para manter-se em segurança durante a ocorrência de novos episódios de violência na família; e, em longo prazo, prevenir a ocorrência de violência nos futuros relacionamentos da criança.

Com a deflagração da pandemia e consequentes medidas de distanciamento e isolamento social, não foi possível desenvolver o projeto originalmente proposto. Em parte devido à impossibilidade de aplicação presencial e adaptação do mesmo para a modalidade remota, uma vez que o público-alvo é composto por uma população vulnerável (crianças expostas à VPI) e tratar de assuntos sensíveis sem a garantia de locais adequados para a intervenção. Portanto, optou-se por adaptar a proposta de intervenção, mas manteve-se a

revisão integrativa da literatura realizada com o objetivo de identificar e analisar estudos sobre os impactos da exposição à VPI no relacionamento mãe-filho (ver capítulo um intitulado “*impactos da exposição à violência entre parceiros íntimos no relacionamento mãe-filho: revisão integrativa da literatura*”).

Como um dos focos principais da dissertação referia-se à relação mãe-filho em contexto de VPI, optou-se por adaptar uma intervenção com evidências de eficácia na modalidade presencial com esse público. Partindo-se dessa perspectiva, selecionou-se o Projeto Parceria (Pereira, D’Affonseca & Williams, 2013; Santini & Williams, 2017; Williams et al., 2010). O Projeto Parceria foi proposto para ser implementado em 16 sessões semanais, presenciais, com duração de cerca de uma hora, sendo 8 sessões do módulo 1 - Uma vida livre de violência, o qual tem por objetivo explorar os efeitos e seu enfrentamento com os aspectos emocionais associados à violência, aborda tópicos como: temas como ciclo da violência, direitos humanos, violência contra a mulher, combate à depressão, que ensina as mães sobre o impacto que a violência pode ter causado em suas vidas (Williams, Maldonado & Padovani, 2008). E oito sessões do módulo 2 - Educação positiva dos filhos, no qual se discute sobre estratégias para lidar com os comportamentos dos filhos e contém tópicos como: A Importância de Valorizar os esforços de seus Filhos, estabelecendo limites e regras, ensinando habilidades sociais e comportamento moral, e ensina habilidades parentais positivas, empregando técnicas como discussões baseadas em materiais escritos, resolução de problemas sociais. (Williams, Maldonado & Araújo, 2008). Devido à preocupação com a implementação do módulo um, Uma vida livre de violência, remotamente, optou-se por avaliar a viabilidade da aplicação do módulo dois, Educação positiva dos filhos, em contexto remoto e em grupo.

Tendo em vista que o conteúdo do módulo 2 poderia ser aproveitado por mães com ou sem histórico de violência, optou-se por expandir a divulgação da pesquisa e recrutamento dos participantes para quaisquer mulheres com idade igual ou superior a 18 anos, que tivesse pelo menos um filho(a) com idade entre 6-12 anos. O segundo capítulo da presente dissertação, intitulado “*Educação positiva e mães: um estudo de viabilidade de intervenção remota*”, descreve os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos com a intervenção síncrona realizada com oito mães.

IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS NO RELACIONAMENTO MÃE-FILHO: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Impacts of intimate partner violence exposure to mother-child relationship: Integrative literature review/ Impactos de la exposición a la violencia entre parejas íntimas en la relación madre-hijo: revisión integradora de la literatura

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar estudos sobre os impactos da exposição à VPI no relacionamento mãe-filho. Foi realizada uma busca em seis bases de dados, utilizando-se os descritores *intimate partner violence*, *domestic violence*, *violence exposure*, *Children*, *Adolescents*, *mother-Child* e *relationship*. Foram identificadas 1013 publicações, das quais 10 atenderam os critérios de elegibilidade. Os resultados destacaram os possíveis prejuízos da VPI nas relações mãe-filho e a concorrência de VPI e maus tratos infantis. Discute-se a necessidade de novas pesquisas na área e do fortalecimento da relação mãe-filho em contexto de VPI.

Palavras-chaves: violência entre parceiros íntimos; exposição à violência; relacionamento; mãe-filho.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue identificar y analizar estudios sobre impactos de la exposición a la VPI en la relación madre-hijo. Se realizó una búsqueda en seis bases de datos, utilizando los descriptores *intimate partner violence*, *domestic violence*, *violence exposure*, *Children*, *Adolescents*, *mother-Child* y *relationship*. Se identificaron un total de 1013 publicaciones, de las cuales 10 cumplieron con los criterios de elegibilidad. Los resultados destacaron los posibles daños de la VPI en las relaciones madre-hijo y la competencia de la VPI y el maltrato infantil. Se discute la necesidad de profundizar la investigación en el área y el fortalecimiento de la relación madre-hijo en el contexto de la VPI.

Palabras clave: Violencia de pareja íntima; Exposición a la Violencia; Relacionamiento; Madre-hijo.

ABSTRACT

The aim of this work was to identify and analyze studies on the impacts of exposure to IPV on the mother-child relationship. The search was performed in six databases, using the descriptors “intimate partner violence”, “domestic violence”, “violence exposure”, “children”, “adolescents”, “mother-child” and “relationship”. 1013 publications were identified, 10 of which met the eligibility criteria. The results highlighted the possible damages of IPV in mother-child relationships and the competition of IPV and child abuse. The need for further research in the area and the strengthening of the mother-child relationship in the context of IPV is discussed.

Keywords: Intimate partner violence; Exposure to violence; Relationship; Mother-child.

INTRODUÇÃO

A violência por parceiros íntimos (VPI) é um fenômeno que se manifesta em praticamente em todas as sociedades, independente de seus aspectos econômicos, religiosos e raciais (Boeckel et al., 2014). Essa modalidade de violência refere-se a qualquer comportamento inserido em um relacionamento íntimo que cause prejuízos físicos, psicológicos ou sexuais para os envolvidos nessa relação (Krug et al., 2002, p.89). Globalmente, estima-se que 27% das mulheres com idade entre 15 e 49 anos sofreram violência física ou sexual (ou ambas) por parceiro íntimo em sua vida. Essa violência começa precocemente, afetando adolescentes e mulheres jovens, sendo que 24% das mulheres com idade entre 15 a 19 anos e 26% das mulheres de 19 a 24 anos já sofreram essa violência pelo menos uma vez desde a idade de 15 anos (Sardinha et al., 2022).

A esse cenário acrescenta-se uma significativa relação entre o aumento da violência doméstica contra a mulher e o distanciamento social, como medida sanitária para prevenção da Covid-19 (Soares et al., 2022). O levantamento de dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de registro de violência doméstica em doze estados da federação revela um aumento expressivo no número de feminicídios cometidos durante a pandemia, além do aumento do número de denúncias de agressão pelos canais disque 180 e 190. Apenas em abril, os crescimentos de denúncias na Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (Ligue 180) foi de 37,6% quando em comparação com o mesmo mês em 2019. Já os chamados da Polícia Militar nos estados de São Paulo, Acre e Rio de Janeiro registraram, respectivamente, um aumento de 44,9%, 22,3%, e 3,5% nas denúncias durante os meses de Março e Abril de 2019 e 2020. O crescimento do número de feminicídios registrados nos 12 estados analisados foi de 22,2%, saltando de 117 vítimas em Março/Abril de 2019 para 143 em Março/Abril de 2020.

Trata-se de um fenômeno multifacetado, fundamentado na interação de fatores pessoais, situacionais e culturais. Pela análise ecológica descrita por Heise (2011), entende-se que os indivíduos, ao se envolverem em uma relação, trazem consigo uma bagagem pessoal, enquanto, o casal, por sua vez, relaciona-se em uma dinâmica e ambiente que também podem aumentar ou diminuir as chances de abuso. Ambos os parceiros interagem em contextos comunitários distintos, ao passo que todo o sistema encontra-se inserido em um contexto cultural, econômico e político que igualmente interfere no risco de VPI. Dessa forma, diferentes fatores (como experiências adversas na infância, reprodução de padrões de relacionamento, normas sociais e ordenação de gênero) operam em diferentes níveis do sistema ecológico, e se combinam para estabelecer a probabilidade do abuso ocorrer.

Dentre esses fatores, a transmissão intergeracional da violência propõe que a exposição a violência pode moldar o desenvolvimento do indivíduo ao longo do tempo, de modo que as crianças entendem a violência como um modelo apropriado de relacionamento, sendo mais propensas a abusar de parceiros românticos no futuro (Keels, 2022; Begum et al., 2015; Graham-Bermann & Perkins, 2010; Miller, 2015; OMS, 2014).

As vítimas mais frequentes da VPI são as mulheres, jovens, e com maior quantidade de filhos (Mannell et al., 2022), o que nos leva a considerar que uma parcela significativa de crianças estariam expostas à VPI. De fato, Kieselbach, Kimber, MacMillan e Perneger (2021) constataram, a partir da recente revisão sistemática de literatura, a elevada prevalência de crianças expostas a VPI em países de renda baixa e média. Aproximadamente um em cada três participantes reportaram ter sido expostos a VPI em algum momento de sua infância, o que equivale à estimativa de 117 milhões de crianças expostas a VPI em países de baixa e média renda atualmente. A exposição da criança a VPI pode ser tanto direta (quando ela participa do

episódio) quanto indireta (por meio dos agravos que esse evento traz a saúde física e mental de sua mãe), sendo ambas prejudiciais às mais diferentes esferas da saúde infantil (Bender et al., 2022; Kieselbach et al., 2021; Patias, Bossi & Dell’Aglío, 2014).

Em uma revisão realizada por Lourenço et al. (2013) a respeito das consequências da exposição para as crianças, verificou-se a relação entre a apresentação de sintomas depressivos, insegurança, transtornos de estresse pós-traumático-TEPT, agressividade, baixa performance acadêmica e a exposição à VPI por parte das crianças. É possível identificar, ainda, que crianças expostas à VPI frequentemente apresentam muitos dos distúrbios comportamentais e psicológicos apresentados por crianças vítimas de maus tratos (Graham-Bermann & Perkins, 2010; Harris, 2017; Holmes, 2013; Timmer, Ware, Urquiza & Zebell, 2010).

Sabe-se que ambientes familiares violentos comprometem tanto a parentalidade maternas quanto a capacidade de ambos os pais de lidar com as necessidades de seus filhos (Sypher, Gershoff & Hyde, 2022; Molina, Skowron & Hackman, 2022; Buchanan & Humphreys, 2021). Em lares nos quais ocorre VPI há maior propensão para ação disciplinar severa e interações aversivas com crianças (Rosser-Limiñana, Suriá-Martínez & Pérez, 2020; Timmer et al., 2012), e evidências empíricas indicam que prejuízos no relacionamento mãe e filhos são observados com maior frequência em mães com histórico de VPI (Boeckel, Wagner, & Grassi-Oliveira, 2017; Kamody et al., 2019; Carlson et al., 2019).

A vitimização materna está diretamente relacionada à experiência de sintomas depressivos, pós-traumáticos, e de doenças crônicas nas mulheres (Lutwak, 2018), o que pode causar déficits em suas respostas afetivas, e dificuldades ao realizar tarefas parentais (Rosser-Liminana et al., 2020; López-Soler et al., 2017). Contudo, há que se ter cautela em considerar que mulheres vítimas de VPI terão práticas parentais negativas ou relacionamentos

empobrecidos com seus filhos, uma vez que ainda que a VPI possa prejudicar significativamente a saúde mental materna e suas práticas educacionais, algumas mães vítimas de VPI podem apresentar comportamentos compensatórios nas interações com seus filhos, sendo muito atenciosas e sensíveis às suas necessidades (Rosser-Limiñana et al., 2020).

Tanto as mães quanto as crianças se beneficiam de relações positivas e saudáveis entre familiares, ao passo que auxiliam no desenvolvimento e fortalecimento da resiliência e habilidades de enfrentamento, bem como na recuperação de adversidades (Walsh, 2016). No caso das crianças, práticas parentais calorosas, pautadas no afeto positivo, na aceitação, no apoio e na baixa rigidez parental, desempenham um papel fundamental no comportamento emocional infantil e na adaptação sob circunstâncias adversas (Zarra-Nezhad et al., 2015; Reuben et al., 2016; Garcia et al., 2020). Já no âmbito materno, as mulheres podem extrair forças do seu papel como mães quando vivenciam um bom relacionamento com os filhos, o que pode contribuir para o enfrentamento da situação de VPI.

Ao longo dos últimos anos, estudos têm documentado os efeitos da exposição à VIP para mulheres e crianças (ver por exemplo Lutwak, 2018; Lourenço et al., 2013). A presente revisão integrativa da literatura teve como objetivo revisar a literatura nacional e internacional dos últimos dez anos de modo a identificar os impactos da exposição à VPI para o relacionamento mãe-filho.

MÉTODO

A presente pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura que seguiu as etapas da declaração PRISMA 2020: uma diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas adaptado de Page et al. (2021).

Critério de elegibilidade

Foram considerados elegíveis para esta revisão integrativa da literatura estudos publicados entre 2010 a 2020; que apresentassem dados (quantitativos ou qualitativos) a respeito do impacto da exposição à VPI no relacionamento mãe-filho, disponíveis para download e redigidos em português, inglês ou espanhol. Foram excluídos artigos de revisão de literatura, teses, dissertações, textos teóricos e argumentativos.

Estratégia de busca bibliográfica

Foram utilizados os seguintes bancos de dados eletrônicos: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Biblioteca da UNED, Scopus, PubMed (oferece artigos científicos da área da saúde), PsycINFO (oferece literatura psicológica vinculada à *American Psychological Association*) e Periódicos Capes/MEC. As seguintes palavras chaves e descritores foram inseridos em cada banco de dados: “intimate partner violence OU domestic violence” E “violence exposure” E “Children OU Adolescents” E “mother-Child” E “relationship”, e palavras semelhantes em português (violência entre parceiros íntimos, violência doméstica, exposição à violência, crianças, adolescentes, mãe-filhos, relacionamento) e espanhol (violencia de pareja, violencia doméstica, exposición a la violencia, niños, adolescentes, madre-hijos, relacionamento).

Seleção dos estudos e coleta de dados

Utilizou-se o programa gerenciador de referências Zotero, o qual permitiu coletar os resultados encontrados nas buscas dos bancos de dados e excluir itens duplicados. O processo de seleção foi realizado em duas etapas pelas duas primeiras autoras: (1) avaliação de títulos e

resumos e (2) análise dos textos completos. O processo de seleção foi analisado pelas pesquisadoras de forma independente, as quais registraram nas planilhas as características gerais de cada artigo selecionado (elegível ou não) de acordo com os critérios descritos anteriormente. Para avaliar a concordância inter-observadores, foi calculado o índice Kappa no programa *Statistical Package for the Social Science (SPSS) for Windows* versão 22.0, sendo considerado aceitável quando o valor de kappa foi superior a 0,80. As discordâncias ou dúvidas apresentadas durante o processo de desenvolvimento e análise dos resultados do presente trabalho foram discutidas e resolvidas durante reuniões virtuais entre as pesquisadoras.

Na busca inicial foram selecionados 1013 artigos dos últimos 10 anos (ver Figura 1). Desse total, 398 artigos duplicados foram removidos, sendo realizada a leitura do título e resumo dos 616 artigos restantes. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 48 artigos foram selecionados para leitura completa, sendo eliminados aqueles que não atendiam aos critérios de inclusão (n=38), restando 10 artigos para a etapa de análise.

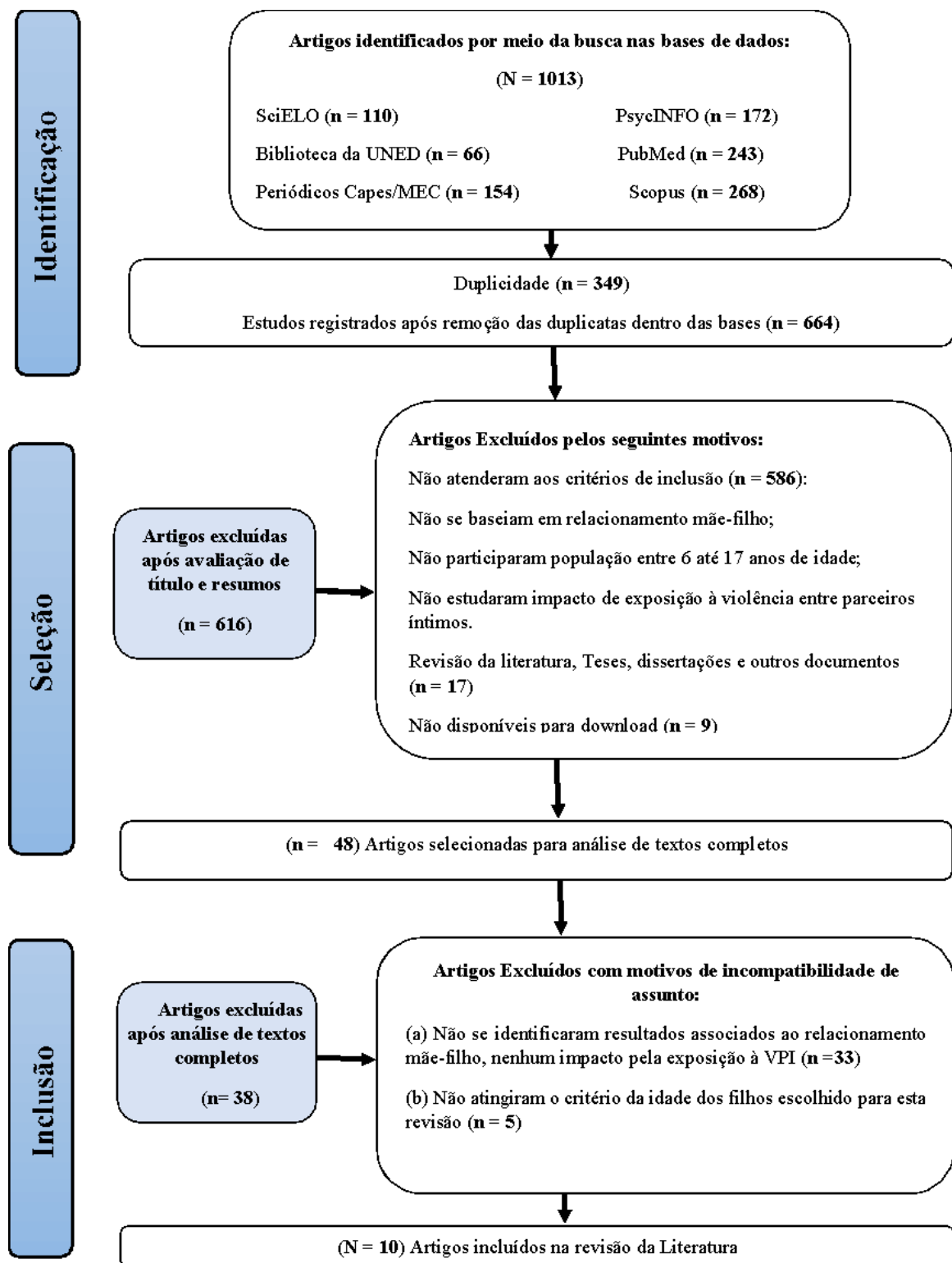


Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos de revisão sistemática da literatura. Protocolo PRISMA

Análise dos dados

Após a seleção dos artigos elegíveis e da leitura completa dos mesmos, os dados foram organizados de acordo com autor, ano de publicação, objetivos, amostras, medidas e principais achados foram organizados em uma planilha *Excel*. Posteriormente, identificou-se os aspectos associados ao relacionamento mãe-filho dos principais achados dos 10 artigos selecionado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 10 artigos selecionados indicou uma publicação constante ao longo dos anos, mas com poucos artigos publicados/ano ($M= 1,5$; $DP=0,53$). Apenas um estudo foi realizado no Brasil (Boeckel et al., 2017), os demais foram realizados nos Estados Unidos (Samuelson et al., 2012; Chanmugam, 2014 & Figge et al., 2018); Espanha (Olaya et al., 2010 & Rosser-Limiñana et al., 2018); Reino Unido (Swanston et al., 2014 & Katz, 2019); Canadá (Lapierre et al., 2017) e Austrália (Thiara & Humphreys, 2015).

Em relação ao método, cinco estudos utilizaram um delineamento qualitativo, a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturadas (Swanston et al., 2014; Chanmugam, 2014; Thiara & Humphreys, 2015; Lapierre et al., 2017 e Katz, 2019). Todos tinham como objetivo analisar as experiências das mães e dos filhos em relação à VPI, sendo que Thiara e Humphreys (2015) buscou identificar mais especificamente o processo de separação conjugal.

Foi possível observar a predominância de participantes crianças com idade entre 5-18 anos (Olaya et al., 2010; Samuelson et al., 2012; Swanston et al., 2014; Thiara & Humphreys, 2015; Lapierre et al., 2017; Rosser-Limiñana et al., 2018; Katz, 2019). Dois estudos (Boeckel et al., 2017; Figge et al., 2018) coletaram dados com filhos entre 1 a 12 anos, e um estudo (Chanmugam, 2014) teve como população-alvo adolescentes de 12-14 anos. Tal resultado pode ser uma limitação da presente revisão, uma vez que a mesma selecionou estudos que focaram

nos impactos da exposição à VPI em crianças com idade entre 6-17 anos, pois representam um grupo de alto risco porque podem manifestar problemas de desenvolvimento e problemas comportamentais no ambiente familiar e em outros contextos, como, por exemplo, na escola, com os pares e nos relacionamentos íntimos (Menon et al., 2018).

A revisão realizada permitiu verificar as consequências da exposição à VPI para as mães, para os filhos e para o relacionamento mãe-filho, foco do presente estudo. Os dez artigos apontaram para os possíveis prejuízos causados nas relações mãe-filho, seja por menor qualidade do vínculo materno (Boeckel et al., 2017), enfraquecimento das habilidades maternas (Rosser-Limiñana et al., 2018; Thiara & Humphreys, 2015), aumento de comportamento punitivos e superproteção (Olaya et al., 2010), distanciamento afetivo (Swanston et al., 2014; Katz, 2019); déficit na comunicação entre mãe e filho, conflitos e discussões (Lapierre et al., 2017), prejuízos no relacionamento mãe e filho de forma geral (Figge et al., 2018; Samuelson et al., 2012) e a parentalização dos filhos (Chanmugam, 2014). A parentalização dos filhos ocorre quando um filho assume uma postura e desempenha funções parentais na família, de modo que o filho não apresenta uma percepção consciente em relação à falta dos cuidados e sustentação por parte dos pais, tornando-se responsável por suprir as carências dentro de casa (Mello et al., 2020).

Conforme evidenciado por D'Affonseca e Williams (2011), ambientes familiares violentos podem comprometer as habilidades maternas. Os resultados indicaram que a vitimização materna estava relacionada com as dificuldades ao responder às necessidades das crianças (Rosser-Limiñana et al., 2018; Thiara & Humphreys, 2015; Swanston et al., 2014), com a manifestação de sintomas internalizantes e externalizantes, por parte das mães e dos filhos (Olaya et al., 2010; Boeckel et al., 2017; Rosser-Limiñana et al., 2018) e com a regulação emocional das mães (Boeckel et al., 2017).

A respeito das consequências relacionadas para as crianças observamos que todos os estudos ressaltaram impactos nesse grupo, relacionando a apresentação de diversos sintomas com a exposição à VPI, tal como, depressão, agressividade, baixa autoestima e fragilidade emocional (Rosser-Limiñana et al., 2018; Thiara & Humphreys, 2015; Lapierre et al., 2017; Chanmugam, 2014). Esses resultados corroboram com pesquisas anteriores que indicaram o quanto a exposição à VPI repercute no desenvolvimento da criança (Patias, Bossi & Dell’Aglío, 2014), apontando comumente distúrbios comportamentais e psicológicos nessa população (Graham-Bermann, 2010; Holmes, 2013; Harris, 2017).

Crianças que vivem em um ambiente violento podem estar expostas à violência de diferentes maneiras. Holden (2003) propôs uma taxonomia de diferentes tipos de exposições da criança, desde antes do nascimento até a participação direta nos episódios. As crianças podem ser, portanto, vítimas diretas, testemunhas diretas, autores e vítimas indiretas da violência. Nos estudos revisados verificou-se que a exposição à VPI pode se desdobrar em maus tratos infantis (Lapierre et al., 2017). Por exemplo, algumas mães apresentaram dificuldade para atender as necessidades das crianças (Rosser-Limiñana et al., 2018), o que pode indicar um comportamento negligente, e Olaya et al. (2010) aponta para a maior ocorrência de castigos corporais por parte dos pais nos lares onde havia VPI. Com isso, ressalta-se que a vitimização de mãe e filho estavam intimamente relacionadas.

Outro dado identificado foi a ação do agressor como um fator importante para enfraquecer a díade mãe-filho, como apontado por Katz (2019). De acordo com a pesquisadora, em alguns contextos as habilidades maternas eram alvo de crítica constante por parte do pai/agressor. A literatura aponta que, além da agressão física ou psicológica, o agressor muitas vezes busca minimizar o apoio entre mães e filhos, desaprovando os cuidados das mães com

seus filhos, com o objetivo de enfraquecer a relação mãe-filho (Lapierre, 2010; Katz, 2014) e, com isso, tornar a parceira mais vulnerável.

Em algumas situações, os filhos se tornam independentes de suas mães por falta de confiança nas mesmas (Swanston et al., 2014) e apresentam menor eficácia de enfrentamento de situações (Figge et al., 2018). No entanto, identificou-se que, no geral, os filhos expostos a VPI consideravam suas mães como indivíduos muito significativos em suas vidas, de forma que a díade pode se beneficiar de uma dinâmica de proteção (Lapierre et al., 2017; Chanmugam, 2014; Swanston et al., 2014). Esses resultados são consistentes com estudos anteriores realizados com crianças expostas à VPI, que também enfatizavam a importância das relações mãe-filho nesse contexto (Kim-Cohen et al., 2003; Graham-Bermann et al., 2009).

Práticas parentais positivas implicam, de modo geral, a comunicação aberta, a expressão de afeto e seguem estratégias de forma construtiva para resolução de problemas, socialização e comportamento das crianças (Gulliford et al., 2015). Tais práticas, quando afetadas pela exposição à VPI podem moldar o desenvolvimento das crianças no decorrer de sua vida (Keels, 2022; Begum et al., 2015; Graham-Bermann & Perkins, 2010; Miller, 2015; OMS, 2014). Por isso, a execução de práticas parentais positivas podem aprimorar a relação e/ou interação das mães com seus filhos, podendo ser fortalecidas em contextos de VPI, visto que algumas mães apresentaram dificuldade para atender as necessidades das crianças (Rosser-Limiñana et al., 2018) e manifestaram necessidade de apoio contínuo para ajudá-las a desenvolver sua capacidade materna (Thiara & Humphreys, 2015). Ademais, a maternidade pode ser uma fonte de empoderamento que ajuda as mulheres, não apenas se posicionar diante do perpetrador, mas também cuidar de seus filhos (Semaan, Jasinski, & Bubriski-McKenzie, 2013). O apoio mútuo entre a mãe-filho, interações agradáveis e o fortalecimento de vínculos podem auxiliar na minimização dos efeitos da VPI (Katz, 2014).

Embora na maioria dos casos, mães vítimas de VPI terem apresentado uma menor qualidade de vínculo materno (Boeckel et al., 2017), indicando uma influência da exposição à VPI no relacionamento mãe-filho (Silva et al., 2017), algumas mães vítimas de VPI podem apresentar comportamentos compensatórios nas interações com seus filhos, sendo muito atenciosas e sensíveis às suas necessidades (Rosser-Limiñana et al., 2020; Letourneau & Willms, 2007).

O mapeamento dos estudos permitiu constatar escassez de estudos nacionais voltados ao tema, bem como uma carência de pesquisas cujo objetivo principal seja avaliar o relacionamento mãe-filho no contexto da VPI. Embora todos os artigos selecionados incluam aspectos associados ao relacionamento mãe-filho em seus resultados, apenas sete (Boeckel et al., 2017; Chanmugam, 2014; Thiara & Humphreys, 2015; Lapierre et al., 2017; Rosser-Limiñana et al., 2018; Figge et al., 2018; Katz, 2019) tem como objetivo investigá-los diretamente. Cabe ressaltar, também, que o termo "relacionamento mãe e filho" foi identificado nos objetivos de apenas três estudos (Lapierre et al., 2017; Figge et al., 2018; Katz, 2019).

Os dados obtidos reforçam a importância de compreender a complexidade do fenômeno da violência por parceiros íntimos, bem como considerar os efeitos da exposição à VPI para além da perspectiva individual das mulheres e das crianças. A avaliação dos dez artigos selecionados apontam para a necessidade de novas pesquisas que possibilitem o conhecimento acerca da exposição à VPI e seus impactos no relacionamento mãe e filho.

CONSIDERAÇÕES

A partir dos estudos revisados verifica-se que a VPI traz consequências para a mãe, para os filhos e para o relacionamento mãe-filho. Tais impactos sugerem a necessidade de uma visão

ampliada nesses contextos, nos quais todos os envolvidos precisam ser considerados. Ao fortalecer a relação mãe-filho contribui-se para o desenvolvimento e fortalecimento da resiliência e habilidades de enfrentamento, além de ser um passo necessário para a recuperação de adversidades. Apesar de sistematizar estudos sobre possíveis consequências da VPI para o relacionamento mãe-filho, esta revisão não avaliou o possível risco de viés. Destaca-se que o número restrito de participantes nas pesquisas, em parte devido a características específicas da população-alvo e a fonte de recrutamento dos participantes (instituições de acolhimento de vítimas de violência); o delineamento de pesquisas exploratório e descritiva, com medidas qualitativas com base em entrevistas semiestruturadas, e a quantidade de variáveis investigadas em relação às mães, as crianças e a interação mãe-filho, dificulta uma generalização dos dados e uma compreensão mais precisa dos efeitos do fenômeno. Apesar das limitações apontadas, espera-se que o presente estudo contribua para a sensibilização de investigadores nacionais para a condução de pesquisas na área focalizando os impactos da VPI no relacionamento mãe-filho.

REFERÊNCIAS

- Begum, S., Donta, B., Nair, S., & Prakasam, C. P. (2015). Socio-demographic factors associated with domestic violence in urban slums, Mumbai, Maharashtra, India. *The Indian journal of medical research*, 141(6), 783. DOI: [10.4103/0971-5916.160701](https://doi.org/10.4103/0971-5916.160701)
- Bender, A. E., McKinney, S. J., Schmidt-Sane, M. M., Cage, J., Holmes, M. R., Berg, K. A., & Voith, L. A. (2022). Childhood exposure to intimate partner violence and effects on social-emotional competence: A systematic review. *Journal of Family Violence*, 1-19.
- Boeckel, M. G., Wagner, A., & Grassi-Oliveira, R. (2017). The effects of intimate partner violence exposure on the maternal bond and PTSD symptoms of children. *Journal of interpersonal violence*, 32(7), 1127-1142.
- Boeckel, M. G., Blasco-Ros, C., Grassi-Oliveira, R., & Martínez, M. (2014). Child abuse in the context of intimate partner violence against women: the impact of women's depressive and posttraumatic stress symptoms on maternal behavior. *Journal of interpersonal violence*, 29(7), 1201–1227. <https://doi.org/10.1177/0886260513506275>
- Boeckel, M. G., Wagner, A., & Grassi-Oliveira, R. (2017). The effects of intimate partner violence exposure on the maternal bond and PTSD symptoms of children. *Journal of interpersonal violence*, 32(7), 1127-1142. <https://doi.org/10.1177/0886260515587667>
- Buchanan, F., & Humphreys, C. (2021). Coercive Control During Pregnancy, Birthing and Postpartum: women's experiences and perspectives on health practitioners' responses. *Journal of Family Violence*, 36,325 –335. DOI:[10.1007/s10896-020-00161-5](https://doi.org/10.1007/s10896-020-00161-5)

- Carlson, J., Voith, L., Brown, J. C., & Holmes, M. (2019). Viewing Children's Exposure to Intimate Partner Violence Through a Developmental, Social-Ecological, and Survivor Lens: The Current State of the Field, Challenges, and Future Directions. *Violence Against Women*, 25(1), 6–28. <https://doi.org/10.1177/1077801218816187>
- Chanmugam, A. (2014). Got one another's backs: mother-teen relationships in families escaping intimate partner violence. *Journal of human behavior in the social environment*, 24(7), 811-827. <https://doi.org/10.1080/10911359.2014.884961>
- D'Affonseca, S. M., & Williams, L. C. D. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, 31(2), 236-251. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200004>
- Figge, C. J., Martinez-Torteya, C., Bogat, G. A., & Levendosky, A. A. (2018). Child appraisals of interparental conflict: The effects of intimate partner violence and parent-child relationship quality. *Journal of interpersonal violence*, 36(9-10). <https://doi.org/10.1177/0886260518794509>
- Garcia, O. F., Fuentes, M. C., Gracia, E., Serra, E., & Garcia, F. (2020). Parenting warmth and strictness across three generations: Parenting styles and psychosocial adjustment. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(20), 7487. <https://doi.org/10.3390/ijerph17207487>
- Gulliford, H.; Deans, J.; Frydenberg, E.; Liang, R. (2015). Teaching coping skills in the context of positive parenting within a preschool setting. *Australian Psychologist*, 50(3): 219-231. <https://doi.org/10.1111/ap.12121>

- Graham-Bermann, S. A., Gruber, G., Howell, K. H., & Girz, L. (2009). Factors discriminating among profiles of resilience and psychopathology in children exposed to Intimate Partner Violence (IPV). *Child Abuse & Neglect*, 33, 648-660. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.01.002>
- Graham-Bermann, S. A. & Perkins, S. (2010). Effects of early exposure and lifetime exposure to intimate partner violence on child adjustment. *Violence & Victims*, 25(4), 427-439. DOI:[10.1891/0886-6708.25.4.427](https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.4.427)
- Harris, K. E. (2017). Helping children exposed to violence at home: an essentials guide. London, Ontario: London Family Court Clinic.
- Heise, L. (2011). What works to prevent partner violence? An evidence overview.
- Holmes, M. R. (2013). The sleeper effect of intimate partner violence exposure: long-term consequences on young children's aggressive behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(9), 986–995. DOI:[10.1111/jcpp.12071](https://doi.org/10.1111/jcpp.12071)
- Holden, G. (2003). Children exposed to domestic violence and child abuse: terminology and taxonomy. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6 (3), 151-160
- Katz, E. (2014). Strengthening mother-child relationships as part of domestic violence recovery. Centre for research on families and relationships. <http://hdl.handle.net/1842/10423>
- Katz, E. (2019). Coercive control, domestic violence, and a five-factor framework: Five factors that influence closeness, distance, and strain in mother–child relationships. *Violence against women*, 25(15), 1829-1853. <https://doi.org/10.1177/1077801218824998>

- Kamody, Rebecca C.; Howell, Kathryn H.; Schwartz, Laura E.; Schaefer, Lauren M.; Thurston, Idia B. (2019). A Cross-Sectional Examination of Intimate Partner Violence and Mother-Child Communication. *Journal of Child and Family Studies*. Doi: [10.1007/s10826-019-01617-z](https://doi.org/10.1007/s10826-019-01617-z)
- Keels, M. (2022). Developmental & Ecological Perspective on the Intergenerational Transmission of Trauma & Violence. *Daedalus*, 151(1), 67-83.
- Kieselbach, B., Kimber, M., MacMillan, H. L., & Perneger, T. (2021). Prevalence of childhood exposure to intimate partner violence in low-income and lower-middle-income countries: a systematic review. *BMJ open*, 12(4), e051140. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2021-051140>
- Kim-Cohen, J., Caspi, A., Moffitt, T. E., Harrington, H., Milne, B. J., & Poulton, R. (2003). Prior juvenile diagnoses in adults with mental disorder: developmental follow-back of a prospective-longitudinal cohort. *Archives of General Psychiatry*, 60(7), 709-717. DOI:[10.1001/archpsyc.60.7.709](https://doi.org/10.1001/archpsyc.60.7.709)
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, 360(9339), 1083-1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Lapierre, S., Côté, I., Lambert, A., Buetti, D., Lavergne, C., Damant, D., & Couturier, V. (2017). Difficult but close relationships: Children's perspectives on relationships with their mothers in the context of domestic violence. *Violence against women*, 24(9), 1023-1038. <https://doi.org/10.1177/1077801217731541>

- Lutwak, N. (2018). The psychology of health and illness: The mental health and physiological effects of intimate partner violence on women. *The Journal of psychology*, 152(6), 373-387.
<https://doi.org/10.1080/00223980.2018.1447435>
- Lourenço, L. M., Baptista, M. N., Almeida, A. A., Basílio, C., Koga, B. M., Hashimoto, J. K. F., & Andrade, G. C. (2013). Panorama da violência entre parceiros íntimos: Uma revisão crítica da literatura. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 47(1), 91-99.
- Letourneau, N. L., Fedick, C. B., & Willms, J. D. (2007). Mothering and domestic violence: A longitudinal analysis. *Journal of Family Violence*, 22(8), 649-659.
- López-Soler, C., Alcántara-López, M., Castro, M., Sánchez-Meca, J., & Fernández, V. (2017). The association between maternal exposure to intimate partner violence and emotional and behavioral problems in Spanish children and adolescents. *Journal of family violence*, 32(2), 135-144.
- Mannell, J., Lowe, H., Brown, L., Mukerji, R., Devakumar, D., Gram, L., & Vyas, S. (2022). Risk factors for violence against women in high-prevalence settings: a mixed-methods systematic review and meta-synthesis. *BMJ global health*, 7(3), e007704.
<http://dx.doi.org/10.1136/bmjgh-2021-007704>
- Mello, R., Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2020). Inversão geracional na família: repercussões da parentalização na vida adulta. *Psicologia USP*, 31.
<https://doi.org/10.1590/0103-6564e190126>

Menon, S. V., Cohen, J. R., Shorey, R. C. & Temple, J. R. (2018). The Impact of Intimate Partner Violence Exposure in Adolescence and Emerging Adulthood: A Developmental Psychopathology Approach. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47, 1–12. DOI:[10.1080/15374416.2018.1437736](https://doi.org/10.1080/15374416.2018.1437736)

Miller, E., McCaw, B., Humphreys, B. L., & Mitchell, C. (2015). Integrating intimate partner violence assessment and intervention into healthcare in the United States: a systems approach. *Journal of women's health* (2002), 24(1), 92–99. <https://doi.org/10.1089/jwh.2014.4870>

Molina, A. P., Skowron, E. A., & Hackman, D. A. (2022). Maternal intimate partner violence exposure and autonomic reactivity: Associations with positive parenting. *Journal of interpersonal violence*, 37(3-4), 997-1022. <https://doi.org/10.1177/0886260520922514>

Olaya, B., Ezpeleta, L., de la Osa, N., Granero, R., & Doménech, J. M. (2010). Mental health needs of children exposed to intimate partner violence seeking help from mental health services. *Children and Youth Services Review*, 32(7), 1004-1011. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2010.03.028>

Organização Mundial da Saúde. (2014). Global status report on violence prevention. Geneva: Autor.

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *The BMJ*, 372. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

- Patias, N. D., Bossi, T. J., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(4), 901-915.
- Reuben, J. D., Shaw, D. S., Neiderhiser, J. M., Natsuaki, M. N., Reiss, D., & Leve, L. D. (2016). Warm parenting and effortful control in toddlerhood: Independent and interactive predictors of school-age externalizing behavior. *Journal of abnormal child psychology*, 44(6), 1083-1096.
- Rosser-Limiñana, A., Suriá-Martínez, R., & Mateo Pérez, M. Á. (2020). Children exposed to intimate partner violence: association among battered mothers' parenting competences and children's behavior. *International journal of environmental research and public health*, 17(4), 1134. <https://doi.org/10.3390/ijerph17041134>
- Rosser Limiñana, A., Suriá Martínez, R., & Mateo Pérez, M. Á. (2018). Problemas de conducta infantil y competencias parentales en madres en contextos de violencia de género. *Gaceta Sanitaria*, 32 (1), 35-40. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2017.02.004>
- Samuelson, K. W., Krueger, C. E., & Wilson, C. (2012). Relationships between maternal emotion regulation, parenting, and children's executive functioning in families exposed to intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(17), 3532-3550. <https://doi.org/10.1177/0886260512445385>
- Sardinha, L., Maheu-Giroux, M., Stöckl, H., Meyer, S. R., & García-Moreno, C. (2022). Global, regional, and national prevalence estimates of physical or sexual, or both, intimate partner violence against women in 2018. *The Lancet*, 399(10327), 803-813. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)02664-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02664-7)

Semaan, I., Jasinski, J. L., & Bubriski-McKenzie, A. (2013). Subjection, subjectivity, and agency: The power, meaning, and practice of mothering among women experiencing intimate partner abuse. *Violence Against Women*, 19, 69-88.
Doi:[10.1177/1077801212475335](https://doi.org/10.1177/1077801212475335)

Silva, J. M. M. D., Lima, M. D. C., & Ludermir, A. B. (2017). Intimate partner violence and maternal educational practice. *Revista de saúde pública*, 51, 34.
<https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006848>

Soares, A. V. N., Arilo, L. D. M. C., da Silva Sousa, L., Paulo, S. A., & de Sousa Vale, A. T. (2022). Uma leitura da violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia da Covid 19. *Research, Society and Development*, 11(3). <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26703>

Swanston, J., Bowyer, L., & Vetere, A. (2014). Towards a richer understanding of school-age children's experiences of domestic violence: The voices of children and their mothers. *Clinical child psychology and psychiatry*, 19(2), 184-201.
<https://doi.org/10.1177/1359104513485082>

Sypher, I., Gershoff, E. T., & Hyde, L. W. (2022). Intimate Partner Violence and Parenting: Examining the Roles of Parenting Stress, Timing, and Maternal Abuse History. *Journal of Family Violence*, 37(2), 261-273.

Thiara, R. K., & Humphreys, C. (2015). Absent presence: The ongoing impact of men's violence on the mother-child relationship. *Child & Family Social Work*, 22(1), 137-145.

- Timmer, S. G., Ware, L. M., Urquiza, A. J., & Zebell, N. M. (2010). The effectiveness of parent–child interaction therapy for victims of interparental violence. *Violence and Victims*, 25, 486–503. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.4.486>
- Timmer, S. G., Thompson, D., Culver, M. A., Urquiza, A. J., & Alenhofen, S. (2012). Mothers' physical abusiveness in a context of violence: Effects on the mother–child relationship. *Development and psychopathology*, 24(1), 79-92. <https://doi.org/10.1017/S0954579411000678>
- Walsh, F. (2016). Family resilience: A developmental systems framework. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(3), 313–324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>
- Zarra-Nezhad, M., Aunola, K., Kiuru, N., Mulla, S., & Moazami-Goodarzi, A. (2015). Parenting styles and children's emotional development during the first grade: The moderating role of child temperament. *Journal of Psychology and Psychotherapy*, 5(5).

EDUCAÇÃO POSITIVA COM MÃES: UM ESTUDO DE VIABILIDADE DE INTERVENÇÃO REMOTA

RESUMO

A educação positiva relaciona-se com práticas parentais e seus efeitos, e implica um conjunto de ações importantes para controlar ou alterar a conduta e comportamento das crianças. O presente estudo teve como objetivo avaliar a viabilidade de um programa parental, “Educação positiva dos seus filhos”, em grupo na modalidade remota. Participaram oito mães com idade variando entre 37-45 anos ($M=40$; $DP=2,31$) e que tinham pelo menos um filho de 7 a 12 anos. A maioria se autodeclarou de cor branca (75%), casada (75%), com alta escolaridade (87.5% tinham pós-graduação), exerciam atividade remunerada fora do lar (87.5%) e contribuem para a renda familiar (85,7%). Em relação ao número de filhos, variou de 1 a 2 filhos ($M=1,87$; $DP=0,35$). As participantes foram recrutadas em redes sociais. Todas participaram de uma entrevista síncrona antes da intervenção, na qual responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado e a Escala de Tática de Conflito (CTS-2). Ademais, as participantes responderam ao Inventário de Estilos Parentais (IEP); Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança (SDQ) e Inventário de Depressão de Beck (BDI-II) antes e após a intervenção, enviados em um formulário google. Foram realizados oito encontros semanais (90 minutos/encontro) os quais eram conduzidos por cinco facilitadoras (duas conduziam e três ofereciam apoio técnico e observavam). As sessões tinham uma estrutura padrão: acolhimento; apresentação do tema da sessão; desenvolvimento do tema; estabelecimento de tarefa de casa; encerramento da sessão e avaliação do encontro. Para avaliar a Significância Clínica e Mudança Positiva Confiável dos escores foi utilizado o método JT. Para analisar o processo, foram analisadas as avaliações das sessões (versão participantes e facilitadoras), assim como a transcrição dos encontros. O presente estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas da UFSCar. Os resultados apontaram que para a maioria das participantes houve ausência de mudanças nas variáveis investigadas, em especial no SDQ. Alguns participantes apresentaram mudanças positivas confiáveis para depressão, comportamento moral, disciplina relaxada e punição inconsistente, por um lado, verificou-se que uma participante teve mudança negativa para negligência e disciplina relaxada e outra participante na variável abuso físico. A maioria das participantes avaliaram a intervenção como positiva, teve boa aceitação, e ficaram satisfeitas com a condução do programa. A intervenção parece ser promissora e viável na modalidade remota. O estudo revelou, entre outros fatores, que o horário, tempo, participação e número de sessões como fatores não controláveis, inclusive indicados pelas próprias mães, identificado no processo desta intervenção remota. Incluir mães e seus filhos, para intervenções grupais como individuais, e considerar uma plataforma web com informações, resumos, vídeos sobre os temas tratados, seria importante para aumentar a dinâmica da intervenção e engajar fortemente às participantes.

Palavras-chave: Educação positiva; mães; intervenção; prevenção; estilos parentais.

ABSTRACT

Positive parenting relates to parenting practices and their effects, and implies a set of important actions to control or alter children's conduct and behavior. The present study aimed to evaluate the feasibility of a remote intervention on positive childrearing. Nine mothers with ages ranging from 37-45 years ($M=40$; $SD=2,31$) and who had at least one child aged 7-12 years participated. Most of them were white (75%), married (75%), had a high level of education (87.5% had a graduate degree), were employed outside the home (87.5%) and contributed to the family income (87.5%). Regarding the number of children, it ranged from 1 to 2 children ($M=1.87$; $SD=0.35$). Participants were recruited from social networks. All participants participated in a remote synchronous interview before the intervention, in which they answered a semi-structured interview script and the Conflict Tactics Scale (CTS-2). Furthermore, the participants answered the Parenting Styles Inventory (PEI), the Child's Difficulties and Abilities Questionnaire (SDQ), and the Beck Depression Inventory (BDI-II) before and after the intervention, sent in a google form. There were eight weekly meetings (90 minutes/meeting) which were conducted by five facilitators (two conducted and three offered technical support and observed). The sessions had a standard structure: welcome; presentation of the session's theme; development of the theme; establishment of a homework assignment; closing of the session, and evaluation of the meeting. Data from the Inventories were analyzed using the JT Method, which assesses Clinical Significance and Reliable Positive Change scores. The present study was approved by the Research Ethics Committee of UFSCar. The results indicated that for most participants there was no change in the investigated variables, especially in the SDQ. Some participants showed reliable positive changes for depression, moral behavior, neglect, relaxed discipline, and physical abuse; and reliable negative changes for depression, inconsistent punishment, and relaxed discipline. Most participants rated the intervention as positive, good acceptance criteria, and were satisfied with the program. The intervention appears to be promising and feasible in the remote modality. The study revealed, among other factors, that the time, schedule and number of sessions as non-controllable factors, indicated by the mothers, identified in the process of this online intervention. Including mothers and children, for group and individual interventions, and considering a web platform with information, summaries, videos on the topics covered, would be important to increase the dynamics of the intervention and strongly engage the participants.

Keywords: Positive education; mothers; intervention; prevention; parenting styles

INTRODUÇÃO

Ser pai e mãe não é uma tarefa fácil. Ela requer investimento de tempo, energia e disposição. O conjunto de comportamentos utilizados pelos pais para cuidar, educar e promover o desenvolvimento de seus filhos é nomeado de formas distintas na literatura: práticas parentais, práticas educativas, práticas de cuidados e cuidados parentais (Macarini et al., 2010). O termo mais comumente utilizado nas pesquisas para descrever o processo de cuidado e socialização dos filhos por parte dos pais e mães é práticas educativas (Macarini et al., 2010), podendo elas serem positivas ou negativas (Schmid et al., 2016).

As práticas parentais positivas estão relacionadas a comportamentos que enfatizam a comunicação aberta, a expressão de afeto e que adotam estratégias de resolução de problemas, socialização e controle do comportamento das crianças, de forma construtiva (Gulliford et al., 2015). Já as práticas parentais negativas estariam relacionadas ao uso de castigos físicos, abuso psicológico, ameaças e negligência, podendo afetar as competências sociais e emocionais da criança (Asscher et al., 2008; Schmidt et al., 2016).

Guisso et al. (2019) destacam que a escolha da prática parental e a sua efetividade por parte dos pais podem contribuir para a baixa frequência ou a redução dos comportamentos inadequados dos filhos (por exemplo, agressividade, desrespeito às regras, birras, entre outros) e o aumento de comportamentos adequados (por exemplo, participação nas atividades domésticas, expressão de afeto, comportamento moral etc.). Ademais, práticas parentais negativas, como punição física e ameaças, parecem elevar a vulnerabilidade das crianças para sintomas internalizantes (depressão, ansiedade e queixas somáticas) e externalizantes (agitação, agressão e comportamentos antissociais) (Pacheco et al., 2005; Trepát, Granero, & Ezpeleta, 2014; Rose et al., 2018); sendo que sintomas internalizantes contribuem para o afastamento em

relação a outras pessoas, e os externalizantes podem incluir confrontos nos relacionamentos interpessoais (Coplan, Findlay, & Nelson, 2004; Tehrani et al., 2020).

Já as práticas parentais positivas, em especial comunicação, estabelecimento de limites e afeto, estão associadas à prevenção de problemas de comportamento e à promoção de habilidades sociais (Bolsoni-Silva, Loureiro, & Marturano, 2019), bem-estar emocional, comportamento pró-social, desenvolvimento de habilidades, competência de enfrentamento para as crianças e maior senso de eficácia para os pais (Begle & Dumas, 2011). A interação e comunicação entre pais e filhos, e o modelo de cuidado parental se baseiam em relacionamentos de qualidade entre pais e filhos (Williams, Santini, & D’Affonseca, 2014; Howell et al., 2015).

O modelo ecológico de Belsky é um modelo teórico frequentemente utilizado para compreender problemas de comportamento das crianças e a parentalidade. (Barroso & Machado, 2010; Belsky & Jaffee, 2006). Além de ter efeitos no desenvolvimento das crianças, este modelo ressalta três determinantes que podem influenciar direta ou indiretamente as práticas parentais: (1) fatores individuais dos progenitores (personalidade de pai, pai hostil, depressão, estresse e diferentes estados psicopatológicos), (2) características individuais da criança/adolescente (temperamento, irritabilidade e comportamento antissocial) e (3) características do contexto social que impactam a relação pai-filho (desemprego dos pais ou trabalho instável, relação conjugal não saudável, apoio social onde se encontra a escola e amigos) (Belsky & Jaffee, 2006). Portanto, o modelo propõe que os problemas de comportamento das crianças e as práticas parentais são interdependentes e multideterminados (Silveira & Wagner, 2011).

A educação positiva está relacionada com práticas parentais e seus efeitos, e implica um conjunto de ações importantes para controlar ou alterar a conduta e comportamento das crianças. Estas ações podem envolver monitoramento e supervisão dos pais em relação ao seu

filho, bem como a transmissão de valores culturais para que a criança discrimine comportamentos certos e errados (Seay, Freysteinson & McFarlane, 2014). Barlow e Coren (2018) destacam que a educação positiva está relacionada a índices mais elevados de autoestima, desenvolvimento cognitivo e educacional das crianças.

Os programas parentais constituem uma ferramenta utilizada para fomentar a educação positiva e estabelecem um tipo de intervenção educacional para os pais com o propósito de promover o bem-estar, a saúde mental e prevenir problemas de comportamentos das crianças (OMS, 2013; Sanders et al., 2014). A maioria dos programas parentais segue um mesmo marco teórico baseado na teoria de aprendizagem social de Bandura, e caracterizam-se por ser estruturados e apresentar intervenções mais eficazes (Sanders, 2014; Erices et al., 2021).

Dentre os programas com evidências de efetividade destaca-se o Programa de Paternidade Positiva, Triple P, desenvolvido pelo Professor Matthew R. Sanders e colegas em 2001 na Universidade de Queensland na Austrália para aumentar o conhecimento, habilidades e confiança dos pais para prevenir problemas comportamentais, emocionais e de desenvolvimento de seus filhos (Sanders, 2008). O programa fundamenta-se num sistema multinível composto por cinco níveis de intervenção, e os benefícios da aplicação do programa incluem: redução de problemas comportamentais e emocionais das crianças, bem como a melhora nos indicadores de saúde mental e autoconfiança dos pais (Sanders et al., 2014; Sanders, 2012).

O primeiro nível de intervenção, (Nível 1) objetiva conscientizar aos pais que tem interesse em receber informações sobre o processo do desenvolvimento dos seus filhos (Sanders et al., 2003). A campanha promocional utilizando recursos de mídia como: televisão (anúncio de serviço comunitário); rádio comercial; som de áudio; jornal; folhas de dicas e materiais publicitários impressos com a finalidade de promover as práticas parentais positivas na

sociedade; incentivar aos pais à participação no programa; desestigmatizar o processo de procurar ajuda para lidar com problemas de comportamento; aumentar a visibilidade do programa e promover a participação e envolvimento dos pais com o programa Triple P (Sanders, 1999).

O nível 2 tem como objetivo dissuadir o começo de problemas de conduta significativos. A intervenção seletiva é fornecida a pequenos grupos considerados em um tipo de risco específico por meio de serviços de atenção primária (Sanders et al., 2003). Os serviços são para fornecer programas parentais breves, dirigidos para pais com preocupações específicas sobre o desenvolvimento dos seus filhos com foco para a prevenção já que os pais veem os cuidados primários profissionais como fonte de informação e aconselhores confiáveis sobre questões de problemas emocionais e comportamentais infantis (Sanders, 1999).

A intervenção de nível 3 é uma estratégia de prevenção seletiva mais intensiva adequada aos pais com preocupações leves em relação ao desenvolvimento e sobre o comportamento, como, por exemplo, birras, treinamento de toalete e distúrbios do sono. Neste nível é necessário incorporar estratégias de treino de competências ativas para os pais (Sanders, 1999).

Já os níveis 4 e 5 são intervenções intensivas e combinados com as estratégias fornecidas para o treinamento das habilidades parentais (Sander, 1999). Enquanto na intervenção nível 4 está focado em famílias com filhos individualmente em risco, os pais são ensinados a fortalecer suas habilidades para utilizar instruções claras após o comportamento inadequado. E finalmente, o nível 5 Triple P está dirigido para famílias que apresentam fatores de risco específicos como conflitos conjugais, distúrbios mentais, estresse parental, depressão, ansiedade ou raiva. Este nível de intervenção procura ajudar os pais a determinar estratégias e superar obstáculos (Sander, 1999).

Como pode ser visto na descrição dos níveis de intervenção, o Triple P busca aumentar o fator de proteção por parte da família e prevenir ou reduzir fatores de riscos relacionados aos problemas graves, emocionais e comportamentais, apresentados durante a infância. As intervenções propostas baseiam-se nos princípios de aprendizagem social (Sanders, 1999). Os principais objetivos do Triple P são que os pais (1) desenvolvam habilidades, confiança, conhecimento e auto-suficiência para lidar com as condutas inadequadas dos filhos; (2) promover que o ambiente seja seguro e estimulante, sem exposição a conflitos e eventos violentos para as crianças; (3) a partir das práticas parentais positivas os pais devem promover e estimular o desenvolvimento intelectuais, competências sociais, linguísticas, emocional e comportamentais dos filhos (Sanders, 1999; Sanders et al., 2003). Tal programa é sugerido pela Organização Mundial da Saúde como uma intervenção eficaz, baseada em evidências, e que fornece aos pais estratégias parentais positivas para melhorar a qualidade da paternidade com as crianças. (OMS, 2013; Sanders et al., 2014). Ou seja, este programa multinível tem efeitos positivos em diferentes estruturas familiares, níveis socioeconômicos e culturais. (Erices et al., 2021; Sanders, 2012).

Baker et al. (2017) realizaram um estudo para analisar a eficácia do programa de parentalidade positiva (triple P) na modalidade online. O programa foi dirigido para pais de filhos de 2 até 9 anos de idade que apresentavam comportamentos inadequados ou disruptivos. Os participantes foram agrupados em grupo controle e experimental sendo 100 pais em cada grupo. Os resultados apresentados no estudo indicaram impactos positivos para reduzir estratégias parentais ineficientes e gerou aumento da confiança por parte dos pais para enfrentar e lidar com os comportamentos problemáticos dos filhos. Esses impactos foram avaliados durante os nove meses de seguimento após a intervenção. Realizar intervenções com programa parentais breve e com baixa intensidade na modalidade online pode trazer melhoras positivas e

significativas para melhorar a parentalidade e o comportamento dos filhos. E o benefício da intervenção online é que permite evitar deslocamentos para os participantes, menor custo do programa, menor tempo e maior adesão ao programa por partes dos pais (Baker et al., 2017).

Tal experiência relatada por Baker et al. (2017) amplia a possibilidade de se pensar na entrega de programas parentais. Nas últimas décadas, observa-se um crescimento muito rápido da tecnologia e seu impacto em nossa vida diária, como na saúde, trabalho e na educação (Torres et al., 2015). Durante o período de pandemia de Covid-19 a facilidade do acesso à tecnologia digital somada a necessidade gerada pelo impacto das medidas de restrição social decorrentes para evitar a propagação do vírus, favoreceu que programas de intervenção online se tornassem mais comuns e necessários (Canário et al., 2022). Tal acesso refere-se à entrega de informações baseadas na web, fóruns on-line e videoconferência, tal como o uso de aplicativos digitais (WhatsApp, Zoom, Google Meet) através de um smartphone ou computador (Canário et al., 2022).

Em particular, o uso da tecnologia para a implementação de programas de intervenção pode oferecer dois principais benefícios, quando comparado com a modalidade presencial: o aumento da acessibilidade aos participantes e a relação custo-benefício (Hall & Bieman, 2015; Canário et al., 2022). Levando em conta os programas de parentalidade, a modalidade online oferece vantagens para os pais que não podem conseguir acessar serviços em função de barreiras envolvendo distância, tempo e dinheiro. E, ainda, este tipo de programa pode envolver os pais de forma mais segura do que um programa de intervenção na modalidade presencial, escrita ou oral (Spencer, 2020; Canário et al., 2022).

Na literatura há uma quantidade significativa de programas de intervenção online baseados na educação positiva, na modalidade assíncrona (quando o programa existe numa plataforma na forma de página Web) ou remota de tipo síncrona quando os participantes

interagem com uma facilitadora. Tais como, o programa *Luso Group Lifestyle Triple P* (GLTP), o programa espanhol “Educar em Positivo”, outro programa *Luso Open Windows to Family* (JAF) (Spencer, 2020; Nunes et al., 2021; Canário et al., 2022; Torres et al., 2015). Geralmente, estes programas são dirigidos para pais que buscam apoio, formação, orientação para melhorar o desempenho e sua relação parental com seus filhos. Dentre seus principais efeitos observa-se a redução de comportamentos inadequados dos filhos, diminuição dos sintomas de estresse e depressão dos pais; e melhora na relação pais e filhos, com a diminuição de interações negativas (Agazzi et al., 2021; Nunes et al., 2021; Canário, 2022). Apesar dos resultados serem promissores, Spencer (2020) e Canário et al. (2022) destacam algumas limitações que devem ser consideradas nessa modalidade, como, por exemplo, o grau de instrução e o status econômico dos participantes. Por conta da facilidade de acesso a equipamentos eletrônicos e uma conexão de qualidade, tais programas podem atrair pais com rendas maiores e com maior escolaridade (Hall & Bieman, 2015; Spencer, 2020).

A maioria dos estudos voltados a avaliar programas de intervenção online foca em investigar como as competências parentais são afetadas quando a intervenção é conduzida ou entregue por um meio digital. Nesse contexto, programas tradicionais foram adaptados para sua aplicação online, por exemplo, o programa *Positive Parenting Program* (Spencer, 2020).

Outra forma de conduzir um programa que busca desenvolver a parentalidade através do uso de videochamada ou videoconferência. A maioria dos programas parentais que usam este recurso digital foi adaptada de sua versão presencial, mas mantendo todos os componentes principais. Um caso, de um programa de intervenção online que foi entregue totalmente por videochamada, foi realizado em Portugal durante a pandemia de Covid-19. Este programa parental denomina-se *Group Lifestyle Triple P* (GLTP) conduzido por uma plataforma digital Colibri (Zoom). Encontrou resultados semelhantes aos conduzidos de forma presencial

(Canário et al., 2021). Além de focar-se em melhorar as competências de parentalidade positiva, o GLTP faz misturas para fomentar um estilo de vida saudável em crianças. Neste programa, participaram oito mães de crianças com problemas de obesidade na faixa etária de 6 a 11 anos, recrutadas de um hospital universitário. Os objetivos foram explorar os resultados do escore de índice de massa corporal das crianças, para relacionar o peso com problemas comportamentais, conflito interparental e estilos parentais; e analisar a viabilidade de executar a intervenção remota através de meios digitais. A intervenção foi composta de 14 sessões com formato híbrido, onde dez sessões foram realizadas grupalmente em modo presencial com duração de 90 minutos e as últimas quatro sessões individuais de 20 minutos (por videochamada). Sendo um estudo piloto, por meio de seus resultados os participantes conseguiram identificar as mudanças positivas em relação a suas competências parentais e capacidade para melhorar sua nutrição e aumentar as atividades físicas dos seus filhos para melhorar suas qualidades de vida, e também os pais demonstraram responsabilidade de proporcionar um ambiente saudável (Canário et al., 2021).

Considerando, portanto, que a sociedade atual tem cada vez mais acesso à tecnologia e com o cenário da pandemia de Covid-19 e as consequentes medidas de isolamento e distanciamento sociais, muitas atividades tiveram que ser adaptadas para o ambiente remoto, a presente pesquisa buscou avaliar a viabilidade da aplicação remota do programa educação positiva dos filhos. Os motivos da escolha do programa foi porque apresenta resultados positivos na modalidade presencial (Williams et al., 2010; Santini & Williams, 2016; Pereira et al., 2013). Existe uma preocupação por parte das mães para melhorar suas estratégias para agir quando seus filhos apresentam comportamentos inadequados na sua vida diária. Já que 70% das crianças entre 5 a 14 apresentam problemas de comportamento (Souza et al., 2013).

Finalmente, investir em programa parentais permitirá melhorar o desenvolvimentos das crianças e auxiliar as mães a aprender novas habilidades.

O Projeto Parceria tinha como objetivo desenvolver e avaliar um programa para o ensino de habilidades maternas a mulheres com histórico de violência, com o objetivo último de prevenir problemas de comportamento em crianças que foram expostas à violência (Williams, Padovani & Brino, 2009). Composto por dois módulos: a) um módulo psicoterápico (com 8 sessões de duração), com o objetivo de analisar o impacto que a violência pode ter tido na vida da participante e empoderar essas mulheres para mudança; e b) um módulo educacional (8 sessões) para ensinar habilidades maternas (Williams, Padovani & Brino, 2009). Estudos nacionais que utilizaram o Projeto Parceria em diferentes contextos (Williams et al., 2010; Santini & Williams, 2016; Pereira, D’Affonseca & Williams, 2013) indicam que a estratégia adotada pelo Projeto Parceria parece ser eficaz, pois integra dois temas importantes a serem trabalhados com as mulheres vítimas de violência: os efeitos da violência sofrida e o manejo do comportamento de seus filhos. Partindo-se do pressuposto que um programa que desenvolva práticas educativas pode ser benéfico para mães com ou sem histórico de violência, a presente pesquisa se propôs a avaliar a viabilidade deste programa na modalidade remota. Este estudo com enfoque educacional busca, como em sua versão original, promover práticas parentais em mães com crianças em idade escolar, especificamente, buscando capacitar, orientar e apoiar as mães para melhorar suas habilidades parentais e, conseqüentemente, manter uma relação saudável para com seu filho.

Acredita-se que a execução de um programa online traz consigo benefícios, como a facilidade da acessibilidade dos participantes e a relação custo-benefício. Ademais, Vescovi et al. (2021) em uma revisão sistemática da literatura a respeito de estudos que investigaram os impactos da pandemia de Covid-19 na parentalidade e na saúde mental de pais e mães

verificaram que a pandemia teve um impacto significativo na saúde mental dos pais. Além das preocupações relativas à pandemia, a perda de apoio social decorrente das medidas de distanciamento social pode ter sido um fardo para a saúde mental dos pais, os quais tiveram que gerir as mudanças na rotina, especialmente relativas às atividades de ensino que passaram a ser majoritariamente desempenhadas remotamente.

Cumprir destacar que além de promover o bem-estar, aprendizagem social e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, um programa de intervenção deve ter critérios específicos que devem ser atingidos satisfatoriamente para considerar que um programa de intervenção cumpre com um rigor científico, por exemplo, aferidas a sua viabilidade e eficácia. No caso do estudo de viabilidade de um programa é necessário constatar o sucesso da intervenção para minimizar riscos que podem afetar a validade dos resultados da própria intervenção, os quais ajudam a determinar se uma intervenção pode realizar estudos de eficácia. (Durgante & Dell'Aglio, 2018; Bowel et al., 2009).

O presente trabalho, ao adaptar uma intervenção proposta para ocorrer presencial e individualmente para uma modalidade remota e em grupo, tem como primeiro passo a percorrer o estudo de viabilidade. Como critérios metodológicos que adotaremos como guia para o delineamento deste trabalho, serão analisados: (1) Aceitabilidade, a qual permitirá verificar como os participantes reagem (durante e após intervenção) através dos protocolos de avaliação dos participantes e facilitadoras, tal como o nível de participação e o envolvimento dos participantes nos encontros com os recursos fornecidos; (2) Implementação, permitirá avaliar as sessões, os materiais fornecidos (qualidade de recursos necessários) e os encontros.; (3) Praticidade, identificamos possibilidade de recursos (tempo e materiais), participantes escassos e/ou acesso limitado e a qualidade de implementação (Durgante & Dell'Aglio, 2018).

OBJETIVO

Avaliar a viabilidade do programa parental, “Educação positiva dos seus filhos”, na modalidade remota e em grupo.

MÉTODO

Esta pesquisa adotou um delineamento de natureza quase-experimental, caracteriza-se como um estudo transversal com amostra por acessibilidade ou por conveniência, amostragem não-probabilístico, estudo quantitativo-qualitativo.

Participantes

Vinte e quatro mães relataram interesse em participar da pesquisa. Dessas, 14 participaram de uma entrevista com a pesquisadora, sendo que 8 mães participaram de ao menos 5 encontros da intervenção. As participantes foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão e exclusão. Critérios de Inclusão: (1) ter filhos com idade entre 6 a 12 anos de idade; (2) ter acesso a um computador/ tablete /celular e conexão à internet; (3) disponibilidade de participar dos encontros semanais síncronos; e (4) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Critérios de Exclusão: (1) ter problemas psicológicos graves ou distúrbios psiquiátricos; (2) ter participado anteriormente de grupos voltados ao desenvolvimento de práticas parentais e (3) ter participado de psicoterapia.

Instrumentos

1. *Roteiro de Entrevista* adaptado de Williams (2010), com questões de caracterização da participante (a idade, sexo, ocupação, estado civil, escolaridade, etc.), grau de isolamento, autoimagem, planos, futuro do relacionamento, relacionamento com as crianças, condições de saúde da participante e sobre sua infância e família (ver Anexo A).

2. *Inventário de Estilos Parentais (IEP)*- (Gomide, 2006). Elaborado para identificar as práticas educativas e as estratégias utilizadas pelos pais para educar seus filhos, composto por 42 questões. Os participantes devem ler cada questão e responder se aquele comportamento *nunca* (0) aconteceu; *às vezes* (1) *ou sempre* (2) ocorre. Este instrumento contém sete práticas educativas, no qual, permitiu medir dois itens positivos (monitoramento positivo e comportamento moral) e cinco itens negativos (punição inconsistente, disciplina relaxada, abuso físico, supervisão negativa, negligência, e excesso de indulgência). Cada domínio de prática parental tem seis perguntas e o escore de cada domínio é mensurado a partir da soma dos itens que fazem parte daquele domínio. Assim, a pontuação varia de 0 a 12 pontos. Após o cálculo do escore em cada domínio, é calculado o índice de estilo parental (iep). Para tanto, soma-se às práticas positivas (monitoramento positivo + comportamento moral) e negativas (punição inconsistente + disciplina relaxada + abuso físico + monitoria negativa + negligência) e, em seguida, subtrai-se a soma das práticas negativas das positivas. O valor final é o IEP. Um IEP negativo é indicativo de práticas parentais negativas que neutralizam ou se sobrepõem às práticas parentais positivas. Já o IEP positivo indica uma forte presença de práticas parentais positivas que se sobrepõem às práticas negativas. O IEP pode variar de -60 (ausência de práticas positivas e presença total de práticas negativas) a +24 (presença total de práticas positivas e ausência de práticas negativas). Após a obtenção do IEP, deve-se analisar a tabela de dados normativos das práticas parentais, disponível no manual do instrumento, tanto para o escore total, quanto para os domínios do instrumento. A partir dessa análise obtém-se o percentual do IEP, o qual varia de 80-99 (estilo parental ótimo, presença de práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas); 55-75 (Regular acima da média), 30-50 (Regular abaixo da média) e 1-25 (risco). Os dados psicométricos revelaram coeficientes razoáveis de consistência interna, variando de 0,47 (monitoria negativa) a 0,82 (abuso físico).

3. *Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança* – SDQ versão para pais (Goodman, 1997; Fleitlich-Bilyk & Goodman, 2001). Instrumento para rastrear problemas de saúde mental em crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, sendo composto por 25 itens a serem respondidos pelo cuidador. Dez itens referem-se a recursos da criança em lidar com situações específicas, 14 indicam as dificuldades da criança e um item é considerado neutro. Este questionário refere-se aos acontecimentos dos últimos seis meses e abrange cinco subescalas (hiperatividade/déficit de atenção; ansiedade e/ou depressão; problemas de conduta, problemas de relacionamento com colegas e comportamento social positivo), com pontuações que variam de 0 a 10, sendo a pontuação total a soma de todas elas. Com base nos resultados, as crianças são classificadas em padrões considerados *normais*, *limítrofes* e *clínicos* de acordo com as tabelas normativas do instrumento.

O SDQ foi traduzido e adaptado para o Brasil. Woerner et al. (2004), descreveram os dados psicométricos sobre a validade e fidedignidade do SDQ no Brasil. Foram coletadas informações com pais e professores de 898 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, residentes na cidade de Campos do Jordão (SP). Para a amostra clínica, foram recrutados 87 pacientes de uma clínica em uma universidade na cidade de São Paulo. Os estudos de fidedignidade do SDQ no Brasil foram definidos pelo cálculo do alfa de Cronbach e teste reteste (amostra clínica de 17 participantes e intervalo médio de 20 dias entre as aplicações). Para o índice de consistência interna, o alfa de Cronbach apresentou, para as três versões utilizadas, valores próximos de 0,80 (valores para o escore total de dificuldades), sendo para o teste reteste a correlação de 0,79. Saur e Loureiro (2012) consideram que os dados indicam que o SDQ apresentou adequadas propriedades psicométricas aferidas para a população brasileira, sendo o instrumento considerado como uma boa alternativa de uso, sendo útil na investigação de problemas de saúde mental de crianças e adolescentes.

4. *Inventário de Depressão de Beck Segunda Edição (BDI-II) (Beck Depression Inventory – II)* (Beck, Steer & Brown, 1996, validado por Gomes-Oliveira et al., 2012): questionário de auto relato com 21 itens que avaliam a severidade da sintomatologia depressiva em uma escala tipo Guttman de 0 a 3. No estudo inicial, o coeficiente alfa de Cronbach para a escala total foi de 0,93 para pacientes e de 0,92 para estudantes universitários. A correlação entre os resultados de duas aplicações realizadas nos mesmos participantes, com uma semana de distância, foi de 0,93 (Smar, 2003). Apesar de o estudo original ter dividido as dimensões da escala em uma mais voltada a aspectos cognitivos e outra mais voltada a aspectos somáticos/afetivos, como ambas foram fortemente correlacionadas, a correção foi baseada na soma de todos os itens. Em relação aos pontos de corte, consideram-se valores entre 0 e 13 como “depressão mínima” ou “ausência de depressão”, valores entre 14 e 19 como “depressão leve”, valores entre 20 e 28 como “depressão moderada” e valores acima de 28 como “depressão severa” (Gomes-Oliveira et al., 2012).

5. *Escala de Táticas de Conflito (CTS-2)* da versão original de Straus et al. (1996) adaptada para o Português por Paiva e Figueiredo (2006). A escala é composta por 39 itens agrupados em pares de perguntas destinados ao participante e ao companheiro, perfazendo um total de 78 questões, com um formato breve e tempo de administração e resposta média entre dez a quinze minutos. Na presente pesquisa foram utilizadas apenas as perguntas destinadas ao companheiro, de modo a identificar uma possível vitimização por parte das participantes. A participante deveria ler o item e identificar o número de ocorrências durante o último ano, incluindo oito categorias de resposta, as primeiras seis destinadas a determinar a prevalência e cronicidade no último ano: [(1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3-5 vezes no ano anterior, (4) 6-10 vezes no ano anterior, (5) 11-20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior], e as restantes categorias destinadas a determinar a

prevalência global: [(7) não no ano anterior mas ocorreu anteriormente] e a inexistência deste tipo de abuso [(8) nunca aconteceu]. Os escores foram obtidos a partir da somatória dos itens em cada sub-escala (ver Anexo B). Logo, quanto maior o valor obtido, maior a prevalência e cronicidade.

Paiva e Figueiredo (2006) avaliaram a consistência interna da escala total e obtiveram um valor de alfa igual a 0,79 para a escala de perpetuação e de 0,80 para a de vitimização. Os resultados obtidos denotam elevados coeficientes de consistência interna para todas as escalas: abuso físico sem sequelas (alfa=.74), seguida das escalas de negociação (alfa=.71), agressão psicológica (alfa=.64), coerção sexual (alfa=.51) e abuso físico com sequelas (alfa=.47). A versão portuguesa destas escalas, analisada por Paiva e Figueiredo (2006) apresentaram índices de boa fidelidade e evidência confirmatória em termos de validade interna e externa.

6. *Diário de experiência* (Casarotto, 2021) - As participantes foram convidadas a compartilhar suas experiências em relação à maternidade e à educação dos seus filhos durante a intervenção a partir da plataforma digital WhatsApp, Foi criado um grupo entre a pesquisadora e a participante para que elas compartilhassem qualquer tipo de conteúdo: fotos, vídeos, textos, recomendações de filmes, relatos de experiências do dia a dia, entre outros conteúdos. Essa ferramenta foi proposta por Casarotto (2021), a partir do método proposto por Harper (2002), e tem como objetivo favorecer a reflexão das próprias participantes a partir de representações visuais compartilhadas por elas mesmas. De acordo com a pesquisadora, mesmo com a coleta realizada de forma remota, o Diário de Experiências favoreceu a aproximação das participantes com a pesquisadora, fazendo com que elas se sentissem à vontade em compartilhar momentos dos seus dias naquele espaço

virtual e contribuindo para uma melhor compreensão da visão das mesmas a respeito da maternidade (Casarotto, 2011).

7. *Questionário de avaliação do encontro – Versão para as Participantes (Anexo C)*: foi elaborado pela pesquisadora para obter um feedback das participantes a respeito das sessões. O questionário continha uma questões abertas e onze fechadas, elaborado pela pesquisadora para coletar informações sobre conhecimentos prévios do tema, tiveram oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista, avaliação da apresentação didática e qualidade da sessão, ofereceu algum conhecimento os assuntos desenvolvidos, sentiram que suas perguntas formuladas ou dúvidas foram respondidas pelas facilitadoras, deixaram sugestões, críticas e comentários adicionais, importância do assunto para trabalhar a educação positiva, e como sentiram-se participar no programa. Foram aplicados durante as sete sessões de intervenção, com duração de 5 a 10 minutos antes de finalizar a videocâmara em cada encontro.

8. *Questionário de avaliação após a intervenção - Versão para as participantes (Anexo D)*: foi elaborado pela pesquisadora com base na avaliação final do módulo 2 do Projeto Parceria (Williams, Maldonado & Araújo, 2008), contém nove questões abertas e sete questões fechadas para identificar se a intervenção atendeu as necessidades das participantes, receberam apoio suficiente e atenção, os temas apresentados e desenvolvidos contribuíram para melhorar sua relação com seu filhos, opinião livre em relação ao que acharam sobre o programa e os materiais, se o programa permitiu conhecer novas maneiras de educar seus filhos de forma a prevenir futuros problemas de comportamento, aspectos positivos e negativos do programa, e satisfação da sua participação. Foram aplicados durante as sete sessões de intervenção, com duração de 5 a 10 minutos depois de finalizar cada encontro.

9. *Questionário de avaliação após a intervenção – Versão para as Facilitadoras* (Anexo E): elaborada pela pesquisadora. Composto por 17 questões, sendo treze questões fechadas e quatro questões abertas. Foi utilizado o formulário criado no *Google Forms*, o qual permitiu coletar a avaliação da satisfação da condução, informações sobre as participantes, percepção sobre a satisfação das participantes e aquisição de novos conhecimentos, aspectos negativos da participação das participantes, aplicação da aprendizagem no processo de treinamento, experiência em conduzir a intervenção, aspectos positivos e negativos da intervenção. E satisfação e conforto facilitando. Foi aplicado na última sessão, com duração de 5 a 10 minutos depois de finalizar o encontro.

Procedimentos

Etapa 1 – Procedimentos éticos

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi desenvolvido conforme ao Comitê de Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos, Resolução nº466/2012 da CNS, a qual dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, foi submetido à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética para a sua apreciação (ver anexo F), tendo sido aprovado (processo nº.50217621.0.0000.5504).

Etapa 2 – Formação das facilitadoras

Cinco estudantes de graduação em Psicologia em psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cursando entre 5º e 7º semestre, com idade variando entre 20 e 24 anos ($M=21,6$; $DP=1,67$), foram recrutadas para participarem como facilitadoras da intervenção. Todas eram do gênero feminino e tinham experiência em atividades práticas profissionais (estágios), sendo que a maioria tinha alguma experiência em atividades de intervenção e/ou na condução de entrevistas. Em relação ao que motivou as participantes

participarem do projeto, foi relatado o interesse em temáticas relacionadas à maternidade e a respeito de parentalidade e educação positiva.

Foram realizados quatro encontros síncronos pela plataforma *Google Meets*, com duração de 2 horas por encontro, carga horária total de 8 horas (ver Tabela 1). Ao final de cada encontro as facilitadoras deveriam responder ao questionário de avaliação de sessão do treinamento e ao término da formação foi solicitado que elas respondessem um questionário de avaliação final em relação aos conhecimentos adquiridos, sobre o treinamento, o material, o conhecimento teórico, como sentiu-se, aspectos negativos e positivos do treinamento, e se o treinamento permitiu que iniciem com a intervenção. Ambos os formulários eram disponibilizados a partir de um link de acesso a um formulário Google.

Tabela 1. *Descrição das atividades realizadas durante os encontros de formação*

Encontro	Tema	Objetivo	Atividade	Recursos
1º	Roda de apresentação pessoal e apresentação do projeto	Abertura	Cada participante se apresentou indicando informações essenciais.	Não requer recursos
		Apresentação do projeto	Aula expositiva	Apresentação didática PowerPoint
		Apresentação dos critérios metodológicos	Aula expositiva	Apresentação didática PowerPoint
		Apresentação da Função das facilitadoras	Aula dialogada com a participação das facilitadoras	Apresentação didática PowerPoint
		Avaliação do 1º encontro	Responderam o formulário de avaliação	Formulário <i>Google Forms</i>
		Conhecer os Aspectos Teóricos	Aula expositiva	Apresentação didática PowerPoint
		Apresentação do processo da entrevista	Aula expositiva	Apresentação didática PowerPoint

2°	Aspectos teórico e adaptação online	Implementar e desenvolver a estrutura digital das sessões: 1, 2 e 3	Aula dialogada com a participação das facilitadoras	Lousa digital interativa
		Avaliação do 2° encontro	Responderam o formulário de avaliação	Formulário <i>Google Forms</i>
		Estabelecer e desenvolver a estrutura digital das sessões: 4, 5 e 6	Aula dialogada com a participação das facilitadoras	Lousa digital interativa
3°	Adaptação online do módulo-II	Avaliação do 3° encontro	Responderam o formulário de avaliação	Formulário <i>Google Forms</i>
		Estabelecer e desenvolver a estrutura digital das sessões: 7 e 8	Aula dialogada com a participação das facilitadoras	Lousa digital interativa
		Avaliação do 4° encontro	Responderam o formulário de avaliação	Formulário <i>Google Forms</i>
4°	Adaptação online do módulo-II	Encerramento e avaliação final do treinamento	Aula dialogada para tirar dúvidas e avaliação final	Formulário <i>Google Forms</i>

Fonte: Próprio autor

Ao longo do processo de treinamento, o vínculo entre as facilitadoras foi estreitando-se, mostrando boa dinâmica e bom desempenho entre elas para realizar as sessões de intervenção e passaram a contribuir de forma mútua, permitindo se organizar e elaborar estratégias para desenvolver suas funções durante a intervenção. Deste modo, o desempenho do grupo das facilitadoras demonstra que a participação e função de cada uma foi fundamental.

Etapa 3 – Recrutamento dos participantes

As participantes foram recrutadas através da divulgação em canais de divulgação da Coordenadoria de Comunicação Social-UFSCar, e por convites encaminhados em grupos de *whatsApp* e em páginas do *Facebook*. Na divulgação da pesquisa, havia uma breve descrição dos objetivos, forma de participação, os critérios de inclusão e um link de acesso a um formulário *Google*. Ao clicar no link disponibilizado elas tinham acesso a um formulário

Google Forms no qual inicialmente era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo G). Caso concordassem em participar da pesquisa após ler o TCLE, elas deveriam selecionar a opção “*Li e estou de acordo em participar da pesquisa*”. Ao clicar nessa opção, eram abertas questões para que elas preenchessem com informações pessoais (nome, idade, estado civil, escolaridade, se tinha pelo menos um(a) filho(a) entre 6-12 anos) e devia deixar o seu e-mail ou número de telefone para facilitar o contato para as etapas posteriores da pesquisa.

Etapa 4 – Coleta de dados pré intervenção

As participantes que atendiam aos critérios de inclusão, foram contatadas pela pesquisadora por e-mail, chamada telefônica ou por mensagens no aplicativo do *WhatsApp*. Nesse contato a pesquisadora agradeceu o interesse em participar da pesquisa, explicava os objetivos e a forma de participação e, caso a participante ainda mantivesse o interesse, era agendado um encontro síncrono remoto para a realização da entrevista inicial, em horário e dia escolhido pela participante.

Para garantir sua privacidade e sua segurança durante a realização da entrevista e, posteriormente das sessões de intervenção, foram cumpridos os seguintes combinados: (1) garantisse que seus filhos(as) estejam seguros durante o período da entrevista ou das sessões de intervenção. Sugeriu-se que escolha uma pessoa de confiança que possa assumir os cuidados das crianças durante esse período; (2) buscarem um local tranquilo, que ela esteja sozinha e/ou com pouca/nenhuma interrupção; e (3) usassem fone de ouvido durante os encontros síncronos, para permitir transmitir um áudio em alta qualidade, além de evitar que outras pessoas escutassem o áudio dos encontros e evitar incomodidades nas participantes.

As entrevistas síncronas foram realizadas pela pesquisadora e pelas facilitadoras que haviam participado da formação a partir da plataforma *Google Meets*. As entrevistas tiveram

duração de cerca de 60 minutos aproximadamente com a utilização do roteiro de entrevista semiestruturado descrito na seção instrumentos. As entrevistas foram gravadas e armazenadas na pasta do drive criado pela pesquisadora, mediante autorização da participante. Em seguida, foram enviados os links dos instrumentos (IEP, SDQ, CTS-2 e BDI-II) que foram criados utilizando o *Google forms* para facilitar as respostas das participantes.

Etapa 5 – Intervenção

Após a coleta de dados pré intervenção foi criado um grupo de bate-papo do *WhatsApp* e foram adicionadas todas as participantes e facilitadoras para possibilitar informar e compartilhar os links de acesso às sessões. As participantes foram consultadas quanto a disponibilidade de dias/horários para participar da intervenção, sendo selecionado o dia da semana e horário sugerido pelas mesmas.

Foram realizados oito encontros síncronos na plataforma *Google Meets*, com a duração de 90 minutos/encontro durante dois meses. Cada encontro tinha uma estrutura padrão: acolhimento; apresentação do tema da sessão; desenvolvimento do tema; estabelecimento de tarefa de casa; encerramento da sessão e avaliação do encontro. A Tabela 2 apresenta os objetivos e atividades desenvolvidas em cada encontro. Todas as atividades foram adaptadas da cartilha do módulo 2 do Projeto Parceria (Williams, Maldonado & Araújo, 2008) para a aplicação digital. Todos os encontros foram gravados, mediante autorização das participantes, e eram conduzidos por duas facilitadoras (estudantes do curso de psicologia da Universidade Federal de São Carlos, com experiência em atendimento clínico e treinadas para a condução da intervenção). Além das facilitadoras, havia três observadoras que realizavam registros dos encontros e davam apoio operacional. Ao final do encontro, era disponibilizado um link de acesso para o formulário de avaliação da sessão para as facilitadoras e para as participantes.

Cumprido destacar que ao longo da intervenção, as participantes foram convidadas a utilizar o Diário de Experiências (ver na descrição dos instrumentos)

Etapa 6 – Coleta de dados pós intervenção

Finalizada a intervenção, foi enviado para cada participante, inclusive aquelas que não completaram a intervenção, isto é, ter presença em ao menos três encontros, um link de acesso a um formulário *Google Forms*, no qual continha os instrumentos IEP, SDQ e BDI-II.

Etapa 7 – Análise de dados

Os dados quantitativos coletados foram analisados e calculados as medidas seguindo as especificações dos manuais de cada instrumento. Após, realizou-se uma análise comparativa entre os dados coletados nas etapas pré e pós- intervenção, foi utilizado PsicoInfo (<https://www.psicoinfo.ufscar.br/conteudo/o-metodo-jt>) a partir do método JT proposto por Jacobson e Truax (1992). O método implica descrever dois tipos de processos complementares, o primeiro permitiu verificar um cálculo da confiabilidade das mudanças ocorridas antes e após da intervenção, identificando o Índice de Mudança Confiável (IMC) e o segundo processo permitiu identificar o significado clínico das mudanças, a partir do processo podemos afirmar-se quando é efetivo a alteração. Somente as mudanças de confiabilidade são consideradas no caso que seja suficientemente forte para passar a margem de incerteza relacionada a erros da medida ou variabilidade (Del Prette & Del Prette, 2008).

Os dados das entrevistas e as sessões realizadas, foram transcritas e analisadas qualitativamente. A partir da leitura das transcrições, foram analisados descritivamente e agrupando de acordo aos tópicos: identificação sócio demográfica, grau de isolamento, autoimagem, relacionamento com as crianças, condições de saúde das participantes, dificuldades sobre a educação dos seus filhos e sobre sua infância e família. Além disso, foi

realizada uma análise descritiva e temática do diário de experiência sobre os conteúdos coletados durante a intervenção, foram recebidos e agrupados por categorias: relato em texto, áudios de autoria pessoal e fotos pessoais tiradas pelas mesmas.

Os dados coletados durante a avaliação dos encontros foram transcritos e analisados individualmente de cada participante e foram agrupados em categorias: avaliação do tema abordado, objetivo e atividades realizadas, avaliação do encontro e avaliação da condução das facilitadoras. Na avaliação após a intervenção foram respondidos tanto pelas facilitadoras como as participantes, foram coletados em relação: satisfação do encontro e do tema discutido, importância dos materiais fornecidos, aspectos positivos e negativos do programa.

Tabela 2. Conteúdo e aprendizagem de cada sessão do módulo que compõe o programa “Educação positiva dos seus filhos”

Sessões	Objetivo	Atividade- Perguntas	Exemplos	Dicas	Lição de casa
Sessão 1 Identificar o comportamento adequado	Ensinar seus filhos e filhas a se comportarem de modo adequado, aumentando as chances de ocorrência do comportamento adequado.	1.O que você faz quando seu filho se comporta de modo inadequado (Seu filho quebra a vidraça da vizinha ao atirar uma pedra)? 2. o que você faz quando seu filho se comporta de modo adequado (tira notas boas na escola ou ajuda nas tarefas domésticas)?	A sessão apresenta dois exemplos para identificar as diferenças entre uma ameaça e recompensa.	- A recompensa funciona de forma diferente com cada criança. - A recompensa deve ser apresentada imediatamente após a criança se comportar da forma adequada ou desejada.	Deverão preencher a folha de registro com os comportamentos positivos ou adequados que seu filho apresenta ao longo de um dia da sua rotina.
Sessão 2 A importância de valorizar o esforço dos filhos	Aprender a elogiar e valorizar o comportamento adequado dos filhos para que eles repitam o novo comportamento.	As mães deverão completar as frases: - De tudo o que meu filho faz, o que eu mais valorizo é _____ -Para mim, o momento mais difícil de elogiar e valorizar o que meu filho faz é _____ - Eu poderia elogiar mais quando meu filho faz _____	A sessão apresenta uma história de reflexão sobre um filho que pede um tempo ao seu pai para que fique com ele.	Nesta sessão não se colocarão dicas.	Nesta sessão não se colocarão lições de casa.
Sessão 3 Ignorar o comportamento inadequado	Aprender a não ignorar o comportamento inadequado, devem procurar ajudá-lo imediatamente e conversar com seu filho.	As mães deverão escrever exemplos de comportamentos que consideram certos ou errados dos seus filhos certos e errados, como elas costumam fazer com seus filhos.	A sessão apresenta exemplos de identificar comportamentos que ocorrem por dificuldades e NÃO podem ser ignorados.	As mães deverão aperfeiçoar sua capacidade de observar, e estar atenta sobre quando e quantas vezes a criança apresenta um determinado tipo de comportamento e se deve ignorar ou não.	Nesta sessão não se colocarão lições de casa.
Sessão 4 Estabelecer limites e regras	Aprender a estabelecer regras para o convívio com os filhos.	Nesta sessão, colocaremos as principais regras que as mães devem estabelecer, as considerações de alguns aspectos que devem considerar antes da escolha das regras, e deve-se escolher as regras quando não estiver com raiva ou quando seus filhos apresentarem comportamentos inadequados.	Apresenta exemplos de algumas medidas a serem aplicadas, quando a regra for quebrada ou desrespeitada.	-As mães precisam chegar a um acordo com o companheiro sobre as principais regras. -Deve-se considerar o número de filhos (regras comuns e específicas), a idade (regra em acordo com sua capacidade de compreensão). Explicar de maneira clara e, com calma, as regras da casa.	Deverão preencher a folha de registro dos comportamentos adequados e inadequados dos filhos. Farão uma lista das regras acordadas com o seu companheiro.
Sessão 5	Ensinar seu filho a se comportar adequadamente.	Nesta sessão, vamos explicar passo a passo para disciplinar seus filhos. E como podem	As mães aprenderam através de vários exemplos sobre deixar a criança sentir as consequências	As mães aprenderão estratégias de disciplina: mostraremos três técnicas de disciplina que, se foram usadas	Nesta sessão não se colocarão lições de casa.

Consequências negativas- disciplina		fazer para ensinar seu filho a se comportar adequadamente.	de seu comportamento e a perda de privilégios. E exemplos de erros de disciplina que devem ser evitados.	adequadamente, incentivarão seu filho a se comportar da maneira certa na maior parte do tempo.	
<p>Sessão 6</p> <p>Ensinar as crianças a se relacionar: Ensinar habilidades de resolução de problemas e controle</p>	Ensinar vários comportamentos a seus filhos, para que eles possam se comportar de maneira adequada em determinadas situações.	<p>Nesta sessão, apresentaremos casos e as mães deverão responder às três perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quais comportamentos de Eliana você considera que foram adequados? 2. Quais você considerou inadequado? 3. De que maneira você poderia ensinar seus filhos a se relacionar e se auto acalmar? 	As mães aprenderam através dos exemplos em relação a: ensinar as crianças a se relacionar, a ter boas maneiras, compartilhar ou repartir e a ter empatia.	<p>Nesta sessão, as mães aprenderam os seis passos para ensinar seus filhos a se relacionar.</p> <p>Também, as mães aprenderam instruções para relaxamento utilizando 16 passos.</p>	Nesta sessão não se colocarão lições de casa
<p>Sessão 7</p> <p>A importância da Monitoria Positiva e do Modelo Moral: Promovendo comportamentos cooperativos</p>	Ensinar sua criança a ter comportamentos voltados para a convivência em grupo, de forma saudável, com habilidades para solucionar problemas, com capacidade de conviver de maneira cortês, solidária e amigável com os demais.	Nesta sessão, abordaremos a importância de exercer a monitoria ou supervisão do filho que não seja autoritário. As mães aprenderam a acompanhar ou monitorar positivamente o crescimento dos filhos, onde deverão demonstrar afeto, carinho e atenção nas atitudes conjuntas dos pais e da criança.	<p>Nesta sessão, as mães vão refletir sobre a empatia, considerando, que é uma habilidade fundamental que se considera à pessoa ser capaz de se colocar no lugar do outro.</p> <p>Vamos ensinar às mães sugestões para o exercício adequado da monitoria positiva.</p>	Nesta sessão vamos mostrar dicas como: adquirir o hábito de conversar com seu(s) filho(s) sobre o dia delas), procurar observar com seu(s) filho(s) e ajudá-las) a resolver problemas, mesmo que estejam bastante envolvidas com os seus afazeres de trabalho ou pessoais, não deixar de dar atenção ao(s) seu(s) filho(s).	Nesta sessão não se colocarão lições de casa
Sessão 8	Últimos passos para o início de uma caminhada	Nesta sessão, as mães deverão demonstrar tudo o que aprenderam sobre assuntos trabalhos em cada sessão. A tarefa é responder, identificar os assuntos que lhe ajudarão na interação com as suas crianças.			

RESULTADOS

A Tabela 3 apresenta os dados de caracterização das participantes. Destaca-se que a todas as participantes foram atribuídos nomes de flores de modo a preservar a identidade das mesmas.

Tabela 3. *Caracterização e informações gerais das participantes*

	Idade	Idade do Filho(a)	Estado Civil	Cor	Nº Filhos	Escolaridade	Ocupação	Contribuição para a renda familiar
Margarida	39 anos	9 anos	Solteira	Parda	2	Ensino médio completo	Técnica administrativa	Pensão dos filhos e ela
Rosa	37 anos	10 anos	Casada	Branca	2	Pós-graduação	Professora do Ensino Superior	O casal
Orquídea	39 anos	7 anos	Casada	Branca	2	Pós-graduação	Professora do Ensino Superior	O casal
Violeta	45 anos	9 anos	Casada	Preta	2	Pós-graduação	Enfermeira	O casal
Camélia	40 anos	10 anos	Casada	Branca	2	Pós-graduação	Química	O casal
Tulipa	41 anos	7 anos	Casada	Branca	1	Pós-graduação	Professora e psicopedagoga	O casal
Gardênia	40 anos	12 anos	Casada	Branca	2	Pós-graduação	Do lar	O marido
Girassol	41 anos	12 anos	Separada	Branca	2	Pós-graduação	Professora do Ensino Superior	Ela e o parceiro atual

A partir da Tabela 3, pode-se observar que as participantes tinham idade entre 37 e 45 anos ($M=40$; $DP=2,31$), a variação da idade dos filhos foi entre 7 e 12 anos ($M=9,5$; $DP=1,92$). A maioria das participantes se autodeclararam de cor branca (75%), casada (75%), com alta escolaridade (87.5% tinham pós-graduação), exerciam atividade remunerada fora do lar (75%) e contribuem para a renda familiar (87.5%). Em relação ao número de filhos, variou de 1 a 2 filhos ($M=1,87$; $DP=0,35$), e todas moravam no interior de São Paulo (São Carlos, Riberão Preto, Sorocaba, Araraquara, Lorena, Vinhedo).

A Tabela 4 descreve as respostas das participantes relacionadas à percepção da autoimagem individual.

Tabela 4. *Autoimagem relatada pelas próprias participantes*

Participante	Qualidade	Defeitos
Margarida	Responsável	Impulsiva
Rosa	Trabalhadora	Autocrítica
Orquídea	Prestativa	Ansiosa
Violeta	Persistente	Exigência aos filhos
Camélia	Prestativa	Absorver os problemas de outras pessoas
Tulipa	Ativa	Impaciente
Gardênia	Altruísmo	Controladora
Girassol	Resiliente	Auto cobrança excessiva

Pode-se observar na Tabela 4 que as qualidades relatadas pelas participantes se dirigiam principalmente a si mesmas (responsável, resiliente, trabalhadora, persistente, ativa), e foram poucas qualidades focadas em relação ao outro (prestativa, altruísta). Alguns participantes descreveram e apresentaram dificuldades para definir suas qualidades, mas não apresentaram dificuldade para responder a pergunta sobre seus defeitos e denominaram como defeitos: ansiosa, impulsiva, impaciente, controladora, auto cobrança excessiva, autocrítica, exigente e envolvida com os problemas dos outros.

A Tabela 5 indica as condições de saúde das participantes no qual relataram sobre a frequência de consumo de álcool, drogas, e sua percepção em relação a sua saúde atual, ideação suicida e o impedimento.

Tabela 5. *Condição de saúde das participantes*

Participante	Consumo de álcool/ Frequência	Consumo de drogas	Saúde	Ideação suicida	Impedimento do suicídio
Margarida	Socialmente	Sim	----	Sim	Filhos
Rosa	Socialmente	Não	Hipotireoidismo	Não	Ausência de ideação suicida
Orquídea	Não	Não	----	Não	Ausência de ideação suicida

Violeta	Não	Não	Endometriose	Sim	Filhos
Camélia	Socialmente	Não	Hipertensão	Não	Ausência de ideação suicida
Tulipa	Socialmente	Não	----	Não	Ausência de ideação suicida
Gardênia	Socialmente	Não	----	Sim	Filhos e família
Girassol	Não	Não	----	Não	Ausência de ideação suicida

Conforme descrito na Tabela 5, a maioria das participantes (62.5%) consome bebidas alcoólicas em ocasiões sociais (apenas aos finais de semana ou momentos de lazer). Apenas uma participante (Margarida) relatou consumo de drogas, cigarro. Quatro participantes descreveram alguns problemas de saúde e estavam realizando acompanhamento médico. Três participantes (Margarida, Violeta e Gardênia) relataram ter tido ideação suicida, mas não ter planos, destacando que o que as impediria eram a família e seus filhos.

A Tabela 6 apresenta os dados a respeito das relações da participante com a família de origem, isto é, como elas descreviam a sua infância, o relacionamento com as figuras parentais (mãe/pai) e as práticas de disciplina coercitivas utilizadas pelos pais ao longo da infância das participantes.

Tabela 6. *Descrição da infância das participantes*

Participante	Infância	Ambiente	Pai	Mãe	Irmãos	Disciplina coercitiva
Margarida	Difícil	Conturbado	Ruim	Ausente	Ruim ---	Castigo corporal
Rosa	Boa	Bom	Ruim	Distante	Bom ---	Castigo corporal
Orquídea	Boa	Bom	Bom	---	Bom Amiga	---
Violeta	Boa	Bom	Bom	Amigo	Bom ----	----
Camélia	Difícil	Bom	Ruim	Distante	Ruim Punitiva	Castigo corporal
Tulipa	Difícil	Conturbado	Bom	---	Bom ----	Ameaça
Gardênia	Boa	Bom	Ruim	Distante	Bom ----	---
Girassol	Difícil	Ruim	Falecido	Falecido	Ruim Distante	Castigo corporal

Nota-se, na Tabela 6, quatro das participantes (Rosa, Orquídea, Violeta e Girassol) avaliaram sua infância de maneira positiva, mantendo boas lembranças vivenciadas, tendiam a considerar o ambiente familiar como bom, com lembranças de um ambiente harmonioso, de muitas brincadeiras com sua família, tranquilo e de cuidados. Quatro das participantes (Margarida, Camélia, Tulipa e Girassol) avaliaram sua infância negativamente indicando que foi difícil. Duas participantes que avaliaram a infância como difícil, avaliaram o ambiente familiar como conturbado (Margarida e Tulipa) e ruim (Girassol). Com exceção de Tulipa, todas as participantes que avaliaram a infância como difícil, avaliaram a relação com a mãe e com o pai como sendo ruim. Todas as participantes que descreveram a infância como difícil ou ruim, relataram o uso de disciplina coercitiva por parte dos pais. Os relatos dessas participantes estavam associados a falta de proximidade com os cuidadores e situações adversas na infância, como exposição à VPI, como pode ser observado no relato de Margarida: “*se a mãe estava bem tudo ia bem mas se ela estava mal tudo desandava. Era um ambiente com muitas brigas e agressões, mas que apesar de tudo também havia alegria*”. E de uso de drogas pelos familiares: “*meu pai era alcoólatra e tinha alguns constrangimentos, mas só nesses momentos em que ele exagerava nas bebidas*” (Tulipa).

A metade das participantes (Margarida, Rosa, Camélia e Gardênia) considerou o relacionamento com o pai como sendo *ruim*, destacando um relacionamento emocionalmente distante, com pouca comunicação, contato e tempo realizando atividades conjuntas. Em relação à mãe, cinco participantes (Rosa, Orquídea, Violeta, Tulipa e Gardênia) avaliaram o relacionamento como *bom*, e três participantes avaliaram ser *ruim*. As que consideraram o relacionamento com a mãe ruim descreveram que a mesma era emocionalmente distante, punitiva e ausente. Cumpre destacar que com exceção de Tulipa, todas as participantes que avaliaram a infância como difícil, avaliaram a relação com a mãe e com o pai como sendo ruim.

Todas as participantes tinham irmãos ou irmãs. Os dados da Tabela 6 indicam que quatro participantes (Margarida, Orquídea, Camélia e Girassol) descreveram o relacionamento com irmãos como sendo ruim, relatando uma relação distante e permeada por brigas.

Em relação às práticas de disciplina coercitiva utilizada pelos pais, quatro participantes (Margarida, Rosa, Camélia e Girassol) relataram o uso do castigo corporal e Tulipa relatou o uso de ameaças. Destaca-se que todas as participantes que descreveram a infância como difícil ou ruim, relataram o uso de disciplina coercitiva por parte dos pais.

A Tabela 7 apresenta a percepção das participantes quanto ao relacionamento com os filhos, como os pais relacionam-se com as crianças, as dificuldades que as mães tiveram ao educá-los e quais as causas que atribuíam a tal dificuldade que as participantes sentem que atrapalha o relacionamento.

Tabela 7. *Relacionamento entre pais e filhos*

Participante	Mãe/Filhos	Pai/Filhos	Dificuldade para lidar com comportamento/ Causa	Proximidade Mãe/Pai
Margarida	Ruim	Bom	Agressiva	Pai
Rosa	Bom	Bom	Exigente	Mãe
Orquídea	Bom	Bom	Permissiva	Mãe
Violeta	Bom	Ruim	Permissiva	Mãe
Camélia	Bom	Bom	Protetora	Mãe/Pai
Tulipa	Bom	Bom	Exigente	Mãe
Gardênia	Ruim	Bom	Exigente	Mãe/Pai
Girassol	Bom	Bom	Exigente	Mãe

Os dados da Tabela 7 indicam que Margarida e Gardênia relataram que o relacionamento delas com seus filhos era ruim, a Violeta indicou que o relacionamento dos pais com os filhos era ruim. De acordo com ela, o pai era explosivo e às vezes bravo demais. Quanto à percepção delas sobre a quem o filho(a) era mais próximo, apenas Margarida considerou que era com o pai e Camélia e Gardênia mãe e pai.

Ao serem questionadas ao que elas atribuíam a dificuldade delas em lidar com o comportamento dos seus filhos, quatro mães (Rosa, Tulipa, Gardênia e Girassol) se consideraram exigentes, duas permissivas (Orquídea e Violeta), uma protetora (Camélia), Margarida se considerou agressiva e relatou que quando voltou a morar sozinha com os filhos se percebeu muito mais impaciente e agressiva e com muita dificuldade de lidar com o comportamento do filho maior. Todas as mães relataram apresentar maior dificuldade de manejar o comportamento dos filhos e a forma como elas agiam estavam relacionadas a problemas de humor (agressiva) e estilos parentais inadequados (exigente, permissiva, protetora).

A Tabela 8 descreve as principais dificuldades das participantes no processo de educação dos seus filhos e sobre as dificuldades dos filhos no ambiente escolar.

Tabela 8. Dificuldades das participantes no processo de educação dos seus filhos e sobre dificuldades dos filhos no ambiente escolar

Participante	Principais dificuldades sobre a educação dos seus filhos	Rendimento	Problema na escola
Margarida	Dificuldades em fazer ele enxergar os limites.	Bom	Não
Rosa	Estabelecer limites sem exagerar (ex. com o celular) - dificuldade em determinar.	Bom	Não
Orquídea	Encontrar o equilíbrio entre ser uma mãe acolhedora, mas firme, com o mínimo de autoridade.	Bom	Não
Violeta	Dificuldade sobre a educação e as aulas online.	Mal	Sim (Baixo rendimento)
Camélia	Como abordar a questão de colocar limites.	Bom	Sim (Rebeldia)
Tulipa	Ter firmeza e conseguir dedicar mais tempo.	Bom	Não
Gardênia	Conflitos de geração e desinteresse	Bom	Não
Girassol	Dificuldade em abordar sem desvalorizar o que ela gosta.	Bom	Não

De acordo com a Tabela 8, todas as participantes relataram apresentar algum tipo de dificuldade em relação à educação dos seus filhos. A maioria das mães (Rosa, Orquídea, Violeta, Camélia e Tulipa) relatou dificuldades relacionadas aos comportamentos delas em estabelecer limites, ter firmeza nas decisões e ter tempo para interagir com os filhos. Duas mães (Margarida e Gardênia) descreveram dificuldades relacionadas aos filhos. Margarida relatou dificuldades do filho compreender os limites e Gardênia trouxe questões geracionais, isto é, por ter sido mãe em uma idade mais avançada, sente que essa questão influencia sobre lidar com questões de desenvolvimento da sua filha que estava na etapa pré-adolescência e seu filho de cinco anos. Ao serem questionadas a respeito do rendimento acadêmico dos filhos, apenas Violeta relatou que estava ruim, destacando um baixo rendimento acadêmico. Camélia indicou que sua filha estava apresentando problemas na escola, comportamento de rebeldia, sente dificuldade em manter a situação mais controlada sem que tenha um aspecto mais violento.

A Tabela 9 mostra os resultados relativos à escala de táticas de conflito. De acordo com Strauss (1990), as táticas de resolução de conflitos referem-se às ações utilizadas pelas pessoas em resposta a um conflito de interesses. Elas podem ser de negociação, conjunto de ações utilizadas para resolver um desentendimento a partir de uma argumentação racional, comunicação de afeto positivo ou expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo companheiro; ou de violência, isto é, um ato realizado com a intenção de causar dor/sofrimento à outra pessoa lesão, podendo ser psicológica, privação material, ou dano físico (Paiva & Figueiredo, 2006).

As estratégias violentas podem ser: (1) psicológica que consiste em recorrer a atos verbais (ameaças) e não verbais (simbólicos) com o intuito de magoar o outro; (2) abuso físico sem sequelas, como o uso da força física contra outra pessoa não resultando em dano físico; (3) abuso físico com sequelas, que difere do anterior pelas sequelas físicas resultantes do abuso

infligidas pelo companheiro, indicadas pela existência de dor continuada por mais de um dia, lesão de ossos ou tecidos que mereçam ou foi alvo de atenção médica; e (4) coerção sexual, enquanto comportamento cuja intenção é compelir o companheiro a envolver-se em uma atividade sexual indesejada (vaginal, oral ou anal), abrangendo atos coercivos que vão desde a insistência verbal, ameaças e uso da força física (Paiva & Figueiredo, 2006).

Tabela 9. *Escala de táticas de conflito - CTS-2*

	Negociação emocional	Negociação cognitiva	Agressão psicológica		Agressão física		Coerção sexual		Abuso físico com sequelas	
			Leve	Severo	Leve	Severo	Leve	Severo	Leve	Severo
Margarida	8	11	12	0	1	0	1	0	0	0
Rosa	11	9	10	0	1	0	0	0	0	0
Orquídea	13	6	2	0	0	0	0	0	0	0
Violeta	9	8	6	1	0	0	0	0	0	2
Camélia	17	15	7	0	0	0	0	0	0	0
Tulipa	14	14	8	0	0	0	0	0	0	0
Gardênia	18	8	4	1	0	0	0	0	0	0
Girassol	16	12	8	0	3	0	0	0	0	0

Os dados da Tabela 9 indicam que todas as participantes indicaram a presença com uma frequência alta de estratégias de negociação, tanto emocional quanto cognitiva. As estratégias de negociação emocional variaram de 8-18 ($M=13,25$; $DP=3,7$); já a cognitiva variou de 6-15 ($M=10,4$; $DP=3,2$). Em relação às estratégias de violência, verificou-se que todas as participantes identificaram que seus companheiros utilizavam alguma forma de agressão psicológica leve. A frequência variou de 2-12 ($M=7,12$; $DP=3,2$). Quanto à agressão psicológica severa, Gardênia e Violeta indicaram que a mesma havia ocorrido no ano anterior. Margarida, Rosa e Girassol relataram episódios de agressão física leve no ano anterior, nenhum dos casos com sequelas, Margarida relatou coerção sexual leve e Violeta indicou que sofreu abuso físico com sequelas severas.

As Tabelas 10, 11 e 13 mostram os escores dos instrumentos BDI-II, SDQ e IEP coletados e aplicados na etapa pré e pós-teste. Em cada tabela descreve-se os escores dos instrumentos, a interpretação do resultado e a média dos escores individualmente antes e após a intervenção.

Tabela 10. *Resultado dos escores de pontuação do Inventário de Depressão de Beck – BDI-II no pré e pós teste*

	Pré	Interpretação	Pós	Interpretação	Sig. Clin.	
Margarida	31	DS	8	AD	3.574	Mudança Positiva Confiável
Rosa	11	AD	3	AD	1.243	Ausência de Mudança
Orquídea	4	AD	6	AD	-0.311	Ausência de Mudança
Violeta	13	AD	20	DM	-1.088	Ausência de Mudança
Camélia	8	AD	6	AD	0.311	Ausência de Mudança
Tulipa	21	DM	9	AD	1.865	Ausência de Mudança
Gardênia	1	AD	3	AD	-0.311	Ausência de Mudança
Girassol	21	DM	20	DM	0.155	Ausência de Mudança

Nota: 0 e 13 como “ausência de depressão - AD”, 14 e 19 como “depressão leve - DL”, 20 e 28 como “depressão moderada - DM” e acima de 28 “depressão severa - DS” (Gomes-Oliveira et al., 2012).

Os dados apresentados na Tabela 10 indicam que o nível de depressão das participantes variou de 1-31 antes da intervenção (M=13,7; DP=10) e de 3-20 (M=9,37; DP=6,9) após a intervenção. Ao analisar as participantes, verifica-se que antes da intervenção a maioria das participantes (Violeta, Rosa, Camélia, Orquídea e Gardênia) apresentavam ausência de depressão. As participantes Girassol e Tulipa apresentaram depressão moderada e Margarida apresentou depressão severa. Após a intervenção, Girassol, Rosa, Camélia, Orquídea e Gardênia não tiveram alteração quanto ao nível de depressão. Já Margarida passou de depressão severa para ausência de depressão; Tulipa passou de depressão moderada para ausência de depressão; e Violeta de ausência de depressão a depressão moderada. Para verificar se as mudanças observadas poderiam ser atribuídas à intervenção, foi calculado o do índice de

mudança confiável no método JT. Foi observado que Margarida teve uma melhora que pode ser atribuída à intervenção.

A Tabela 11 apresenta os dados obtidos no Questionário de Capacidades e Dificuldades de seus filhos no pré e pós teste.

Tabela 11. *Resultado dos escores de pontuação total de dificuldade do Questionário de Capacidades e Dificuldades de seus filhos no pré e pós teste*

	Pré	Interpretação	Pós	Interpretação	Sig. Clin.	
Margarida	27	C	29	C	0.458	Ausência de Mudança
Rosa	26	C	18	L	-1.833	Ausência de Mudança
Orquídea	19	L	15	N	-0.917	Ausência de Mudança
Violeta	26	C	30	C	0.917	Ausência de Mudança
Camélia	24	C	24	C	0.000	Ausência de Mudança
Tulipa	23	C	16	L	-1.604	Ausência de Mudança
Gardênia	27	C	21	C	-1.375	Ausência de Mudança
Girassol	19	L	17	L	1.833	Ausência de Mudança

N: normais; L: limítrofes; C: clínico

Como pode ser observado na Tabela 11, a pontuação dos escores totais do SDQ variou de 19 a 27 (M=23,8; DP=3,3) no pré-teste e de 15-30 (M=21,2; DP=5,8) no pós teste. Verifica-se que as participantes Margarida, Tulipa, Violeta, Rosa, Camélia e Gardênia avaliaram as capacidades e dificuldades totais dos seus filhos em nível clínico e Girassol e Orquídea como limítrofe. Após a intervenção, Margarida, Girassol, Violeta, Camélia e Gardênia não tiveram alteração quanto à categoria de avaliação dos filhos, e Tulipa e Rosa passaram de padrão clínico para limítrofe; e Orquídea passou de limítrofe para normal. Para verificar se as mudanças observadas eram clinicamente significativas, foi conduzido o método JT e verificou-se que não

podem ser atribuídas melhoras ou piores devido à intervenção, sendo identificadas como ausência de mudança nas oito participantes.

A Tabela 12 apresenta os dados relativos às subescalas do SDQ (emocional, hiperatividade, problemas de conduta, comportamento pró social e problemas com colegas). Em relação à sub escala de problemas emocionais, verificou-se que os escores variaram de 1 a 7 (M=4,5; DP=1,8) no pré teste e de 2 a 5 (M=3,5; DP=0,9) no pós teste. Quanto à classificação, os filhos de Margarida e Violeta estavam em *limítrofe* antes da intervenção e após a intervenção todos se apresentaram dentro da classificação *normal*. Para a categoria Hiperatividade, os escores variaram de 1 a 10 (M=5,2; DP=2,9) no pré teste e de 2 a 7 (M=4,6; DP=1,5) no pós teste. De acordo com a avaliação das participantes, os filhos de Margarida e Violeta encontravam-se na categoria *clínica* e o filho de Gardênia *limítrofe* antes da intervenção, sendo que após a intervenção a avaliação dos filhos de Margarida e Gardênia foi na classificação *normal* e a de Violeta *limítrofe*. Destaca-se que Rosa avaliou que o filho estava dentro da classificação *normal* antes da intervenção, tendo passado para *clínico* após a intervenção. Na categoria Problemas com colegas, os escores dos filhos das participantes variaram de 0 a 3 (M=0,6; DP=1,0) no pré-teste e de 4 a 6 (M=4,5; DP=0,7) no pós teste. De acordo com a avaliação, todas as participantes classificaram a seus filhos como *normal* antes da intervenção e no pós teste foram classificados na categoria *Limítrofe* e a Margarida classificou o seu filho na categoria *Clínico*. Quanto à categoria de Comportamento Pró-social, a pontuação variou de 8-10 (M=9;0 DP=0,9) no pré-teste e de 4-10 (M=8,2; DP=1,9) no pós teste. Destaca-se nesta subescala o filho da participante Orquídea o qual, na avaliação da participante, passou da classificação *normal* para *clínico*.

Tabela 12. Resultado dos escores de pontuação das Subescalas do Questionário de Capacidades e Dificuldades de seus filhos no pré e pós intervenção

	Emocional				Hiperatividade				Problemas com colegas				Comportamento pro social				Problemas de conduta			
	Pré		Pós		Pré		Pós		Pré		Pós		Pré		Pós		Pré		Pós	
Margarida	7	L	5	N	9	C	5	N	1	N	5	L	9	N	9	N	3	N	3	N
Rosa	5	N	4	N	4	N	7	C	0	N	5	L	9	N	9	N	0	N	2	N
Orquídea	1	N	3	N	4	N	4	N	0	N	4	L	8	N	4	C	2	N	4	C
Violeta	6	L	2	N	10	C	6	L	0	N	4	L	10	N	9	N	4	L	5	C
Camélia	4	N	3	N	4	N	5	N	3	N	4	L	10	N	9	N	3	N	3	N
Tulipa	5	N	4	N	1	N	3	N	0	N	4	L	10	N	9	N	0	N	3	N
Gardênia	5	N	4	N	6	L	5	N	0	N	4	L	8	N	10	N	2	N	4	L
Girassol	3	N	3	N	4	N	2	N	1	N	6	C	8	N	7	N	1	N	1	N

N: normais; **L:** limítrofes; **C:** clínico

Na categoria Problemas de Conduta, os escores variaram de 0-4 (M=1,8; DP=1,4) no pré-teste e de 1-5 (M=3,1; DP=1,2) no pós teste. Em relação à classificação, o filho de Violeta passou de *limítrofe* para *clínico*; e os filhos de Orquídea e Gardênia de *normal* para *clínico* e *limítrofe*, respectivamente. A Tabela 13, mostra a pontuação dos escores total do IEP, dados comparados na etapa de avaliação pré-teste /pós-teste.

Tabela 13. *Resultado dos escores de pontuação total de Estilos parentais do instrumento IEP no pré e pós teste*

	IEP-Total Pré	A interpretação	IEP- Total Pós	A interpretação
Margarida	-2	Risco	2	RAb
Rosa	4	RAc	11	O
Orquídea	-1	Risco	-6	Risco
Violeta	7	RAc	5	RAc
Camélia	-3	Risco	9	Ac
Tulipa	-9	Risco	-3	Risco
Gardênia	15	O	13	O
Girassol	2	RAb	6	RAc

Risco: Estilo parental de risco; RAb: Estilo parental regular e abaixo da média; RAc: Estilo parental regular e acima da média; O: Estilo parental ótimo

Os dados da Tabela 13 indica que os escores das participantes no IEP antes da intervenção variou de -9 a 15 (M=1,6; DP=7,2) e de -6 a 13 (M=4,6; DP=6,6) após a intervenção. Quanto à classificação das IEP, nota-se que Tulipa e Orquídea não tiveram alteração, mantendo-se com estilos parentais de *risco* após a intervenção; e Gardênia que já apresentava estilo parental *ótimo*, manteve sua classificação. Como não foram encontrados dados normativos relativos à escala total do IEP, não foi possível analisar se as mudanças nos escores totais do instrumento foram clinicamente significativas.

As Tabelas 14 e 15 apresentam o desempenho das participantes em cada subescala do IEP. Na Tabela 14 encontram-se os dados das subescalas de monitoria positiva e comportamento moral e na Tabela 15, punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico.

Tabela 14. *Resultados das subescalas de monitoria positiva e comportamento moral*

	Monitoria Positiva				Comportamento Moral			
	Pré	Pós	Sig. Clin.	Interpretação	Pré	Pós	Sig. Clin.	Interpretação
Margarida	11	11	0.000	Ausência de Mudança	10	11	0.518	Ausência de Mudança
Rosa	11	11	0.000	Ausência de Mudança	10	11	0.518	Ausência de Mudança
Orquídea	7	8	0.470	Ausência de Mudança	2	6	2.074	Mudança Positiva Confiável
Violeta	12	12	0.000	Ausência de Mudança	8	12	2.074	Mudança Positiva Confiável
Camélia	11	12	0.470	Ausência de Mudança	11	12	0.518	Ausência de Mudança
Tulipa	10	10	0.000	Ausência de Mudança	10	10	0.000	Ausência de Mudança
Gardênia	12	12	0.000	Ausência de Mudança	12	12	0.000	Ausência de Mudança
Girassol	10	10	0.000	Ausência de Mudança	9	10	0.518	Ausência de Mudança

Os dados da Tabela 14 indica que as participantes tiveram seus escores variando de 7 a 12 (M=10,5; DP=1,6) no pré teste e 8-12 (M= 10,7; DP=1,3) pós teste na subescala de monitoria positiva; e de 2-12 (M=9,0; DP=3,0) e de 6-12 (M=10,7; DP=1,9) no pós teste para comportamento moral. Quanto à mudança clínica confiável, verificou-se que as participantes Violeta e Orquídea apresentaram mudança positiva confiável na variável comportamento moral que podem ser atribuídas à intervenção, indicando que as participantes tiveram melhoras nas práticas de disciplina relacionadas ao comportamento moral (ensinar valores como honestidade, empatia e senso de justiça aos filhos, auxiliando-os na discriminação do certo e do errado por meio de modelos positivos (Gomide, 2006).

Tabela 15. Resultados dos escores de pontuação das Subescalas punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico no pré e pós teste

	Punição inconsistente				Negligência				Disciplina relaxada				Monitoria Negativa				Abuso físico			
	Pré	Pós	Sig. Clin.		Pré	Pós	Sig. Clin.		Pré	Pós	Sig. Clin.		Pré	Pós	Sig. Clin.		Pré	Pós	Sig. Clin.	
Margarida	5	3	-1.073	AM	3	3	0.000	AM	2	4	1.038	AM	8	5	-1.284	AM	5	5	0.000	AM
Rosa	2	3	0.537	AM	4	2	-1.254	AM	2	1	-0.519	AM	7	5	-0.856	AM	2	0	-1.984	MNC
Orquídea	2	7	2.683	MPC	3	2	-0.627	AM	2	6	2.076	MPC	3	5	0.856	AM	0	0	0.000	AM
Violeta	2	3	0.537	AM	6	5	-0.627	AM	1	4	1.557	AM	4	4	0.000	AM	0	1	0.992	AM
Camélia	6	7	0.537	AM	6	1	-3.136	MNC	5	1	-2.076	MNC	6	5	-0.428	AM	2	1	-0.992	AM
Tulipa	8	7	0.537	AM	3	2	-0.627	AM	7	5	-1.038	AM	8	7	-0.428	AM	3	2	-0.992	AM
Gardênia	1	2	0.537	AM	1	2	0.627	AM	0	0	0.000	AM	6	7	0.428	AM	1	0	-0.992	AM
Girassol	2	3	0.537	AM	6	5	-0.627	AM	2	1	-0.519	AM	7	5	-0.856	AM	0	0	0.000	AM

AM: Ausência de Mudança; MPC: Mudança Positiva Confiável; MNC: Mudança Negativa Confiável

Em relação aos dados da Tabela 15, verifica-se que no início da intervenção os escores das participantes variaram de 1-8 (M=3,5; DP=2,5) e após a intervenção de 2 a 7 (M=4,3; DP=2,1) na subescala de punição inconsistente. Já para a subescala negligência os escores variaram de 1 a 6 (M=4,0; DP=1,8) no pré teste e de 1 a 5 (M=2,7; DP=1,4) no pós teste. Em monitoria negativa, variou de 3 a 8 (M=6,1; DP=1,8) no pré teste e de 4 a 7 (M=4,9; DP=1,8) no pós teste. Na subescala de abuso físico, os escores variaram de 0 a 5 (M=1,6; DP=1,7) no pré teste e de 0 a 5 (M=1,1; DP=1,7) após a intervenção. Finalmente, na subescala da disciplina relaxada os escores variaram de 3-8 (M=6,1; DP=1,8) no pré teste e de 4 a 7 (M=5,3; DP=1,0) no pós teste.

Quanto às mudanças clinicamente significativas, a maioria das participantes não apresentou mudanças clínicas significativas (n=5; Margarida, Violeta, Tulipa, Gardênia e Girassol), logo não podem ser feitas afirmações de melhora ou piora devido à intervenção. Já Orquídea obteve mudanças positivas confiáveis que podem ser atribuídas à intervenção nas variáveis disciplina relaxada (estabelecer regras e os próprios pais desrespeitar ou esquecer as mesmas (Gomide, 2006) e punição inconsistente (utilizar práticas educativas de acordo com o humor no momento e não contingente ao comportamento da criança, tendo como resultado confusão na discriminação dos comportamentos (Gomide, 2006). Camélia apresentou mudança negativa confiável, isto é, piora que pode ser atribuída à intervenção, em negligência (ser ausente, não se interessar pela vida dos filhos e não ter um papel significativo nelas (Gomide, 2006) e disciplina relaxada; e Rosa, mudança negativa confiável em abuso físico (usar de práticas corporais lesivas na tentativa de controlar o comportamento dos filhos, causando dor, machucados ou marcas na pele da criança (Gomide, 2006).

Tabela 16. *Resumo da Análise partir do método JT dos instrumentos BDI-II, SDQ e IEP*

Categorias		Etapas	Margarida	Girassol	Tulipa	Violeta	Rosa	Camélia	Orquídea	Gardênia
BDI-II	---	<i>Pré/Pós</i>	MPC							
Total SDQ	Emocional, Hiperatividade, Problemas com colegas, Comportamento Pró-social, Problemas de conduta.	<i>Pré/Pós</i>	---	---	---	---	---	---	---	---
	Monitoria positiva	<i>Pré/Pós</i>								
	Comportamento moral	<i>Pré/Pós</i>				MPC			MPC	
	Punição inconsistente	<i>Pré/Pós</i>							MPC	
IEP	Negligência	<i>Pré/Pós</i>						MNC		
	Disciplina relaxada	<i>Pré/Pós</i>						MNC	MPC	
	Monitoria negativa	<i>Pré/Pós</i>								
	Abuso físico	<i>Pré/Pós</i>							MNC	

MPC = Mudança Positiva Confiável *MNC*= Mudança Negativa Confiável

Avaliação do processo de intervenção

Para avaliar o processo da intervenção, foram aplicados formulários de avaliação dos encontros pelas facilitadoras e pelas participantes, os quais foram descritos anteriormente na seção instrumentos. A seguir serão descritas as sessões realizadas e as avaliações tanto das facilitadoras quanto das participantes.

A primeira sessão tinha como objetivo realizar a apresentação das participantes e das facilitadoras, estabelecimento das regras de funcionamento do grupo e a apresentação do projeto “Educação Positiva dos Filhos”. Participaram desse encontro 9 mães (Gardênia, Margarida, Rosa, Orquídea, Açucena, Girassol, Camélia, Violeta e Tulipa). Nesse primeiro encontro foi solicitado que cada participante descrevesse uma qualidade que elas identificavam no desempenho de seu papel como mãe. Para tanto, foi enviado um link de acesso a uma plataforma online de compartilhamento de apresentações (<https://www.mentimeter.com/app>). As participantes deveriam escrever uma qualidade e o programa, a partir das respostas das participantes, criava uma nuvem de palavras, a qual foi compartilhada com as participantes. A Figura 2 apresenta a nuvem de palavras desse primeiro encontro.

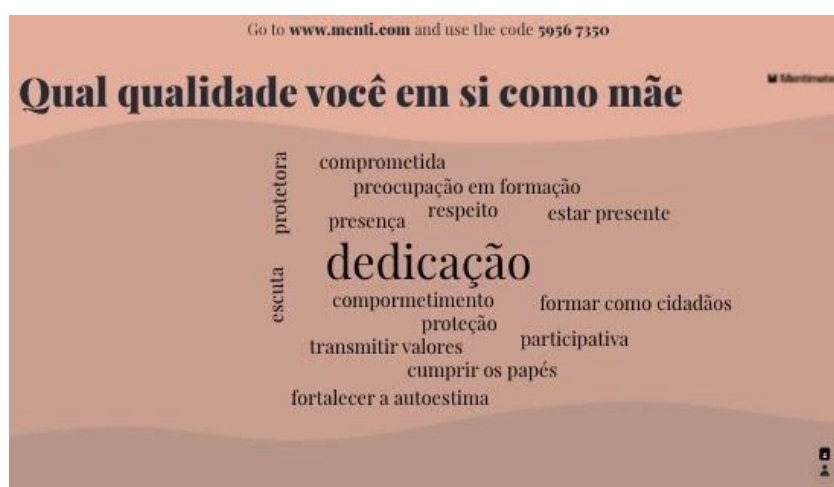


Figura 2. Nuvem de palavras sobre as qualidades que as participantes identificavam em si mesmas como mães

Na construção da nuvem de palavras foi inserido as palavras que cada participante acreditava ter de característica positiva como mãe (protetora, escuta, comprometida, preocupação em formação, presença, respeito, estar presente, comprometimento, formar como cidadãos, proteção, transmitir valores, participativa, cumprir os papéis e fortalecer a autoestima) foram as palavras indicadas uma vez, enquanto a palavra mais citada foi a dedicação.

Em seguida, iniciou-se uma apresentação a respeito dos comportamentos emitidos pelos filhos, os quais podem ser “positivos” e “adequados”. Foi enfatizada a importância de encarar com naturalidade a ocorrência de todos os comportamentos dos filhos e foram apresentados os princípios básicos do comportamento, em especial os conceitos de reforço e punição. Através de exemplos práticos, as facilitadoras apresentaram situações para que as participantes identificassem a diferença entre ameaça e recompensa. Além disso, foram apresentadas algumas dicas sobre como recompensar o comportamento adequado dos filhos.

A respeito do tópico desenvolvido, a participante Girassol indicou: *“Eu repreendo e a oriento a se colocar no lugar da pessoa e reparar o erro.* A participante Tulipa: *“Eu vou logo repreendendo, às vezes até com gritos e depois que explicou por que não deveria ter feito”.* Gardênia, Rosa e Margarida indicaram se identificar com a fala da Tulipa, muitas vezes elas respondem frente ao comportamento inadequado dos seus filhos com gritos e não conseguem se acalmar.

Foi solicitado que as participantes ao longo da semana, sempre que possível, registrassem os comportamentos positivos ou adequados que seu filho emitisse no dia a dia (desde quando acorda até a hora em que vai dormir), e elaborassem uma lista com itens que o seu filho realmente apreciava ou mostrava que gostava (brinquedos, brincadeiras, atividades, etc.). Esta atividade foi discutida no seguinte encontro.

Finalizando nosso encontro foi realizado o processo de avaliação. Todas as participantes tinham que responder nosso formulário criado no *Google forms*. A maioria das participantes (62.5%) indicou ter pouco conhecimento do tema desenvolvido nesta sessão, 12.5% indicaram ter algum conhecimento e 25% relataram ter bons conhecimentos. Todas consideraram que tiveram oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista. Todas avaliaram a apresentação didática e a qualidade dos conteúdos positivamente, sendo que 62.5% considerou excelente e 37.5% como boa.

Em relação ao que o encontro ofereceu aos participantes, a maioria (62.5%) relatou que foi possível adquirir alguns conhecimentos sobre o assunto e 37.5% indicou que permitiu inumeráveis conhecimentos sobre o assunto. Já na avaliação do encontro de modo geral, todas avaliaram positivamente o objetivo e as atividades (50% adequados e 50% muito adequados) e consideraram que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva (87.5% concordou totalmente e 12.5% concordou).

Todas as participantes avaliaram que as facilitadoras foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações. A maioria (75%) considerou que as facilitadoras durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro e 25% indicou que durante parte do tempo prendeu a atenção. Todas as participantes relataram se sentir satisfeitas com o encontro, sendo 75% muito satisfeita e 25% satisfeita.

Quanto à avaliação das facilitadoras do encontro, todas avaliaram que o encontro foi positivo, 80% julgaram o encontro excelente e 20% bom. Em relação ao objetivo e as atividades utilizadas neste encontro, todas avaliaram como excelentes e concordaram totalmente que a sessão foi importante para trabalhar a educação positiva. De acordo com a avaliação das facilitadoras, todas as participantes se engajaram com o material de apoio e os recursos;

acreditam que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes, e avaliam que as mães receberam a informação que queriam.

Em relação ao desempenho no encontro, todas as facilitadoras ficaram satisfeitas (60% satisfeitas e 40% muito satisfeitas); se sentiram confortáveis facilitando e/ou observando às mães durante o encontro e consideraram que a intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida. As facilitadoras indicaram sentirem-se felizes, satisfeitas, confortáveis, tranquilas e à vontade.

Cumpram destacar que todas as atividades planejadas para o encontro foram realizadas, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram adequadamente e as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro e as mães se engajaram nas atividades propostas. O tempo inicialmente proposto, uma hora, não foi suficiente, tendo sido necessário um tempo maior para completar a sessão. A partir desse encontro, foi estabelecido que as sessões teriam um tempo de duração de 1h30 minutos.

A segunda sessão iniciou com as boas vindas e um agradecimento pelo interesse e participação. Participaram desse encontro sete mães (Gardênia, Margarida, Tulipa, Orquídea, Camélia, Rosa e Violeta). Após o acolhimento inicial, foi apresentado o tema do encontro “A importância de valorizar o esforço dos filhos”. No início foi realizada uma apresentação a respeito da importância dos elogios e as participantes foram convidadas a compartilhar sobre o quanto elas elogiavam os filhos. Todas as participantes indicaram que não elogiavam seus filhos, como ilustrado nos excertos abaixo:

“Eu sempre esqueço de elogiar, mas sempre agradeço” (Violeta)

“Eu tenho dificuldade de elogiar, muitas coisas se acumulou como a pandemia, a falta de paciência e não saber como elogiar. Muitas vezes eu não elogio os pequenos esforços do meu filho” (Margarida)

A partir das falas das participantes, podemos perceber a dificuldade de elogiar os esforços dos filhos. Discutiu-se sobre os tipos de elogios que podem utilizar, destacando que o elogio é importante para a autoestima e motivação.

Em seguida, as participantes foram questionadas sobre o tipo de elogio que elas costumavam fazer para os filhos. Foi enviado um link de acesso a uma plataforma online de compartilhamento de apresentações (<https://www.mentimeter.com/app>). As participantes deveriam escrever o tipo de elogio que elas costumavam dar aos seus filhos e o programa, a partir das respostas das participantes, criava uma nuvem de palavras, a qual foi compartilhada com as participantes. A Figura 3 apresenta a nuvem de palavras. Verifica-se que as mães elogiaram comportamentos dos filhos relacionados a esforço, pró-atividade, capricho, dedicação e participação. As participantes indicaram que era muito difícil pensar nos tipos de elogios. Durante a atividade, Tulipa avaliou seu comportamento e identificou possíveis obstáculos que influenciavam a frequência do seu comportamento: "*Eu preciso elogiar mais, mas com o distanciamento social a rotina do meu filho tem sido muito diferente e é difícil por conta do tempo que fica na tela*" (Tulipa).

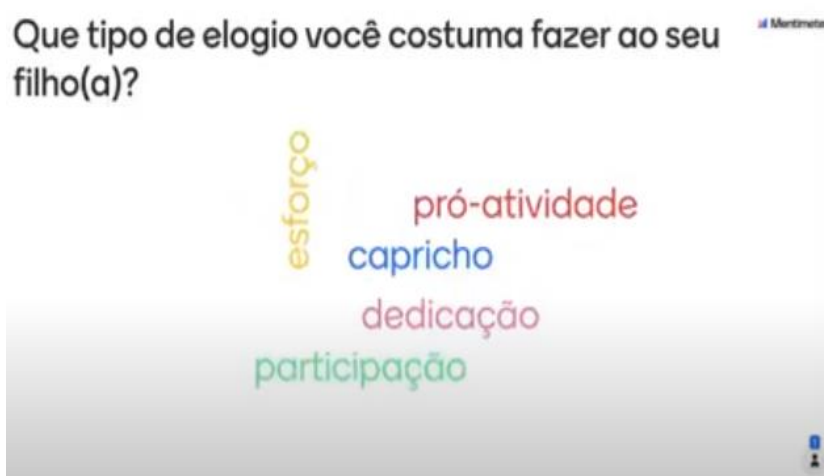


Figura 3. Nuvem de palavras sobre o tipo de elogio

Em seguida, foram apresentados slides a respeito da importância dos elogios e de valorizar os comportamentos dos filhos, dando sugestões e solicitando exemplos de ações que podem ser implementadas de modo a valorizar o comportamento dos filhos, como, por exemplo, dar pequenos presentes ou carinhos físicos (abraço, beijo, encostar, etc.); preparar a comida favorita da criança; expressar sentimentos como de alegria e satisfação; e prestar atenção à criança. Para finalizar o encontro foi apresentado um texto de reflexão presente na cartilha (Williams, Maldonado & Padovani, 2008), intitulado "Tempo para os filhos, uma mensagem aos pais".

Na avaliação do encontro, 42.9% das participantes relataram que tinham poucos conhecimentos, 42.9% algum conhecimento e 14.3% amplos conhecimentos sobre o tema abordado. A maioria (85.7%) avaliou que tiveram oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista e 14.3% indicaram que algumas vezes. As participantes avaliaram positivamente a apresentação didática e a qualidade dos conteúdos (71.4% considerou excelente e 28.6% boa), e 57.1% indicou que o encontro permitiu inumeráveis conhecimentos sobre o assunto e 42.9% alguns conhecimentos sobre o assunto. Todas as participantes (100%) concordaram totalmente que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva, sendo que 57.1% das participantes avaliaram o objetivo e as atividades utilizadas neste encontro como muito adequadas, 14.3% adequados e 28.6% muito inadequados. As participantes avaliaram positivamente as facilitadoras. Todas avaliaram que as facilitadoras foram claras em suas apresentações e em suas explicações e que durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro. A maioria (85.7%) considerou que as mesmas responderam satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe foram feitas ao longo do encontro. Todas as participantes se sentiram satisfeitas com o encontro, 85.7% muito satisfeita e 14.3% satisfeita.

Todas as facilitadoras avaliaram positivamente o encontro (66.7% excelente e 33.3% boa); os objetivos e as atividades utilizadas (50% excelente e 50% boa) e que o tema “A importância de valorizar o esforço dos filhos” foi importante para trabalhar a educação positiva (100%). Quanto à avaliação da participação das mães, todas consideraram que as mães participaram e se engajaram com o material de apoio e os recursos (50% concordam totalmente e 50% concordam); que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes (50% concordam totalmente e 50% concordam); e a maioria (82,7%) que as mães receberam a informação que queriam (66% concordam totalmente, 16.7% concordam e 16.7% discordam).

Todas as facilitadoras relataram se sentir satisfeitas com o encontro (50% muito satisfeitas e 50% satisfeitas); confortáveis facilitando e/ou observando às mães (66.7% concordam totalmente e 33.3% concordam); e que a intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida (66.7% concordam totalmente e 33.3% concordam). Por fim, as facilitadoras indicaram sentirem-se muito satisfeitas com o trabalho, permitiu apresentar tudo o que foi planejado, foi tranquilo e muito dinâmico, satisfeita com a interação das mães, feliz e confortável.

Destaca-se que o tema planejado foi trabalhado, todos os recursos adaptados para se trabalhar em grupo na modalidade remota foram utilizados e não tiveram intercorrências no seu funcionamento; as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro e as mães participaram ativamente das atividades. Nesse encontro, o tempo planejado foi suficiente para a condução.

O terceiro encontro contou com a participação de seis mães (Gardênia, Margarida, Tulipa, Rosa, Violeta e Girassol). Após o acolhimento das participantes, foi apresentado o tema da sessão “Ignorando o comportamento inadequado, colocando a importância de reconhecer

que é considerado certo e errado dentro da sua família”. Para introduzir o conteúdo, todas as participantes escreveram numa folha os comportamentos que ela consideravam como “certos”, por exemplo, brincar com amigos, fazer lição de casa, respeitar os mais velhos, etc. e “errados”, por exemplo, maltratar animais, comer de boca aberta, xingar, gritar, bater em alguém. Os excertos a seguir apresentam os comportamentos avaliados pelas participantes:

“Não gosto quando ela mente, quando está brava bate as coisas, tem resposta pra tudo mesmo estando errada” (Violeta)

“Eu vejo pontos bastante positivos em minha filha, mas o que mais me incomoda são o uso do celular e a falta de proatividade” (Gardênia)

“Falta de compromisso com as tarefas escolares, falta de proatividade para auxiliar nas tarefas domésticas, dedica muito tempo ao uso de internet, não questiona muito, mas é respeitosa com as pessoas, doce e carinhosa” (Girassol)

“Questionamentos em relação a tudo, com insistência para tentar me vencer pelo cansaço, além das provocações com o irmão. Começa como brincadeira, mas sempre acaba um dos dois chorando” (Rosa)

“Meu filho apresenta um comportamento que para mim não chega a ser inadequado, mas que me entristece ver, quando alguém o magoa, ele chora imediatamente, quietinho, se isola e não se expressa sobre o que aconteceu na hora, ficou tão sensibilizado que só bem depois do ocorrido consegue falar sobre” (Tulipa)

Em seguida, foi solicitado que as participantes respondessem um formulário disponível no *Google forms* a respeito dos comportamentos inadequados das crianças. Nesse formulário as participantes deveriam escolher um comportamento que seu filho/filha realizava e que elas consideravam inadequado e descrevê-lo. Em seguida relatar a situação em que ele ocorreu (quando?); a frequência; a consequência (o que acontecia depois) e, por último, a participante deveria julgar se seria um comportamento que poderia ser ignorado ou não.

A Tabela 17 mostra os comportamentos inadequados dos filhos que foram relacionados ao mau uso do celular, a falta de proatividade no lar, questionamentos ao realizar pedidos, a falta de respeito quando os pais falam sério ou quando é corrigida. Além disso, foi indicado o

comportamento inadequado a falta de enfrentar as situações e se sentir intimidado. Em relação à questão quando ocorre, foi indicado que diariamente e durante o dia, em momentos de realizar alguma tarefa, ao receber uma repressão ou quando é corrigido, e quando vivencia uma situação incômoda.

Sobre a frequência que esses comportamentos ocorrem, metade das participantes indicou todo o tempo, e a outra metade indicou em situações como duas ou várias vezes na semana, quando é corrigida ou sente-se intimidada. E as consequências foram ficar sem celular, cobrar para que realize uma atividade, ignorar o comportamento e procurar que o filho reflexione sobre sua atitude.

Após o registro anterior, foi solicitado responder a questão se acham que esse comportamento inadequado deve ser ignorado ou não. A maioria (83,3%) diz que sim concordam que o comportamento inadequado deve ser ignorado e 16,7% avaliam que não deve ser ignorado.

Tabela 17. *Apresenta as respostas das participantes registraram o comportamento inadequado de sua criança e observaram ou pensaram sobre esse comportamento e responderam:*

	Como é esse comportamento inadequado?	Quando ele ocorre?	Quantas vezes ele ocorre?	O que acontece depois que a criança faz o comportamento inadequado?
Gardênia	Uso indiscriminado do celular.	O dia todo	Todos os dias	Eu tomo o celular.
Girassol	Falta de proatividade para auxiliar nos afazeres domésticos.	Diariamente	O tempo todo	Tenho que ficar cobrando que ela faça algo, uma vez que todos os membros da família tem obrigações e não é justo que ela não faça nada.
Rosa	Questionar alguns comandos ou decisões.	Na hora de dormir, fazer tarefas,	De uma a duas vezes na semana	Eu tento argumentar. Mas quando ele insiste

		quando não é permitido fazer alguma atividade ou me recuso a comprar algo que ele pede.		muito, acabo dizendo que não pode e pronto e para de responder. Tento ignorar a partir daí. Ele ainda tenta insistir e muitas vezes acaba chorando. Deixo chorar até que se acalme.
Margarida	Responder ou fazer brincadeira ou piada até quando o adulto está falando sério	Alguma orientação ou repreensão sobre algo	90% das situações	Digo que não foi legal e peço para não agir daquela forma porque é falta de respeito, não tem graça e mágoa.
Violeta	Responder os pais, quando é corrigida	Quando a corrigimos ela está errada e não pode continuar desse jeito	Sempre quando tentamos corrigi-la de alguma ação incorreta	Na maioria das vezes eu pergunto porque ela fez aquilo ou eu chamo e pergunta você acha que isso é certo, sempre trago uma reflexão.
Tulipa	Não se defender diante de situações que o intimidam ou constroem.	Diante de situações em que fica constrangido ou que apanha de outros na escolinha, ele chora e não consegue expressar o que houve, somente depois que passou que explica o ocorrido.	Sempre que se sente intimidado	Explicou que ele tem que conseguir controlar o choro para poder se manifestar, mas isso ainda não conseguiu.

Na avaliação da sessão, 50% das participantes consideraram que tiveram pouco conhecimento abordado na sessão, 33.3% tiveram algum conhecimento e 16.7% tiveram bons conhecimentos. Todas consideraram que tiveram oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista; que a apresentação didática e a qualidade dos conteúdos foi excelente; que permitiu adquirir conhecimento sobre o assunto (50% inumeráveis conhecimentos e 50% alguns conhecimentos); e que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva. A maioria (83,3%) considerou os objetivos e atividades adequados (50% muito adequados, 33.3% adequados e 16.7% muito inadequados). Quanto a

avaliação do desempenho das facilitadoras, todas as participantes avaliaram que as facilitadoras sempre foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações e que durante todo o tempo prenderam a atenção das mesmas durante o encontro. E, finalmente, as participantes se sentiram satisfeitas com o encontro, 83.3% muito satisfeitas e 16.7% satisfeitas.

Todas as facilitadoras avaliaram a qualidade do encontro como excelente; consideraram o objetivo e as atividades utilizadas como excelentes e concordaram totalmente que a sessão de "Ignorando o comportamento inadequado" foi importante para trabalhar a educação positiva. Em relação à participação das mães, todas concordaram que elas se engajaram com o material de apoio e os recursos (83,3% concordam totalmente e 16,7% concordam); acreditam que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes (83,3% concordam totalmente e 16,7% concordam) e sentiram que as mães receberam a informação que queriam (100% concordam totalmente).

As facilitadoras, durante o encontro, ficaram 83,3% muito satisfeitas e 16,7% satisfeita; todas se sentiram confortáveis facilitando e/ou observando (83.3% concordam totalmente e 16.7% concordam); e julgaram que a intervenção e/ou observação foi bem-sucedida (83.3% concordam totalmente e 16.7% concordam). As facilitadoras indicaram sentir-se no encontro: muito satisfeita com a participação das mães e satisfeitas com os acolhimentos que realizaram, o encontro foi muito bem e foi super produtivo, e as mães têm se sentido cada vez mais à vontade.

O tema planejado foi trabalhado, todos os recursos adaptados para se trabalhar em grupo na modalidade remota foram utilizados e não tiveram intercorrências no seu funcionamento; as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro e as mães participaram ativamente das atividades. Nesse encontro, o tempo planejado foi suficiente para a condução.

Participaram do quarto encontro 8 mães (Gardênia, Margarida, Tulipa, Orquídea, Chuva de prata, Camélia, Rosa e Girassol). Após o acolhimento das participantes, deu-se início a apresentação do tema da sessão “Estabelecendo limites e regras”. Foi apresentado o conteúdo com exemplos e foram explicados com detalhes cada etapa para estabelecer regras: (1) estabelecer quais vão ser, dentro e fora do ambiente familiar, as principais regras da casa; (2) aspectos para determinar essas regras (número de filhos e idade) e (3) escolher um momento em que as participantes não estejam estressadas, com raiva, e que seus filhos não tenham apresentado comportamentos inadequados.

“Minha filha tem 12 anos. Me separei do pai dela quando ela tinha 1 ano e meio. Ela cresceu nos dois ambientes com regras diferentes e ela sabe que na casa da avó/pai ela pode tudo e aqui em casa não. Explicou que a parte "dura" eu faço, ela sabe que lá é diversão mas que sou eu que estou ao lado dela no dia a dia” (Girassol)

“Para motivar a ajuda nas tarefas tento incentivar essa ideia de trabalho em equipe: se todos colaborarem, todos poderão descansar mais rápido e conviver em uma casa bem cuidada” (Rosa)

Ao término do encontro foi solicitado que as mães, ao longo da semana, registrassem os comportamentos adequados e inadequados que seu(sua) filho(a) apresentava, as consequências para os comportamento e as reações que ele teve a essas consequências. Ademais, elas deveriam, após conversar com os filhos, elaborar uma lista das regras a serem estabelecidas em sua casa já acordadas com o seu companheiro.

As participantes avaliaram que o encontro proporcionou algum conhecimento (50%), pouco conhecimento (37,5%) e bons conhecimentos (12,5%). Todas julgaram que tiveram oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista (100%); a apresentação didática foi excelente (75%; 25%-boa); a qualidade do conteúdo do tema desenvolvido foi excelente (62.5%; 37.5% boa); foi possível adquirir algum conhecimento sobre o assunto (50% inumeráveis conhecimentos; 50% alguns conhecimentos); e a maioria (87,5%) avaliou que o

objetivo e as atividades utilizadas foram muito adequados e 12.5% muito inadequados. Todas as participantes (100%) concordaram totalmente que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva.

A maioria das participantes (87.5%) consideraram que as facilitadoras responderam satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe foram feitas e 12.5% avaliaram que poucas vezes apresentavam dificuldade para responder às perguntas que lhe foram formuladas. Todas avaliaram que as facilitadoras sempre foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações; e que durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro. E finalmente, 75% relatou se sentir muito satisfeita e 25% satisfeita com o encontro.

A maioria das facilitadoras (83.3%) avaliaram a qualidade do encontro como excelente e 16.7% foram avaliados com boa. Em relação ao objetivo e as atividades utilizadas neste encontro, 83.3% avaliou como excelentes e 16.7% como bons. Em relação ao conteúdo apresentado neste encontro, todas (100%) concordam totalmente que a sessão de "estabelecendo limites e regras" foi importante para trabalhar a educação positiva; que as mães se engajaram com o material de apoio e os recursos (66.7% concordam totalmente e 33,3% concordam); e que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes (100% concordam totalmente). 66.7% avaliou que concordam totalmente e 33.3% avaliaram que concordam que as mães receberam a informação que queriam,

Todas as facilitadoras se sentiram satisfeitas durante o encontro (83.3% muito satisfeitas; 16.7% satisfeitas); confortável facilitando e/ou observando às mães (66.7% concordam totalmente e 33.3% concordam); e julgaram que a intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida (66.7% concordam totalmente e 33.3% concordam). As facilitadoras indicaram sentir-se no encontro: bem, satisfeita, tranquila e à vontade de realizar as próximas intervenções.

O tema planejado foi trabalhado, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram, as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro, o encontro terminou dentro do horário, as mães participaram e as atividades planejadas foram realizadas.

Participaram do quinto encontro cinco mães (Gardênia, Tulipa, Orquídea, Chuva de prata e Violeta). Após o acolhimento das participantes, as facilitadoras realizaram um resumo dos temas abordados nos encontros anteriores. Em seguida, foi apresentado o tema do quinto encontro, consequências negativas- disciplina. Foi apresentado um material sobre como fazer para ensinar seu filho a se comportar adequadamente; elogiar quando a criança está fazendo a coisa certa; organizar o ambiente para seu filho se comportar de maneira adequada; monitorar (acompanhar) comportamentos e atividades do seu filho.

Neste encontro, foi fornecido passos para disciplinar a criança (1) Prestar atenção no comportamento adequado; (2) Decidir quando começar a disciplinar e não há uma idade para o início de se colocar limites, mas a criança deve ser disciplinada a partir do momento em que se comporte de maneira inadequada; (3) Decidir que comportamentos disciplinares e faça uma lista dos comportamentos considerados certos e errados de sua criança; e (4) Decidir como disciplinar: isso significa escolher a melhor maneira de disciplinar a criança, naquele momento.

“Utilizava um papel e caneta, junto a minha filha desenhamos as regras dentro de casa, exemplo, tratar as pessoas com respeito, minha filha desenho dos peixinhos e corações, para minha filha faz sentido esse jeito porque nessa idade não sabia ler” (Chuva de Prata)

Também, foram apresentadas estratégias de disciplina, foram discutidos três técnicas de disciplina que, se forem usadas adequadamente, vão incentivar seu filho a se comportar da maneira certa na maior parte do tempo, são essas as estratégias: deixar a criança sentir as

consequências de suas ações, dar um tempo” para a criança e retirar privilégios. A participante Violeta compartilhou a estratégia que utiliza com sua filha:

“Faz muito tempo que utilizo o cantinho do pensamento, porque minha filha é muito agitada e ansiosa e funcionava a estratégia. Conforme ela crescia comecei mudar o espaço, agora ela vai para seu quarto e não pode fazer nenhuma atividade, essa estratégia ajudou minha filha entender mais e refletir sobre o comportamento”

No encontro foi apresentado passo a passo em relação à perda de privilégios, os erros de disciplina que devem ser evitados e a consequência de bater ou não bater, utilizou-se exemplo: bater não faz a criança mudar de comportamento, pois não ensina alternativas de comportamento, bater ensina a criança que a agressão é uma forma aceitável para resolver problemas ou expressar raiva, bater gera sentimentos negativos na criança, etc.

Finalizando nosso encontro foi realizado o processo de avaliação, todas as participantes tinham que responder nosso formulário criado no *Google forms*. As participantes avaliaram sobre o conhecimento abordado na sessão foi 60% tiveram pouco conhecimento, 20% tiveram algum conhecimento e 20% tiveram bons conhecimentos. Em relação à oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista foi 100% que indicaram que sim, tiveram. As participantes avaliaram a apresentação didática do quarto encontro como excelente 80% e boa com 20%. Já na avaliação da qualidade do conteúdo do tema desenvolvido foi 80% excelente e 20% boa.

Em relação ao que o encontro ofereceu aos participantes, foi avaliado como 80% indicaram que permitiu inumeráveis conhecimentos sobre o assunto e 20% permitiu adquirir alguns conhecimentos sobre o assunto. Já na avaliação no modo geral, o objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 80% muito adequados, 20% muito inadequados. Todas as

participantes (100%) concordaram totalmente que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva.

Em relação à função das facilitadoras, avaliaram que 100% responderam satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe foram feitas. E avaliaram 100% que as facilitadoras sempre foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações. Assim também, avaliaram 100% as facilitadoras que durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro. E finalmente, as participantes avaliaram com 100% confirmando que ficaram durante o encontro muito satisfeitas.

No processo de avaliação da sessão realizado pelas facilitadoras, todas responderam nosso formulário criado no *Google forms*. A maioria das facilitadoras (83.3%) avaliaram a qualidade do encontro como excelente e 16.7% foram avaliados com boa. Em relação ao objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 83.3% avaliados como excelentes e 16.7% avaliado como boa. Em relação ao conteúdo apresentado neste encontro, foi avaliado (83,3%) concordaram totalmente e 16,7% concordaram que a sessão de "Consequências Negativas-Disciplina" foi importante para trabalhar a educação positiva. Em relação como avaliaram a participação das mães e se engajaram com o material de apoio e os recursos, indicaram 50% concordam totalmente e 50% concordam. E foi avaliado se as facilitadoras acreditam que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes, 83.3% indicaram que concordam totalmente e 16.7% concordam. Sobre a questão se sentiram que as mães receberam a informação que queriam, o 50% avaliou que concordam totalmente e 50% avaliaram que concordam.

As facilitadoras, durante o encontro, ficaram 83,3% muito satisfeitas e 16,7% satisfeitas. Em relação à questão me senti confortável facilitando e/ou observando às mães foi avaliado com 66.7% concordam totalmente e 33.3% concordam. Na questão sinto que a minha

intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida foi avaliado com 50% concordam totalmente e 50% avaliaram que concordam. As facilitadoras indicaram sentir-se no encontro: feliz com a contribuição das mães, segura sobre o material, satisfeita com as participações e sentiram-se bem.

Na avaliação do *check list*, foram todos avaliados com 100%, indicando que o encontro foi realizado, o tema planejado foi trabalhado, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram, as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro, o encontro terminou dentro do horário, as mães participaram e as atividades planejadas foram realizadas.

Na sexta sessão, iniciou-se com boas vindas, as facilitadoras realizaram um resumo para relembrar as sessões discutidas anteriormente. Após dar-se início da apresentação da introdução do tema: “Ensinando as crianças a se relacionar: ensinando habilidades de resolução de problemas e controle”. O encontro permitiu que as participantes compreendam como os pais se comportam, vai ser o modelo que seus filhos vão seguir para se comportar. É muito importante que as ações das mães sejam coerentes com o que você diz ser o correto pro seu filho. Participaram desse encontro 4 mães (Margarida, Tulipa, Violeta e Girassol).

Neste encontro, foi apresentado detalhadamente quatro passos para ensinar seus filhos a se relacionar: (1) o primeiro passo é dar oportunidade pro seu filho se comportar adequadamente, para ele aprender esse comportamento; (2) motivar seu filho a se engajar em um comportamento adequado; (3) apontar pro seu filho quando ele realizar um comportamento que considera adequado, que é o que a gente chama de reforço e esse reforço deve ser dado imediatamente quando o comportamento adequado da criança ocorrer; e (4) apresentar uma consequência imediata quando a criança não se engajar no comportamento adequado.

“Trouxe uma gestão que para ela é muito desafiadora, dar uma ordem direta e firme para seu filho já que muitas vezes seu filho questiona a ordem e ele responde que vai realizar na hora que ele quer, a participante não indica que faça a ordem agora, só solicita fazer a ordem e no final vira uma briga” (Margarida)

Depois, foi apresentada introdução em relação como lidar com a frustração através de exemplos do dia a dia. Por exemplo, se a criança não quer fazer a lição de casa, é importante você se acalmar e conversar com o filho, explicando por que ele deve fazer a lição, encontrando, outras maneiras de lidar com a situação que não a raiva. Em outra situação que o seu filho apresente raiva ou estresse, podem sugerir para a criança sair de uma situação que a deixou com raiva, contar até 10 e respirar fundo, diversas vezes. Também, foi apresentada uma técnica de relaxamento, como poderiam fazer para manter calmo e relaxados ao seu filho no momento de frustração, orientar seu filho a tencionar e, em seguida, relaxar certas partes do corpo, sempre partindo de uma extremidade a outra, por exemplo, de cima para baixo: primeiro a testa, passa pelo nariz, lábios, maxilar, pescoço, peito, e, assim, até que tenha relaxado todas as partes e chegue nos pés.

Na atividade foi apresentado um texto com a descrição de um caso, Eliane, mãe de três filhos. Ao término da leitura, as participantes deveriam responder quais comportamentos elas consideravam adequados, quais eram inadequados e de que maneira elas poderiam ajudar as crianças a se relacionar e acalmar a situação. A Tabela 18 apresenta as respostas das participantes.

O exercício foi proposto para que as participantes identificassem as causas dos comportamentos, de que porque têm comportamentos repetidos e ensinar a enfrentar alguma situação para direcionar aos filhos como deveriam agir em determinadas situações. Também o exercício permitiu retomar as técnicas que podem usar para a criança se auto acalmar e fortalecer os emocionalmente.

E para o fechamento do encontro, as mães participaram de uma sessão de relaxamento de tipo progressivo e respiração para que pudessem ensinar seu filho a se auto acalmar, quando for preciso, no momento de estresse, ansiedade ou raiva, a técnica é muito fácil e simples para liberar a tensão do todo o corpo. Foi compartilhado as instruções para relaxamento ao grupo de WhatsApp.

Tabela 18. *Respostas das participantes sobre o estudo de caso Eliane*

	Quais comportamentos considera que foram adequados?	Quais considera inadequados?	De que maneira você poderia ensinar seus filhos a se relacionar e se auto acalmar nessas situações?
Girassol	O fato dela instruir o filho a emprestar outra pipa que estava guardada.	Dizer que o menino não precisa dividir o leite.	No caso da menina que ficou chorando no chão. Quando se joga no chão seria aconselhável aguardar que ela se acalmasse.
Margarida	Concordo com a resposta da Girassol.	--	--
Violeta	--	Tirar a criança da situação, chamar de bobo e não dividir com sua irmã.	Respiração

Finalmente, foi realizado o processo de avaliação, todas as participantes tinham que responder nosso formulário criado no *Google forms*. As participantes avaliaram sobre o conhecimento abordado na sessão foi 50% tiveram pouco conhecimento, 50% tiveram algum conhecimento. Em relação à oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista foi 100% que indicaram que sim, tiveram. As participantes avaliaram a apresentação didática

do quarto encontro como excelente 100%. Assim também, na avaliação da qualidade do conteúdo do tema desenvolvido foi 100% excelente.

Em relação ao que o encontro ofereceu aos participantes, foi avaliado 50% indicaram que permitiu inumeráveis conhecimentos sobre o assunto e 50% permitiu adquirir alguns conhecimentos sobre o assunto.

Já na avaliação no modo geral, o objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 50% muito adequados, 25% adequados e 25% muito inadequados. Todas as participantes (100%) concordaram totalmente que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva.

Em relação à função das facilitadoras, avaliaram que 100% responderam satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe foram feitas. E avaliaram 100% que as facilitadoras sempre foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações. Assim também, avaliaram 100% as facilitadoras que durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro. E finalmente, as participantes avaliaram com 100% confirmando que ficaram durante o encontro muito satisfeitas. Comentários adicionais, relataram que o encontro foi muito bom, o assunto mais aprendido, as facilitadoras são excelentes, sempre ouvem e leem os comentários com atenção e no geral gostaram da sessão desenvolvida.

No processo de avaliação da sessão realizado pelas facilitadoras, todas responderam nosso formulário criado no *Google forms*. A maioria das facilitadoras (66.7%) avaliou a qualidade do encontro como excelente e 33.3% foram avaliadas com boa. Em relação ao objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 83.3% avaliados como excelentes e 16.7% avaliado como boa. Em relação ao conteúdo apresentado neste encontro, foi avaliado (100%) concordaram totalmente e que a sessão de "Ensinando as crianças a se relacionar: Ensinando habilidades de resolução de problemas e controle" foi importante para trabalhar a

educação positiva. Em relação como avaliaram a participação das mães e se engajaram com o material de apoio e os recursos, indicaram 83,3% concordam totalmente e 16,7% concordam. E foi avaliado se as facilitadoras acreditam que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes, 66,7% indicaram que concordam totalmente e 33,3% concordam. Sobre a questão se sentiram que as mães receberam a informação que queriam, 66,7 % avaliaram que concordam totalmente e 33,3% avaliaram que concordam.

As facilitadoras, durante o encontro, ficaram 66,7% muito satisfeitas e 33,3% satisfeitas. Em relação à questão me senti confortável facilitando e/ou observando às mães foi avaliado com 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordam. Na questão sinto que a minha intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida foi avaliado com 50% concordam totalmente e 50% avaliaram que concordam. As facilitadoras indicaram sentir-se no encontro: satisfeitas, muito ouvidas e valorizadas durante a condução, mas indicaram também, sentiram-se desconfortáveis porque houve pouca participação das mães no exercício.

Na avaliação do *check list*, foram todos avaliados com 100%, indicando que o encontro foi realizado, o tema planejado foi trabalhado, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram, as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro, as mães participaram. Foi avaliado com 83,3% o encontro terminou dentro do horário, e as atividades planejadas foram realizadas. Neste encontro o tempo estimado passou do estabelecido (1h30).

A sétima sessão iniciou-se com boas vindas e as facilitadoras retomaram o tema do encontro anterior. Em seguida, deu-se início a apresentação do tema: “A importância da monitoria positiva e do modelo moral: promovendo comportamentos cooperativos”. Participaram do encontro 5 mães (Tulipa, Camélia, Rosa, Violeta e Girassol).

Foi apresentada a introdução sobre monitoria positiva, a supervisão dos pais para garantir a segurança e o bem estar da criança. A monitoria positiva fala basicamente sobre supervisionar o desenvolvimento dos seus filhos, e o modelo moral sobre apresentar valores para as crianças.

“O mais difícil da monitoria positiva, é a monitoria de rede da internet, isso é uma coisa que me preocupa muito e eu tenho procurado sempre conversar, deixe ele ter WhatsApp aos 10 anos, mas foi combinado que se eu pedir, meu filho vai deixar dar uma olhada no WhatsApp. Mas é muito preocupante para mim” (Rosa)

Neste encontro foram apresentados e discutidos sobre dicas como: motivar as mães a terem o hábito de conversar com seu(s) filho(s) sobre o dia dele(s) na escola, perguntando a ele(s) como foi a aula, como foi a interação com o professor e com os colegas, se brincou, o que mais gostou etc. e observar seu(s) filho(s), ajudá-las) a resolver problemas, mas respeitando a individualidade e privacidade dele(s).

Já no modelo moral, foi discutido que deve ser oferecido para a criança por meio do diálogo entre o adulto e a criança sem preconceitos, e sem subestimar a compreensão da criança. Devem prevalecer as relações de respeito mútuo, sem o uso da coação do mais forte (adulto) sobre o mais fraco (criança). Se a criança vive relações de cooperação pode surgir a autonomia, ou seja, a criança será capaz de tomar decisões adequadas, por conta própria.

Também foram apresentadas sugestões e dicas para o desenvolvimento de um modelo moral adequado, por exemplo: Seu filho chega em casa com objeto ou com dinheiro que você sabe que não é dele, procure saber de quem é e por que está com ele e ensine-o a devolver.

Finalizando nosso encontro foi realizado o processo de avaliação, todas as participantes tinham que responder nosso formulário criado no *Google forms*. As participantes avaliaram sobre o conhecimento abordado na sessão foi 60% tiveram algum conhecimento, 40% tiveram

pouco conhecimento. Em relação à oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista foi 100% que indicaram que sim, tiveram. As participantes avaliaram a apresentação didática do quarto encontro como excelente 100%. Assim também, na avaliação da qualidade do conteúdo do tema desenvolvido foi 100% excelente.

Em relação ao que o encontro ofereceu aos participantes, foi avaliado 80% indicaram que permitiu inumeráveis conhecimentos sobre o assunto e 20% permitiu adquirir alguns conhecimentos sobre o assunto. Já na avaliação no modo geral, o objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 100% muito adequados. Todas as participantes (100%) concordaram totalmente que o conteúdo apresentado foi importante para trabalhar a educação positiva.

Em relação à função das facilitadoras, avaliaram que 100% responderam satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe foram feitas. E avaliaram 100% que as facilitadoras sempre foram muito claras em suas apresentações e em suas explicações. Assim também, avaliaram 100% as facilitadoras que durante todo o tempo prenderam a atenção durante o encontro. E finalmente, as participantes avaliaram com 100% confirmando que ficaram durante o encontro muito satisfeitas. Comentários adicionais, indicaram que o encontro foi enriquecedor e maravilhoso.

No processo de avaliação da sessão realizado pelas facilitadoras, todas responderam nosso formulário criado no *Google forms*. A maioria das facilitadoras (83.3%) avaliaram a qualidade do encontro como excelente e 16.7% foram avaliados com boa. Em relação ao objetivo e as atividades utilizadas neste encontro foram 83.3% avaliados como excelentes e 16.7% avaliados como boa. Em relação ao conteúdo apresentado neste encontro, foi avaliado 83,3% concordaram totalmente e 16,7% concordaram que a sessão de "A importância da Monitoria Positiva e do Modelo Moral: Promovendo comportamentos cooperativos" foi

importante para trabalhar a educação positiva. Em relação como avaliaram a participação das mães e se engajaram com o material de apoio e os recursos, indicaram 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordam. E foi avaliado se as facilitadoras acreditam que o conhecimento e compreensão sobre o tema tenha aumentado nas participantes, 83,3% indicaram que concordam totalmente e 16,7% concordam. Sobre a questão se sentiram que as mães receberam a informação que queriam, 66,7 % avaliaram que concordam totalmente e 33,3% avaliaram que concordam.

As facilitadoras, durante o encontro, ficaram 83,3% muito satisfeitas e 16,7% satisfeitas. Em relação à questão me senti confortável facilitando e/ou observando às mães foi avaliado com 66,7% concordaram totalmente e 33,3% concordaram. Na questão sinto que a minha intervenção e/ou observação foi muito bem-sucedida foi avaliado com 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordaram. As facilitadoras indicaram sentir-se no encontro: a vontade, foi muito bom o conteúdo, feliz com o fato de as mães demonstrarem confiar nas facilitadoras, perguntando sobre várias coisas, tirando dúvidas.

Na avaliação do *check list*, foram todos avaliados com 100%, indicando que o encontro foi realizado, o tema planejado foi trabalhado, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram, as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro, as mães participaram, o encontro terminou dentro do horário e as atividades planejadas foram realizadas.

Na última sessão, "Último passo para o início de uma caminhada", iniciou-se com boas vindas. As facilitadoras deram um resumo dos principais pontos das sete sessões discutidas, relembando estratégias e dicas importantes de cada encontro. Participaram do encontro 7 mães (Tulipa, Orquídea, Chuva de prata, Camélia, Rosa, Violeta e Girassol).

Após realizar uma apresentação breve das sete sessões anteriores, as mães tinham que demonstrar tudo o que aprenderam sobre os assuntos trabalhados em cada sessão e identificar e relatar os assuntos que lhe ajudarão na interação com as suas crianças ao longo da intervenção. Por isso, foi solicitado responder voluntariamente a pergunta: *os temas ensinados durante os encontros, o qual foi útil para vocês? e qual foi a sua experiência?*

“Eu adorava dar um sermão, tenho aprendido a me controlar. Agora tenho tomado mais cuidado de fazer falas muito mais curtas, destacando de forma clara o que não foi legal, mas sem estender minha fala - exemplo: Isso que você fez não foi legal, espero que a próxima vez procure melhorar, você sabe a forma correta de agir” (Rosa)

“Sobre as regras, montei com eles (filhos), a gente fez uma lista dos combinados com eles participando, e perguntado, se está faltando uma coisa, o que vocês acham e começaram aparecer coisas que não esperava, exemplo meu filho maior indicou: economizar energia, tem que apagar todas as luzes se não for necessário. Meu Filho menor indicou: precisamos conversar mais, podemos colocar bater papo um dia”.
(Rosa)

“Eu gostaria de agradecer, foi um grande aprendizado que tive. Muitas coisas consegui colocar na prática e ainda estou seguindo. Mudaram várias coisas, Eu elogiava e chamava atenção ao mesmo tempo, hoje eu tenho a percepção que não devo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Também, comecei a dar tempo para falar com minha filha, deixo toda minhas atividades e saímos caminhar e conversamos sobre o dia dela, da escola ou alguma coisa que ela quer conversar. Eu sinto que mudou meu relacionamento com ela, sinto mais proximidade. Eu nunca imaginei que isso estava atrapalhando ela e agora sinto que mudou o comportamento dela, ela está mais carinhosa e para mim é muito gratificante. Eu agradeço a intervenção de vocês, e ser parte do grupo e as trocas com as mães a gente termina aprendendo muito” (Violeta)

“Eu também gostaria de agradecer, o grupo de intervenção chegou no momento que eu precisava, eu senti que formam uma rede de apoio. Os temas apresentados e a teoria, os relatos das mães sobre que dá certo ou não dá certo, eu fui aplicando na prática, no dia a dia e senti que não estava sozinha. O grupo me trouxe a luz da importância do tempo, minhas filhas normalizaram a correria e que a mãe não tem tempo pelo trabalhar. Participar da intervenção meu trouxe coisa positiva que devo agregar no dia a dia, os assuntos que a gente conversou e eu vou sentir muita falta do grupo porque

mesmo fazendo terapia, mas é muito diferente aqui eu ouço a experiência das outras mães e me ajuda pensar que também tem outras mães que passam pela mesma situação e como elas resolvem, realmente me ajudou muito” (Girassol)

“Eu quero agradecer às facilitadoras, em relação aos assuntos apresentados eu conhecia um pouco e são verdades, mas tinha temas que eu não sabia, e foi muito enriquecedor para mim aprender. Falando da minha experiência pessoal, colocar as regras e as consequência junto minha filha, realmente foi uma prática e experiência muito boa” (Chuva de prata)

“Eu também queria agradecer a todos vocês pelo apoio, ensinamentos, foi muito produtivo. Participar da intervenção me tirou um pouco do automático, eu comecei a prestar mais atenção, fazer algumas coisas que eu não gosto e também olhar mais individual, a gente que tem mais de um filho muitas vezes acaba tratando a todos da mesma maneira, temos que olhar e ouvir mais a cada um. Comecei a colocar na prática de ouvir minhas filhas individualmente e não coletivo que fazia antes, isso foi muito positivo para elas, sentem-se mais confiantes e valorizadas. Isso foi o que comecei a prestar mais atenção após nossos encontros” (Camélia)

Foi realizada a dinâmica na nuvem de palavras em relação à qualidade como mães, os dados foram comparados e apresentados junto à nuvem de palavras da primeira sessão (Ver Figura 2). A dinâmica permitiu que as mães identificassem outras qualidades que tinham, mas não identificavam no primeiro momento e se lembrarem das qualidades indicadas no primeiro encontro. A palavra mais relatada pelas participantes foi a dedicação e na nuvem de palavras realizada no último encontro, teve como destaque atenção e amiga, e as outras palavras indicadas foram paciência, escuta, protetora, companheira, amor e dedicação. A Figura 4 representa a nuvem de palavras desse último encontro.



Figura 4. Nuvem de palavras sobre as qualidades das mães

Finalizando nosso encontro foi realizado o processo de avaliação, todas as participantes tinham que responder nosso formulário criado no *Google forms*. As participantes avaliaram que concordam 100% que a intervenção atendeu às suas necessidades e sentiram que receberam apoio suficiente das facilitadoras durante o programa.

Em relação como se sentiram após a intervenção com escala de 1 a 10, verificou-se 2 (28,6%) indicaram um escala 8, 2 (28,6) apontaram um escala 9 e 3 (42,9%) indicaram uma escala 10. Todas as participantes (100%) indicaram que concordam totalmente que os tópicos desenvolvidos contribuíram para melhorar sua relação com o seu filho. Além disso, também mostraram que concordam totalmente que em todo momento da sua participação sentiram e receberam boa atenção e bom trato por parte das facilitadoras. Sobre o programa, foi respondido a questão o que acharam do programa “Educação positiva dos seus filhos”, relato por parte das participantes: *Esclarecedor e acolhedor* (Girassol); *excelente, tenho interesse por novas pesquisas e temas* (Camélia); *Ótimo, se estendesse mais ficaria traria mais riquezas ainda* (Tulipa); *super legal e contribuiu muito para o meu maternal* (Orquídea); *muito acolhedor e prazeroso* (Violeta); *excelente, uma grande oportunidade de troca de experiências, de escuta e empatia com as outras mães. Muito amor e acolhimento envolvido* (Rosa); *achei incrível,*

acredito que deva ser repetido e estendido para faixas de idade, voltado só para pais, e etc. Também acredito que é interessante desenvolver algo em relação a uma criação livre dos estereótipos e preconceitos (em relação a pessoas com deficiência, ao machismo, racismo, LGBTfobia, gordofobia, etc.) - (Chuva de prata).

As respostas em relação ao que acharam dos materiais utilizados nos nossos encontros todas consideraram os mesmos adequados (Girassol, Camélia, Orquídea, Tulipa, Violeta, Chuva de Prata e Rosa), sendo que Rosa sugeriu *Talvez fosse possível em uma atividade futura, pensar em distribuir textos curtos dentro das temáticas, além da explanação das facilitadoras* (Rosa).

Tendo em vista que os objetivos do programa eram conhecer novas maneiras de educar seus filhos, de forma a prevenir futuros problemas de comportamento, em que medidas estes objetivos foram alcançados numa escala de 1 a 10. A maioria das participantes (85,7%) indicaram um 10 e só uma participante (14,3%) indicou a escala 9. De modo geral, todas as participantes (100%) apontaram que concordam totalmente que se sentiram satisfeitas com o programa. A Tabela 19 apresenta a avaliação das participantes sobre o programa

Tabela 19. *Avaliação das participantes sobre o programa Educação Positiva dos filhos*

Relato	Participante
Me sinto mais apta a lidar com os problemas.	Girassol
Me ajudou a ser uma mãe mais racional em vez de somente emocional, pois passei a ter um contexto após o curso	Tulipa
Eu não tinha noção o quanto a educação positiva faria tanta	Violeta

diferença no comportamento da minha filha

Considero que foram passadas várias técnicas importantes para alcançar esse objetivo. Naturalmente, cada mãe e cada família tem sua própria realidade, portanto sempre há algo não contemplado ou que pode ser aprimorado.

Rosa

Comentei no último encontro sobre como utilizar uma das ferramentas apresentadas fez com que eu me aproximasse de uma necessidade da minha filha de 6 anos e que ela leu a primeira frase (o título de um livro) dois dias antes do último encontro! A ferramenta de acoplar as regras as consequências, que eu tinha muita dificuldade também foi extremamente útil e passamos a nos respeitar e respeitar as regras da casa ainda mais com essa ação conjunta

Chuva de prata

A Tabela 19 mostra avaliação positiva e satisfação sobre programa que foi desenvolvido durante oito encontros, os relatos foram relacionados às mudanças na maternidade que as participantes sentiram como lidar com os problemas de comportamento, sentir-se mais racional em vez de somente emocional, perceberam que a educação positiva pode influenciar no comportamento dos seus filhos, aquisição de conhecimento e aprendizagem através das experiências das outras participantes e aplicaram no dia a dia cada tema discutido que fez mudança na suas vidas.

A seguinte Tabela 20 Resposta das participantes sobre os aspectos positivos e negativos do programa de intervenção "Educação positiva dos seus filhos"

Tabela 20. *Avaliação das participantes a respeito dos aspectos positivos e negativos do programa*

Aspecto Positivo	Aspecto Negativo	Sugestão de mudança	Participante
Acolhimento e informações baseadas em ciência	----	Que fosse um programa permanente.	Girassol

Melhorou minha atenção em rotina	O dia da semana acaba competindo com atividades em família.	Se possível gostaria que fosse de noite durante a semana.	Camélia
Me fazer mais confiante	----	Mais encontros	Tulipa
Melhorar a forma que me vejo como Mãe.	Encontros aos domingos. Não consegui participar de muitos	Alterar data de encontros sincronia	Orquídea
Traz uma realidade que às vezes não percebemos devido a correria da vida	Pouco tempo	Mais encontros	Violeta
Escuta, acolhimento, possibilidade de se perceber na mesma situação de outras mães, transmissão de estratégias já estudadas e validadas.	O horário dos encontros, para mim em particular, foi complicado. Mas na proposta propriamente dita, não vejo aspectos negativos.	Entrega de textos (livres para quem quiser) junto com os resumos e com as apresentações.	Rosa
Apoio Técnico e Pessoal, uma conversa descontraída e troca de informações, dinâmicas e exemplos da realidade, saindo só da teoria.	Acredito que muitos formulários e outras coisas para preencher, muitas vezes escrevendo não conseguimos dizer e relatar tudo como num áudio ou uma conversa por vídeo chamada, por exemplo. Acredito que para os próximos pode se pensar em um formato diferente para avaliação.	Mencionei uma na pergunta anterior, também sugeriria uma gravação da parte de apresentação, para podermos revisar não só o material, mas a fala das facilitadoras.	Chuva de prata

A Tabela 20 mostra a avaliação positiva e negativa do programa de intervenção, as participantes indicaram como aspecto positivo acolhimento e informações baseadas em ciência, melhoraram sua atenção durante a rotina, confiante e melhorou a percepção como mãe, identificaram suas dificuldades que muitas vezes não perceberam pelas atividades exigidas dentro da vida, aprendizagem de estratégias utilizadas pelas outras participantes, receberam apoio grupal e troca de informações através da teoria e exemplos do dia a dia.

Dentro do aspecto negativos foi indicado que o dia domingo acabou atrapalhando suas atividades em família, não conseguiam participar muito e foi muito complicado. Em relação ao tempo do encontro (1h30) foi pouco, e finalmente indicaram que foi complicado preencher os formulários e as atividades já que não é possível relatar suas experiências só através do relato escrito, portanto, tiveram necessidades de utilizar áudio ou conversa por vídeo chamada para realizar essas atividades.

Em relação às sugestões de mudança do programa foi indicado pelas participantes que fosse um programa permanente ou que tivesse mais encontros, sobre o horário foi indicado noite durante a semana, sobre os materiais devem-se entregar textos, resumos e outros materiais utilizados em cada encontro, e fornecer a gravação dos encontros.

As facilitadoras avaliaram a qualidade do encontro final com 100% excelente. Assim mesmo, foi avaliado 100% concordaram totalmente que os conteúdo apresentado “Últimos passos para o início de uma caminhada” foi importante para trabalhar a educação positiva. Em relação de um modo geral, os objetivos e as atividades utilizados no encontro foram 83,3% excelente e 16,7% boa. E 66,7% indicaram sentir-se muito satisfeita participar do encontro e 33,3% satisfeita.

As facilitadoras concordaram totalmente (100%) que as mães estavam engajadas com o material de apoio e recursos. Além disso, 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordam acreditando que o conhecimento e compreensão sobre os temas desenvolvidos tenha aumentado nas participantes e sentiram que as mães receberam a informação que queriam.

Em relação à posição das facilitadoras, 66,7% concordam totalmente e 33,3% concordam que sentiram-se confortáveis facilitando e/ou observando às mães e sentiram que as suas intervenções e/ou observação foram bem-sucedidas.

A Tabela 21 descreve os aspectos negativos e positivos da participação das mães avaliados pelas facilitadoras:

A Tabela 21 mostra a avaliação positiva em relação à participação das mães, as facilitadoras indicaram que foram participativas, em cada encontro compartilhavam suas experiências e satisfação. As participantes relataram que os temas apresentados permitiram fortalecer o vínculo entre elas e seus filhos e a felicidade de participar em grupo foi muito produtivo e aprendizado, todos os relatos em geral foram positivos e cada participante sentiu-se muito feliz das mudanças que tiveram em cada encontro e finalmente ficaram gratas pela proposta da intervenção. Em relação sobre os aspectos negativos foi pouco enfatizado nas faltas consecutivas das participantes em cada encontro.

Tabela 21. *Avaliação das facilitadoras sobre os aspectos positivos e negativos em relação à participação das mães*

Facilitadoras	Aspectos negativos	Aspectos positivos
Giovanna	Poucas mães estavam presentes.	Todas as mães deram relatos muito positivos sobre a participação delas nos encontros.
Clara	----	Todas as mães compartilharam o quão positivo foram os encontros e o conteúdo passado neles e demonstraram estar satisfeitas.
Bia	----	Os relatos das mães demonstraram quão importantes foram os encontros para a relação mãe-filho. Elas se mostraram muito felizes com os resultados obtidos e muito chateadas pelo encerramento da intervenção.
Jasmim	Foram muitas informações ao mesmo tempo no início ao retomar o assunto de todos os outros encontros.	As mães relataram ter tido uma experiência muito boa com o grupo, e compartilharam experiências muito bonitas.
Pi	----	Ouvimos muitos relatos positivos sobre os encontros afetando o cotidiano das mães: mães que ansiavam pelo dia do

		encontro, mães que passaram a ter mais tempo de qualidade com os filhos, e relataram avanços nesse sentido... foi muito gratificante.
Alyssa	Não houve aspectos negativos.	As mães relataram muitas experiências e ficaram muito gratas pela intervenção.

Na avaliação do *check list*, foram todos avaliados com 100%, indicando que o encontro foi realizado, o tema planejado foi trabalhado, todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade remota e funcionaram, as facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro, as mães participaram, o encontro terminou dentro do horário e as atividades planejadas foram realizadas.

Tabela 22. *Resumo do processo de intervenção*

Sessão	Tema	Participaram	Atividades (<i>Check List</i>)
1 ^o	Identificar o comportamento adequado	9 mães	✓ O encontro foi realizado; ✓ O tema planejado foi trabalhado;
2 ^o	A importância de valorizar o esforço dos filhos	7 mães	✓ Todas as atividades planejadas foram realizadas;
3 ^o	Ignorar o comportamento inadequado	6 mães	✓ Todos os recursos utilizados foram adaptados para a modalidade online e funcionaram;
4 ^o	Estabelecer limites e regras	8 mães	✓ As facilitadoras tiveram os materiais necessários para o encontro;
5 ^o	Consequências negativas-disciplina	5 mães	✓ O encontro terminou dentro do horário;
6 ^o	Ensinar as crianças a se relacionar: Ensinar habilidades de resolução de problemas e controle.	4 mães	✓ As mães participaram.
7 ^o	A importância da Monitoria Positiva e do Modelo Moral: Promovendo comportamentos cooperativos	5 mães	

8 Demonstraram tudo o que aprenderam sobre assuntos trabalhos 7 mães

A Tabela 23 apresenta a frequência de participação das participantes nos encontros

Tabela 23. *Frequência de participação nos encontros Sessão*

	1 Sessão	2 Sessão	3 Sessão	4 Sessão	5 Sessão	6 Sessão	7 Sessão	8 Sessão	%
Margarida	P	P	P	P	P				62,5
Rosa	P	P	P	P			P	P	75
Orquídea	P	P		P	P			P	62,5
Violeta	P	P	P	P	P	P	P	P	100
Camélia	P	P		P			P	P	62,5
Tulipa	P	P	P	P	P	P	P	P	100
Gardênia	P	P	P	P	P				62,5
Girassol	P		P	P		P	P	P	75
Acucena	P								12,5
Chuva de prata					P	P		P	37,5

P: presente

De acordo com a Tabela 23, oito participantes estiveram presentes em cinco ou mais encontros. Duas participantes tiveram uma participação ativa e contínua de 100% (Violeta e Tulipa). Considerando o número de participantes que realizaram a coleta inicial (n=14) e as que participaram da intervenção acima do 50% (n=08), verifica-se que a taxa de retenção foi de 57,1%. Se considerarmos as que participaram de ao menos um encontro (n=10), a taxa de retenção sobe para 71%, o que parece indicar uma boa aceitação da intervenção. Os encontros foram realizados nos dias domingo de 10 am até às 11am, iniciou o 9 de outubro de 2021 e finalizou no dia 5 de dezembro no presente ano.

Cumpram destacar que Açucena, Sardinheira, Begonia, Azaleia, Dedaleira e Chuva de prata apesar de manifestar interesse por participar da intervenção, mas não participaram por motivo de complicação em relação ao horário, a internet, compromissos familiares imprevistos.

Avaliação do Diário de Experiência

Em relação ao uso da ferramenta Diário de Experiência, 50% indicaram que utilizaram e 50% indicaram que não utilizaram. As participantes que utilizaram relataram que o mesmo foi útil para refletir sobre suas práticas (Tulipa), mas que não utilizaram com frequência por conta da rotina (Camélia) ou timidez (Violeta). Já as que não utilizaram relataram que não teve tempo (Girassol e Gardênia) e não sabia o que postar (Orquídea).

O diário de experiência foi utilizado por quatro participantes (Margarida, Tulipa, Violeta e Rosa). Os conteúdos foram agrupados em categorias (Relatos em texto, Áudios de autoria da Participante e Fotos Pessoais). A Tabela 24 apresenta a quantidade de conteúdos enviados em cada categoria de análise.

Tabela 24. *Quantidade de conteúdos enviados no Diário de Experiência*

	Margarida	Tulipa	Violeta	Rosa	Total
Relatos em texto	1	1	2	---	5
Áudios de Autoria da Participante	1	---	---	2	3
Fotos Pessoais	---	---	4	2	6

Os relatos de experiência da participante Margarida versavam sobre conteúdos em forma de texto recebido em relação a ela, sobre seu filho e sua dificuldade na educação. Relatou

sobre ela, a situação emocional que está enfrentando na atualidade e isso estava atrapalhando a relação com seus filhos.

“Meu filho voltou de viagem na quinta-feira somente e até tentei escrever nesses 2 dias, mas me consumida por uma situação emocional que tem me assolado... me sinto negativa e ajo de forma pesada e negativa a maior parte do tempo, o que vejo que tem comprometido totalmente minha relação com meus filhos, principalmente com o mais velho. Tenho sim sido mais paciente com ele, tenho buscado elogiar mais do que criticar, mas ainda me pego sendo irônica, sarcástica, mau humorada e com palavras agressivas. Com ele e comigo. Não tenho andado nada bem. Faço terapia com custo social com uma profissional maravilhosa, mas que já me aconselhou buscar opinião psiquiátrica para tentar superar a ansiedade e indícios de depressão. Não tenho conseguido pelo sus. Tenho encaminhamento mas ainda aguardando... sinto culpa, autopiedade e muita raiva o tempo todo, e, mesmo fazendo grande esforço pra não jogar esse peso pro meu filho, mas não tenho conseguido segurar tanto quanto precisava e isso acaba comigo. Estou escrevendo isso tudo chorando, como aconteceu das outras vezes que tentei escrever e acabei apagando com vergonha do conteúdo” (Margarida)

A Margarida também enviou material em áudios de autoria da participante em relação dificuldade na educação do seu filho, relatou uma situação que teve em casa, o filho maior ficava muitas horas com o telefone e não obedecia às ordens, ela pegou o telefone do filho e ele ficou bravo. No dia seguinte, começou brigar com o irmão menor e se machucou, e Margarida ficou brava com o filho maior e assegurou o quarto como castigo. Após se auto acalmar, ela conversou com o seu filho e pediu desculpa pela atitude, pediu para ele não machuque ao seu irmão e diz que lembrou das técnicas aprendidas nos encontros de autocontrole para não atuar com violência.

A participante Tulipa compartilhou o conteúdo do texto em relação ao seu filho e a dificuldade na educação. Ela relatou sua dificuldade de ensinar as tarefas, ela gritava e isso não

permitiu ajudar ao filho e ele se recusou realizar suas atividades junto a ela. E também relatou sua felicidade no retorno das aulas presenciais e a felicidade do filho de retomar.

“Fiquei feliz ao perceber que meu filho de 7 anos, ficou muito feliz com o retorno das aulas presenciais. Ele ficou praticamente 2 anos sem frequentar presencialmente a escola, devido a pandemia, e eu pegava ele para fazer as tarefas, alfabetizá-lo, mas ele se recusava dizendo que eu gritava com ele, durante a aula. Percebi então que embora professora como profissão, ali eu era a mãe dele, e eu ué estava em minhas mãos não gerar nele uma aversão à escola, ao ensino. Por isso hoje me sinto aliviada com o retorno às aulas e por ele estar feliz indo, pois eu imaginava que seria assim porque ele sempre foi muito obediente e disciplinado na escolinha” (Tulipa)

Os materiais compartilhados mediante texto por Violeta relacionavam-se à sua filha e a mudança no seu comportamento, indicou no relato que se sentia feliz pelos comportamentos positivos e cumprimento dos combinados entre elas.

“Quero compartilhar que ontem foi o aniversário da minha filha, ela completou 10 anos, então liberamos o celular a tarde para ela conversar com as amiguinhas, com as avós etc., achei lindo a reação dela no fim da noite ela veio devolver o celular para guardar, pois entendeu que as férias não chegaram, achei um comportamento lindo da parte dela. Esta semana também estava combinado da organização do guarda roupa dela, e ao chegar em casa foi a primeira coisa que ela quis me mostrar, elogiei e parabeneizei pois ficou lindo, ela ficou muito feliz” (Violeta)

“Minha filha teve um comportamento adequado, voltamos de viagem por volta das 18 e ainda haviam algumas crianças brincando na rua, ela me pediu se poderia brincar, mas eu já havia avisado que ao chegar em casa tínhamos outras atividades, como tomar banho, lavar o cabelo, arrumar as coisas para o dia seguinte. Quando ela me pediu eu só falei que nós já havíamos conversado e ela não retrucou e aceitou normalmente, fiquei feliz” (Violeta)

“Ela me fez um pedido, se nós conseguíssemos chegar mais cedo na escola, porque ela estava chegando atrasada e perde o lugar, chegamos cedo ela ficou feliz e me agradeceu, também achei interessante ela me agradecer porque eu cumpri com o pedido dela” (Violeta)

Foi coletado também pela participante Violeta fotografias pessoais. Na primeira foto a Violeta está junto a sua filha com um sorriso de felicidade e na mensagem da foto indica: *Ela*

me agradecendo por ter passado o sábado comigo! Na segunda foto, compartilharam a imagem juntas comendo um sorvete e na mensagem colocou: *Fomos tomar sorvete e conversamos bastante!* Na terceira foto, mostra a sua filha lendo uma historinha enquanto a participante penteando o cabelo da sua filha, indicou: *Na hora de cuidar dos cabelos, antigamente eu dava o celular, hoje ela lê as histórias para mim, aliás são 1:30 de cuidado com a juba.* E na última fotografia recebida, enviou uma foto da festinha onde a sua filha tirou foto com seu bolo do aniversário e a mensagem enviada foi: *Ontem a festinha dela, depois de finalizado ela me agradeceu da festinha que eu fiz para ela e que foi o dia mais feliz fiquei feliz porque ela teve um comportamento que eu não esperava, ela agradeceu a minha mãe e deu o primeiro pedaço de bolo por ela deixar usar a casa dela para fazer a festinha.*

A participante Rosa compartilhou dois áudios em relação à educação dos seus filhos, no primeiro áudio relata o monitoramento, a falta de limites ao uso do celular, tem sido um desafio na sua casa, a estratégia que tento fazer a participante foi realizar o quadro de horários e com o quadro de horários delimitou os horários livres o uso do celular e também foi estabelecido os combinados para o bom relacionamento na família, na decisão participaram toda a família (ver Figura 5).

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	
7:00	ACORDAR/CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ	CAFÉ	
8:00	ESPORTE	SAÍDA	ESPORTE	SAÍDA	ESPORTE	
8:30		LIVRE		BANHO		LIVRE
9:00	BANHO					
9:30	ESCOLA	NATAÇÃO	ESCOLA	NATAÇÃO	ESCOLA	
10:00		ESCOLA		ESCOLA		ESCOLA
10:30						
12:00						
13:00						
18:00	TAREFAS	TAREFAS	TAREFAS	TAREFAS	TAREFAS	
18:30	LICÃO	BANHO	LICÃO	BANHO	LICÃO	
19:00	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	
20:00	LIVRE	LIVRE	LIVRE	LIVRE	LIVRE	
21:00		LICÃO		LICÃO		
21:30	DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR	

Figura 5. Foto enviada por Rosa no Diário de Experiência

No segundo áudio da participante Rosa, relatou sobre os combinados da família que foi construído junto à família, em alguns momentos foi sugerido pela participante e algumas os filhos falaram (ver Figura 6). A participante destacou que eles sugeriram e demonstrou que algumas coisas estão faltando colocar e os filhos acharam importante, exemplo, o filho menor indicou que conversar e dialogar em família, a participante perguntou por que seria esse um combinado, o qual o filho indicou seria bom fazer bater papo um dia. Pode indicar que o filho quer conversar mais em família e compartilhar experiências. Outro combinado indicado pelo filho maior foi que seria bom colocar não pegar coisas do outro sem pedir, este combinado é um conflito constante entre irmãos, por causa da idade. O combinado pode mostrar que seria bom colocar essa questão para evitar brigas entre eles e seria boa estratégia para resolver esse conflito.

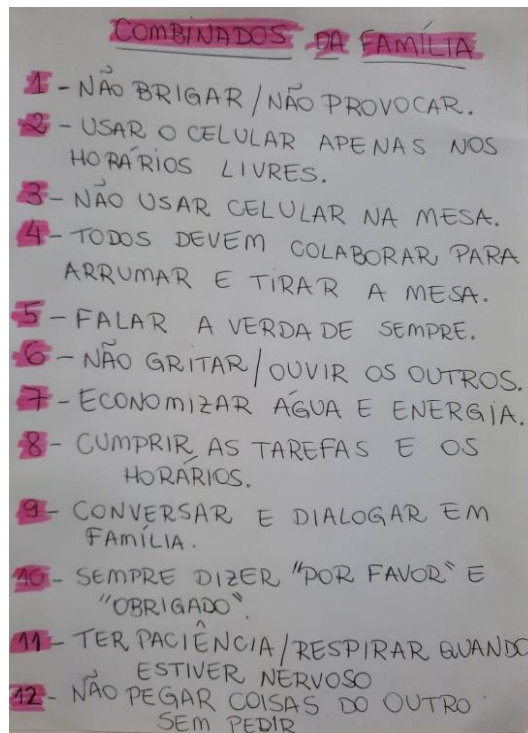


Figura 6. Foto enviada por Rosa no Diário de Experiência

O diário de experiência foi uma ferramenta muito útil para que as participantes compartilhassem experiências ou relatos que aconteceram durante a semana sobre questões muito delicadas que não podiam comentar no grupo, talvez pelo tempo de intervenção ou pelas questões muito privadas sobre a família. O positivo do uso do Diário de Experiência foi que permitiu visualizar mudanças, aprendizagem e momentos felizes que vivenciavam as mães e seus filhos, mostrando que os temas discutidos estavam sendo aplicados no dia a dia na vida de elas. Além disso, o diário ajuda a entender a falta de participação e ausência nos encontros, devido a situações muito delicadas que estavam vivenciando e afetava o estado emocional para discutir temas sobre maternidade. Acredita-se que a baixa frequência de uso do diário de experiência pelas participantes pode ser atribuído à falta de tempo extra para relatar e compartilhar com a pesquisadora as experiências ao longo da semana com os filhos, uma vez que a maioria das mães exerciam atividades remuneradas fora de casa; demandas da casa e com

os filhos. Ademais, pode-se inferir que por serem problemas corriqueiros e de menor gravidade, talvez as mães não se sentiram motivadas a utilizar o diário de experiência.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo avaliar a viabilidade de um programa parental, “Educação positiva dos seus filhos”, na modalidade remota e em contexto grupal. Para obter dados do processo de avaliação da viabilidade consideraram-se os seguintes critérios metodológicos em Durgante e Dell'Aglio (2018): (1) aceitabilidade, o qual permite verificar como reagem as mães e as facilitadores no processo da intervenção, e, principalmente, relaciona-se com a satisfação de todos os envolvidos; (2) Implementação, permite avaliar os encontros e sessões para determinar se houve ou não sucessos no processo da intervenção e determinar os fatores que podem dificultar a implementação do programa; e (3) praticidade, avaliar e identificar possibilidade de recursos disponíveis escassos e/ou restritos, isto é tempo, materiais, rapidez, qualidade e custos da implementação.

Considerando a aceitabilidade, observaram-se taxas altas de retenção (57,1%) Se considerarmos as que participaram de ao menos um encontro (n=10), a taxa de retenção sobe para 71%, o que parece indicar uma boa aceitação da intervenção. Somado a esses dados, as avaliações obtidas com as participantes ao final dos encontros indicam que elas estavam satisfeitas/muito satisfeitas com as atividades realizadas, alta aceitabilidade e engajamento nos recursos utilizados. Enquanto as facilitadoras observaram-se altas taxas de satisfação (66,7% concordam totalmente e 33,3 % concordam) e relatam que se sentiram confortáveis na condução das sessões ou para orientar e transmitir informações durante o processo da intervenção.

No que se refere ao critério de implementação, este estudo mostrou que a quantidade razoável de facilitadoras, no total cinco, foi adequada para o fornecimento de informações e ajuda para todas as participantes durante a intervenção. A plataforma do *Google Meet* favoreceu a transmissão de informações. Os conteúdos das sessões e a qualidade do programa foram avaliados positivamente, houve interação durante os encontros síncronos por parte da maioria das mães. As participantes relataram suas dificuldades, sugestões, experiências e pontos de vista, e inclusive, na troca de informações com as facilitadoras. As mães avaliaram, em geral, positivamente o programa, tendo algumas relatado que o dia da semana e horário dos encontros poderia ser revisto. Nesse mesmo sentido, Camélia, Orquídea e Rosa relataram que esse foi o motivo pelo qual faltavam às sessões. Elas indicaram que no decorrer da intervenção, perceberam que o dia marcado (domingo pela manhã) tornava difícil a participação, em parte por estarem cansadas das atividades realizadas ao longo da semana e, em parte porque concorria com o ambiente e dinâmica familiar. Embora o dia e horário dos encontros tenham privilegiado a escolha das participantes, sugere-se que implementações futuras do programa evitem realizar os encontros nos finais de semana.

Vale a pena ressaltar que as participantes residiam em diferentes cidades. Tal fato indica que a modalidade remota pode ser usada como um meio de fornecer uma intervenção face a face em tempo real e pode ser equivalente a fornecer intervenção presencial, mas a longas distâncias. Isto é argumentado no estudo de Hall (2015) em que o autor argumenta que a intervenção remota aumenta o acesso a serviços para participantes que residem em locais remotos e, assim, os pais poderiam conversar com os facilitadoras em tempo real quando comparado com programas online assíncronos, por exemplo, do tipo Web. O engajamento e aceitabilidade do programa foi notável, evidenciado pelos comentários de muitos participantes, que ressaltaram que o número de sessões deveria ser prolongado. E este formato de promover

as boas práticas parentais é adequado para participantes muito atarefados ou com horário reduzido para participar de uma intervenção presencial, corroborando os achados de Canário (2021).

Destaca-se que a ferramenta usada, *Google Meets*, foi adequada para a realização das intervenções. O *Google Meets* é uma ferramenta prática, ou seja, os usuários podem acessar suas funções com facilidade. Para utilizá-la, a participante poderia instalar o programa gratuitamente ou acessar por meio do navegador da internet. Ademais, sua portabilidade permitia o uso remoto em dispositivos móveis ou em computadores. A interface intuitiva favoreceu a experiência das participantes, as quais podiam se ver a partir dos vídeos, falar e se comunicar pelo chat. A ferramenta também favoreceu a transmissão de informações a partir do compartilhamento de tela, sendo esse um processo bastante simples. Assim, durante a condução das sessões síncronas, foi possível apresentar slides, vídeos, imagens e outros documentos relevantes. Ademais, ter um canal de comunicação por aplicativo, no caso o *whatsapp*, facilitou a interação entre pesquisadora/participantes entre os encontros.

A conexão à internet foi uma variável que em alguns momentos dificultou, seja por problemas com a conexão ou instabilidade da rede, embora não as tenha inviabilizado. Mesmo com essas dificuldades, a participação e a interação entre as mães (dicas, compartilhando suas experiências) foi positiva.

Em alguns encontros o tempo de planejamento foi excedido, sugerindo-se rever os conteúdos a serem abordados em cada sessão ou o tempo do encontro para o formato grupal. Por ser um programa pensado originalmente para ocorrer em sessões individuais, a adaptação para o contexto grupal necessitaria ajustar a participação de todas as integrantes do grupo. Como consequência da dificuldade com o tempo, em alguns encontros as facilitadoras acabaram por apresentar de forma rápida as informações e exercícios. Alguns conteúdos foram

enviados para as mães para que elas lessem o material ao longo da semana. Além disso, pelo fato de não ter realizado as lições de casa ou escassa atividade, talvez no futuro pensar numa plataforma mais dinâmica, página web de fácil acesso que possa incentivar as mães a realizarem as lições. Além disso, uma página web de acesso livre para as participantes poderia ser útil para colocar informações complementares, textos ou resumos mais aprofundados sobre os temas tratados, já que sempre foram solicitadas pela maioria das participantes. Isso vai ajudar a melhorar e aprofundar o conhecimento sobre a educação positiva, e, assim, as mães podem se envolver ainda mais com a intervenção online, além de poder acessar esse conteúdo mesmo após o término dos encontros.

Quanto ao conteúdo dos encontros, alguns participantes sinalizaram a necessidade de abordar o tema da tecnologia e família. Muitas relataram que seus filhos tinham um uso frequente e excessivo do celular (facilitado durante o período de pandemia de Covid-19, no qual era o único meio de contato com os colegas e usado também como um recurso acadêmico), o dificultava a interação e comunicação com as crianças. Por ser um tema atual, uma vez que cada vez mais as relações estão mediadas pela tecnologia e o uso de telas se tornou mais frequente entre os indivíduos, versões futuras do programa deverão incorporar reflexões e dicas para lidar com essa temática.

Já o ponto favorável da intervenção remota foi a facilidade quanto ao deslocamento e a familiaridade da participante com o ambiente digital para realizar os encontros. (Canário et al., 2022; Spencer, 2020). Além disso, estarem em suas residências contribuiu também que elas pudessem deixar os filhos em segurança, em ambiente familiar aos mesmos e, dessa forma, preocupações práticas que poderiam interferir na participação das mães no grupo foram minimizadas. Somado a esse fator, destaca-se que a mesma se caracterizou como uma

intervenção de baixo custo, uma vez que todos os materiais e aplicativos utilizados eram gratuitos e de fácil acesso.

A intervenção proposta tinha como objetivo desenvolver nas participantes comportamentos associados à educação positiva dos seus filhos, isto é, um conjunto de ações importantes para controlar ou alterar a conduta e comportamento das crianças. Práticas associadas a uma educação positiva referem-se a monitoramento, supervisão e a transmissão de valores culturais (comportamento moral) (Seay, Freysteinson & McFarlane, 2014). Programas parentais de intervenção online, em seus diferentes formatos, reduzem principalmente as interações negativas entre pais e filhos e comportamentos problemáticos da criança. (Spencer et al., 2019; Canário, 2022). No entanto, esses programas, também, têm efeito na saúde psicológica dos pais, produzindo consequências positivas pela intervenção, como diminuição dos níveis de estresse e depressão dos pais (Hall & Bierman, 2015; Spencer et al., 2019; David et al., 2017; Day & Sanders, 2018). Estudos de intervenção presencial parental, também, revelaram diminuição dos níveis de estresse, depressão e melhora da confiança parental, e inclusive argumenta-se que pode existir uma relação entre práticas parentais negativas e a saúde psicológica deficiente dos pais (Barlow & Coren, 2018; Barlow et al., 2014; Wade et al., 2012).

Em relação às variáveis das participantes, optou-se por avaliar os sintomas de depressão antes e após a intervenção. A depressão é um transtorno psicológico relativamente comum, o qual se caracteriza pela presença dos principais sintomas: baixa concentração, humor deprimido, pensamentos suicidas ou associados à morte, diminuição do interesse em realizar atividades, insônia, perda de energia ou cansaço, sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva (Nogueira, 2020). Além do funcionamento psicossocial dos pais, a depressão compromete a saúde psicológica dos próprios pais, e também impacta no bem-estar das crianças. Por exemplo,

a depressão materna pode ter um efeito na parentalidade com potencial de influenciar negativamente na educação dos filhos e no desenvolvimento infantil. (Barlow et al., 2014). E, também, a depressão materna se torna mais provável quando as crianças apresentam altos níveis de comportamento coercitivo, tais como comportamentos agressivos e antissociais (Irvine et al., 1999). Além de apresentar tais sintomas já mencionados, as mães deprimidas são menos competentes, mais desamparadas e menos eficazes, podendo afetar sua capacidade de proporcionar interação afetiva durante a infância (Laforett & Mendez, 2010; Barlow et al., 2014). Esperava-se que a participação no grupo contribuísse para minimizar os sintomas de depressão das mães participantes, uma vez que as trocas obtidas com os membros do grupo, assim como uma possível melhora na relação mãe-filho poderia influenciar ness variável. Os dados obtidos indicaram que os escores variaram de 1-31 antes da intervenção (M=13,7; DP=10) e de 3-20 (M=9,37; DP=6,9) após a intervenção. Para verificar o nível de significância clínica dos escores de depressão, foi utilizado o método JT. A partir da análise identificou-se que sete participantes não apresentaram mudanças significativas (positiva/negativa), sendo que quatro tinham índices que indicavam ausência de depressão antes e após a intervenção. A participante que apresentou resultado com significância clínica, foi Margarida (mudança positiva).

Margarida passou de depressão severa para ausência de depressão (escores pré-teste: 31; escores pós-teste: 8). No início da intervenção, Margarida descreveu sentimentos de culpa e pensamentos suicidas. Entre outras informações relevantes, a participante era solteira com dois filhos e descreveu sua relação com os filhos como ruim, se considerando uma mãe agressiva, e apontando como sua maior dificuldade “*fazer os filhos enxergar os limites*”. Kadir e Bifulco (2011) compararam experiências de mães casadas e não casadas relacionadas à sua saúde psicossocial e verificaram que mães não casadas apresentavam taxas de depressão mais

altas do que mães casadas. Já a depressão materna pode ter um efeito significativo na relação pais-filhos, (Barlow et al., 2014) como o caso de pouca e/ou negativas interações familiares podem intensificar problemas emocionais e comportamentais das crianças (Pizeta et al., 2013). Acredita-se que ao participar dos encontros e ter um espaço de acolhimento, sentir-se ouvida e poder compartilhar suas dificuldades e discutir sobre diferentes estratégias para educar os filhos (modelos diferentes de outras mães), pode ter contribuído para que Margarida se sentisse mais esperançosa e menos autocrítica, o que pode ter contribuído para a diminuição dos índices da depressão.

Um dos efeitos esperados da intervenção era que a participação das mães nos encontros proporcionasse uma melhor relação mãe-filho, e, conseqüentemente, uma melhora na avaliação das mães a respeito das capacidades e dificuldades das crianças, mensuradas a partir do SDQ versão pais. A análise de significância clínica realizada a partir do método JT, indicou que não houve mudança em nenhuma subescala e no escore total do instrumento, o que pode indicar que as avaliações das mães sobre os filhos e filhas não pioraram nem melhoraram quando comparados nas etapas no pré e pós-teste. Podemos hipotetizar que esse instrumento não foi sensível já que provavelmente as mudanças esperadas na relação mãe-filho não foram obtidas no período da intervenção (oito encontros/dois meses). Hipotetiza-se que a ausência de mudanças no SDQ pode ser reflexo da falta de engajamento das participantes em realizar as tarefas propostas ao longo da intervenção para serem realizadas entre os encontros. O pressuposto era de que ao se engajar nessas atividades, as mães poderiam passar a ter uma visão diferente e mais realista a respeito das capacidades e dificuldades das crianças e, com isso, sua visão a respeito dos mesmos seria alterada. Por exemplo, ao final da primeira sessão foi solicitado que as participantes observassem e registrassem os comportamentos positivos ou adequados que seu (sua) filho(a) apresentasse ao longo do dia (desde quando acorda até a hora

em que vão dormir). Elas deveriam realizar uma lista observando que realmente aprecia ou mostrar que gosta seu(sua) filho(a), isto é, brinquedos, atividades ou brincadeiras. Nenhuma mãe realizou a atividade proposta, argumentando falta de tempo.

No quarto encontro as mães tinham que registrar os comportamentos adequados e inadequados que seu(sua) filho(a) apresentou ao longo do dia/semana, das consequências que deu para eles e das reações que ele teve a essas consequências e fazer uma lista das regras a serem estabelecidas em sua casa já acordadas com o seu companheiro. Essas estratégias poderiam favorecer a reflexão sobre as questões relacionadas à fase do desenvolvimento dos filhos. Como a proposta inicial da intervenção tenha sido para sessões individuais, próximas a um atendimento clínico, o engajamento das participantes nas atividades possivelmente era maior ou então, a dinâmica da sessão individual possibilita uma discussão sobre as atividades durante a sessão, o que não ocorreu no contexto de grupo.

O foco principal da intervenção consistia em desenvolver um conjunto de ações educativas para resolver problemas, educar, socializar e reduzir problemas de comportamentos inadequados das crianças (Gulliford et al., 2015; Gomide, 2006, 2011). As práticas parentais podem impactar nas competências sociais e emocionais da criança, para beneficiar, por exemplo, o desenvolvimento de comportamento pró-social e habilidade social, como responsabilidade, empatia e honestidade (Gomide, 2006; Bolsoni-Silva et al., 2014). Nesse sentido, era esperado que as participantes tivessem, ao final da intervenção, uma frequência menor de práticas parentais relacionadas a abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e negligência; e aumento da frequência dos comportamentos relacionados a monitoria positiva e comportamento moral. A análise de significância clínica a partir do método JT indicou que a maioria das participantes não apresentaram melhoras ou

pioras que pudessem ser atribuídas à intervenção. Não ter qualquer resultado significativo pode ser considerado ao número de encontros, no total 8 sessões. Um hipótese é de que uma intervenção de curta duração talvez não seja suficiente para identificar mudanças na autorreflexão e reconhecimento da importância dos temas discutidos para favorecer suas práticas parentais. Além disso, as mães precisam e necessitam de apoio maior e constante para que utilizem as estratégias e dicas apresentados em cada sessão. E, existe uma possibilidade de melhoras se coletamos e analisamos os dados no follow-up após três ou seis meses.

Orquídea foi a participante que teve maiores mudanças positivas nas práticas de disciplina, comportamento moral, punição inconsistente e disciplina relaxada. Orquídea descreveu que sua qualidade era ser prestativa e como defeito indicou ansiosa. A dificuldade que apresentou para lidar com o comportamento devia-se ao fato de se considerar permissiva e indicou que apresenta dificuldade em encontrar o equilíbrio entre ser mãe acolhedora, mas firme, com o mínimo de autoridade. Na avaliação do programa indicou como aspecto positivo que melhorou a forma como ela se observa como mãe. Hipotetiza-se que a partir da sua participação nos encontros e sua preocupação de procurar o equilíbrio para ter uma boa dinâmica com seu filho refletiu em sua honestidade e melhorou seu comportamento moral. Ademais, com as discussões no grupo ela pode ter compreendido a importância de estabelecer limites e regras de forma clara, com comunicação com os filhos, e buscar seguir as mesmas.

Violeta também apresentou mudança positiva em relação ao comportamento moral, participou de todos os encontros, se mostrou engajada e participativa. Ela se considerava persistente e exigente. Durante as sessões, Violeta relatou que sua filha tendia a questionar quando era corrigida por algum comportamento/atitude. E que ela tinha começado a conversar com a filha a respeito do comportamento dela, questionando-a sobre o por que de ela ter agido

de determinada maneira e levando a refletir sobre as suas ações. De acordo com ela, quando a filha age de maneira inadequada ela vai para seu quarto e não pode fazer nenhuma atividade. Essa estratégia ajudou a sua filha a entender mais e pensar sobre o comportamento. Podemos hipotetizar que o programa tenha propiciado uma mudança positiva significativa e relaciona-se com sua fala em relação a sua reflexão e ampliação de conhecimentos sobre tipos de estratégias de disciplina para modificar comportamentos inadequados e mostrou sempre características de valores quando indica que sempre agradece. Isso acabou levando a melhorar seu comportamento moral e ainda estava transmitindo esse comportamento a sua filha.

Quanto às mudanças negativas de Camélia em negligência e disciplina relaxada pode ser explicado, como caso particular, que cada fim de semana viajava com seus filhos para a casa da sua mãe. Mas, pelo interesse que ela tinha, ela conseguia entrar na vídeo chamada enquanto dirigia, e indicou que o horário e o dia marcado era muito difícil de participar ativamente já que durante a semana teve muito trabalho e ficava muito cansativo. Ela só escutava as sessões enquanto realizava outras atividades. Logo, a participação passiva e dispersa pode ter sido um indicativo da necessidade de, em versões futuras, as facilitadoras colocarem como condição que a participante esteja com a câmera aberta e participe das atividades da sessão. Já Rosa, que apresentou mudança negativa para abuso físico, participou de 75% dos encontros. Rosa indicou que tinha uma convivência com seus filhos muito corrida por conta do trabalho, levando a apresentar dificuldade de estabelecer limites e regras, e não tinha muito tempo para interagir com seus filhos.

Vale destacar que os resultados obtidos na versão em grupo e online foram diferentes dos outros estudos aplicados a partir do Projeto Parceria presencial e individual (Pereira et al., 2013; Santini & Williams, 2016; Santini & Williams, 2017; Williams et al., 2014). No estudo

de Pereira et al (2013), 17 mães participaram do projeto. Elas viviam em situação de extrema pobreza, tinham idade variando entre 29 e 54 anos, uma média de 2,8 anos de escolaridade e apenas sete estavam empregadas no momento da pesquisa. Ao menos um dos das 17 mães estava em acompanhamento do sistema de justiça devido a alguma forma de maus tratos (físico, sexual, negligência ou psicológico) e a maioria (n=15) tinha sido exposta à VPI. Os resultados da autoavaliação das mães sobre o seu próprio estilo parental em três fases (pré-intervenção, pós-intervenção e *follow-up*) avaliadas pelo IEP (Gomide, 2006) indicaram que as participantes apresentaram uma diferença positiva significativa nos escores comparando pré e pós-intervenção. Essa diferença de percentil para seis mães mudou a classificação do estilo parental saindo de *risco* para *médio alto*, *médio baixo* e *excelente*. A avaliação de *follow up* indicou que três mães mudaram a classificação, uma voltou para a linha de base (*risco*) e duas apresentaram melhora (*média baixa* e *excelente*). A análise estatística revelou efeito significativo do programa de intervenção para o IEP (Gomide, 2006), com $p = 0,001$, segundo o teste de Friedman. A avaliação dos filhos quanto ao estilo parental das mães melhorou para nove mães; manteve a mesma classificação (n=5) e uma piorou depois que a mãe foi presa devido a envolvimento com drogas. A análise estatística dos escores obtidos pelos adolescentes nas duas fases (pré e pós teste) revelou diferença significativa ($p = 0,018$) segundo o teste de Friedman, sugerindo que, segundo as crianças, as mães melhoraram seu estilo parental após a intervenção.

No estudo de Santini e Williams (2016), 9 mães participaram com histórico de violência entre parceiros íntimos. Todas as participantes foram recrutadas do ambulatório de saúde da universidade, tinham idade entre 21 e 51 anos, uma média 10,1 anos de escolaridade e a renda foi entre 0 e 1 salário mínimo. Durante a pesquisa, seis mães ficavam no relacionamento com o parceiro agressor já que elas não conseguiam se manter economicamente. A maioria das mães sofreu violência desde o início do relacionamento, tanto física como psicológica, e quatro mães

sofreram violência sexual. Todas elas não tinham informações de proteção e não tinham apoio de amigos. A amostra foi dividida em três grupos a partir de um sorteio, no grupo A participaram do módulo I, e em seguida o módulo II; o grupo B começou com o módulo II e após o módulo I; e no grupo C foi realizados os dos módulo (I e II) paralelamente, todos os grupos foram avaliados em três fases (pré-teste, pós-teste e *follow up*). Os resultados da autoavaliação das mães sobre o seu próprio estilo parental (Gomide, 2006) indicaram que os três grupos foram beneficiados pelo projeto parceria, e especialmente, o grupo três apresentou maior melhora e apresentaram maior resultados na significância clínica e mudança positiva confiável, avaliação realizada a partir do método JT de maneira individual e grupal. Além disso, foi evidenciado que o grupo B teve maior adesão e impacto social. A análise estatística revelou mudanças nas etapas, na linha de base $p=0,0111$; na primeira parte da intervenção $p=0,0000$ e na segunda parte da intervenção identificou-se o valor de $p=0,0046$. E não foi identificada diferença significativa entre os grupos ($p = 0,9600$), mas se houve diferença significativa na comparação entre os períodos do desenvolvimento do projeto parceria ($p = 0,0004$).

Já no estudo desenvolvidos por Santini e Williams (2017), 40 maes participaram de diferentes institucoes que atendiam a crianças vulneráveis, as mães tiveram histórico de violência (punição corporal) contra seus filhos menores de 14 anos. Foram divididas em dois grupos, sendo grupo controle (20) e grupo experimental (20), tinham idade entre 19 e 52 anos, tiveram renda baixa (55%), escolaridade foi de 5% ensino superior, 45% ensino médio completo e 50% ensino fundamental completo, 47,5% apresentaram união estável. A violência psicológica que usam as participantes era de humilhações e ameaças contra os seus filhos, e violência física como tapas e surras utilizando cintos ou sandálias. Os resultados da autoavaliação do questionário de habilidades e dificuldade da criança (Fleitlich et al., 2000; Goodman, 1997) indicaram que SDQ-total no grupo controle aumentaram as dificuldades ($p =$

0,01) durante pós-teste/follow-up, portanto, os problemas de conduta voltaram e aumentaram, os escores do grupo experimental diminuíram pré-teste/pós-teste ($p= 0,002$) e diminuíram de pré-teste para follow-up ($p= 0,000$), portanto, melhoraram significativamente (problemas de conduta e hiperatividade). Os dados coletados foram comparados em grupo a partir da estatística do tipo ANOVA.

Acredita-se que algumas mudanças substanciais nos dois modelos de implementação da intervenção podem ter contribuído para esses resultados. O primeiro deles refere-se ao número de sessões. O Projeto Parceria previa 16 encontros semanais, já a aplicação da Educação Positiva dos Filhos ocorreu em 8 encontros semanais. Isso implica que as avaliações pós intervenção após 16 encontros, talvez seja um tempo conveniente para observar algumas mudanças nos comportamentos e práticas de disciplina. Esse tempo também pode favorecer para fortalecer o vínculo entre as participantes e facilitadoras. Ademais, no Projeto Parceria havia um módulo específico para lidar com as questões relacionadas à mulher, em específico a refletir sobre a violência vivenciada e estratégias para lidar com as consequências da mesma, em especial na regulação emocional e resolução de problemas (Williamas, Santini & D’Affonseca, 2014), tópicos não abordados na intervenção proposta.

Outra diferença que merece ser destacada refere-se ao fato de a intervenção ser remota. Para além das questões de conexão que podem ter dificultado a participação, as participantes ficavam com a câmera fechada, participando e interagindo pouco. Foi difícil controlar que todas ficassem com a câmera aberta e participassem das atividades e ver o que elas realizavam enquanto as facilitadoras dirigiam as sessões. Alguns relatos indicavam que elas estavam realizando atividades paralelas, o que pode ter comprometido o aproveitamento e a participação nos encontros. E, finalmente, o contexto de grupo remoto, pode ter dificultado que as

facilitadoras fortalecem a relação com as participantes, o que comumente é mais facilmente atingido em intervenções individuais. Somado a esse fato, o número de facilitadoras e a rotação das mesmas na aplicação das intervenções também podem ter contribuído para um menor engajamento. Destaca-se que a realização das entrevistas individuais antes da intervenção buscaram estabelecer uma relação mais próxima entre facilitadoras-participantes.

Assim, sugere-se que aplicações futuras da intervenção prevejam um número maior de encontros; acrescente um tópico para tratar de questões relacionadas à regulação emocional e resolução de problemas com as participantes; tenha como regra deixar as câmeras abertas para interação e participação no grupo e limite o número de facilitadoras da intervenção.

A despeito dos resultados negativos observados em algumas participantes, os resultados apontam para possíveis melhoras nas práticas parentais positivas que aprimorem a sua relação com seus filhos. A intervenção permitiu às participantes refletir e identificar que estavam exercendo comportamentos inadequados com seus filhos. Assim, este programa parental na modalidade remota propiciou estímulo às participantes modificarem suas práticas parentais negativas com fim de reduzir comportamentos inadequados de seus filhos, quanto ao desenvolvimento delas. A intervenção em grupo foi importante e repercutiu nos resultados. As mães consideraram o grupo como: rede de apoio (mecanismo de mudança) a partir de trocas de experiência, estratégias, dicas, sentir-se ouvida com fins de melhorar suas práticas parentais (Butler et al., 2020).

Por outro lado, observamos um aumento qualitativo significativo na confiança da maioria das mães em lidar com problemas de comportamento das crianças e melhorar a suas atitudes para corrigi-los, evidenciado através dos comentários nas últimas sessões, especificamente, a metade da intervenção, e através dos relatos realizados no Diário de

experiência. Em relação a programas parentais online, este estudo ao igual que a maioria de estudos de intervenção online identifica melhorias nas práticas parentais ou diminuição no uso de estratégias parentais ineficazes para a maioria das mães (Canário et al., 2021; Baker et al., 2017; Spencer et al., 2019).

Chama a atenção o tipo de população alvo neste estudo, já que a maioria das participantes tinha alta escolaridade (87,5%) e a maioria exercia atividade remunerada (75%) e contribuía para a renda familiar (87,5%), quando comparado com os estudos de versão presencial do Projeto Parceria, onde as participantes tinham grau de instrução ensino médio e, todas eram vítimas de VPI ou aplicavam castigos corporais em seus filhos (Santini & Williams, 2017; Williams, Santini & D' Affonseca, 2014). Embora não fosse um critério ser vítima de VPI, os dados indicaram que todas as participantes sofreram de alguma forma agressão psicológica leve por parte do parceiro, a frequência variou de 2-12 (M= 7,12; DP= 3,2). Além disso, verificou-se que dois participantes (Gardênia e Violeta) sofreram agressão psicológica severa ocorrida um ano antes. E em relação a episódios de agressão física leve sem sequelas foram identificadas para Margarida, Rosa e Girassol, vivenciadas no ano anterior. E finalmente se identificou que a participante Margarida, sofreu coerção sexual leve.

Acredita-se que as estratégias de divulgação da pesquisa (redes sociais, canais de comunicação da universidade e grupos de whatsapp) podem ter contribuído para a constituição de uma amostra de alta escolaridade e renda. Além disso, Hall e Bierman (2015) destacam que a transferência de informações usando recursos online é menos interessante para famílias de baixa renda do que para famílias de alta renda. (Hall & Bierman, 2015). Além do comprometimento e acessibilidade para este tipo de intervenções, as participantes com esse grau de instrução relacionam-se com o fácil acesso e envolvimento com o espaço virtual para

procurar temas educacionais para seus filhos. Isto é argumentado na literatura, onde programas online podem atrair pais com rendas maiores e com alta escolaridade, por conta da facilidade de acesso a equipamentos eletrônicos (Hall, 2015; Spencer, 2020). Outra característica das participantes é a faixa etária dos seus filhos que pode repercutir na forma como elas se preocupam com certas atitudes das crianças. Isto é evidenciado no estudo de Muñeton et al (2015), o autor indica que pais com pós-graduação ou graduação, especificamente, com filhos de 6 a 12 anos, focam na busca por informações sobre temas educacionais na internet, principalmente, em informações sobre problemas de comportamento das crianças.

Em relação à conectividade, no decorrer da intervenção, por vezes, a ligação à internet era instável por parte das participantes e, inclusive, das facilitadoras. Isso, em certos momentos dos encontros, dificultou o fornecimento das informações para as mães. Durante algumas sessões, alguns membros da família das participantes foram vistos pela câmera por outras mães e, inclusive, um caso particular, uma mãe que se encontrava dentro do carro participou da sessão à viva voz e com a presença da família. Ou em alguns casos ouviram a sessão com os alto falantes de seu computador ou à viva voz pelo seu celular. Tais situações foram manifestadas por uma participante indicando que os relatos pessoais poderiam ser ouvidos por outras pessoas externas, isso mostrou incomodidade, desconforto, falta de privacidade e, ainda, indicou a possibilidade de abandonar o programa se tais problemas não fossem resolvidos. Por outro lado, em um programa presencial temos a possibilidade de interagir pessoalmente com as participantes, e assim, perceber como suas emoções e expressões contrastam com o que elas relatam. Como nosso caso, toda a intervenção era por meio de uma plataforma online, vídeo chamada, a participante pode ligar ou desligar a câmera para não ser observada. Apesar de que foi solicitado, no início de cada encontro, que ligassem suas câmeras, aproximadamente 35% das mães permaneciam com a câmera desligada. O que obstaculiza que as facilitadoras não

consigam observar as expressões não verbais quando as mães manifestam suas experiências ou comentários. Isto parece ser uma dificuldade que não pode ser controlável em programas na modalidade remota, como foi evidenciado no estudo de Silveira et al (2021).

Uma possível proposta de pesquisa futura seria incluir na intervenção tanto mães como os filhos. Pelo número tamanho da amostra, e por ser a primeira versão online executada, este estudo pode ser considerado como um estudo piloto. Um segundo passo para continuar com o projeto seria estudar a sua eficácia com um número maior de amostra e, provavelmente, realizar intervenções híbridas, e em diferentes modalidades, grupal e individual. E também considerar um grupo controle para observar efeitos que podem ser atribuídos à intervenção remota. E a realização do Follow-up (3-6 meses) seria importante para corroborar os diferentes resultados em relação a passagem do tempo, já que no geral não houve mudanças significativas para alguns participantes, comparados no pré-teste e pós-teste. E, para observar se as alterações se mantêm ou houve melhoras nos diferentes aspectos relacionados ao comportamento de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho trouxe aportes relevantes no que se refere à adaptação de programa parental presencial para uma modalidade de intervenção remota, e em grupo, com o objetivo de promover as práticas educativas. Os programas parentais remotos trazem consigo as vantagens: relação custo-benefício e acessibilidade. Embora as mudanças clínicas significativas tenham sido poucas, foi possível observar um aumento qualitativo na confiança da maioria das mães em lidar com problemas de comportamento das crianças, através dos comentários nas últimas sessões e dos relatos realizados no Diário de Experiência. Isto demonstrou que algumas mães assimilam as informações fornecidas e, inclusive, como põem em prática suas habilidades para

o manejo do comportamento dos seus filhos. O presente estudo possui limitações, já que envolveu uma amostra heterogênea de participantes; não teve um grupo controle; a dificuldade em controlar a participação nas sessões (manter as câmeras abertas e estar em um local propício para realizar a intervenção); a falta de outros informantes a respeito das medidas utilizadas (por exemplo, filhos, parceiros, outros familiares); a ausência de avaliações após a intervenção (*follow-up*) e o número e a rotação das facilitadoras. Sugere-se, para estudos futuros a utilização de instrumentos mais sensíveis a outras variáveis que poderiam afetar a relação mãe-filho; um número maior de encontros; desenvolver tópicos para tratar questões relacionadas a regulação emocional e resolução de problemas; estabelecer a obrigatoriedade de deixar as câmeras abertas para interação e participação no grupo; limitar o número de facilitadoras e implementar uma plataforma dinâmica numa página web de fácil acesso para compartilhar os conteúdos discutidos e informações complementares para que em qualquer momento as participantes tenham acesso e possam ler. Finalmente, sugere-se incluir temas e estratégias em relação aos comportamentos inadequados dos filhos na atualidade, como aumento do uso inadequado do celular e redes sociais, por exemplo. Todas as mães indicaram não conseguir lidar e mostraram uma preocupação para a saúde mental e problemas de comportamento que podem acarretar. Além disso, deve-se orientar aos pais que precisam de mediações colocando limites necessários ao uso das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- Abdul, K. N. B; Bifulco, A. (2011). Vulnerability, life events and depression amongst Moslem Malaysian women: Comparing those married and those divorced or separated. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 46(9), 853-862. <https://doi.org/10.1007/s00127-010-0249-4>
- Abidin, R. R. (1995). Parenting stress index. Odessa: Psychological Assessment Resources. Inc. *PMCID*, 2528464.
- Agazzi, H., Hayford, H., Thomas, N., Ortiz, C., & Salinas-Miranda, A. (2021). A nonrandomized trial of a behavioral parent training intervention for parents with children with challenging behaviors: In-person versus internet-HOT DOCS. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 26(4). <https://doi.org/10.1177/13591045211027559>
- Asscher, J.J.; Hermanns, J.M.A.; Dekovic, M. (2008). Effectiveness of the Home-Start parenting support program: Behavioral outcomes for parents and children. *Infant Mental Health Journal*, 29(2):95-113. <http://dx.doi.org/10.1002/imhj.20171>
- Baker, S., Sanders, M., Turner, K., & Morawska, A. (2017). A randomized controlled trial evaluating a low-intensity interactive online parenting intervention, Triple P Online Brief, with parents of children with early onset conduct problems. *Behaviour Research and Therapy*, 91, 78-90. <http://dx.doi.org/10.1016/j.brat.2017.01.016>
- Butler, J., Gregg, L., Calam, R., & Wittkowski, A. (2020). Parents' perceptions and experiences of parenting programmes: A systematic review and metasynthesis of the qualitative literature. *Clinical child and family psychology review*, 23(2), 176-204. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00307-y>
- David, O. A., Capris, D., & Jarda, A. (2017). Online Coaching of Emotion-Regulation Strategies for Parents: Efficacy of the Online Rational Positive Parenting Program and Attention Bias Modification Procedures. *Frontiers in Psychology*, 8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00500>
- Day, J. J., & Sanders, M. R. (2018). Do Parents Benefit From Help When Completing a Self-Guided Parenting Program Online? A Randomized Controlled Trial Comparing Triple P Online With and Without Telephone Support. *Behavior Therapy*, 49(6). <https://doi.org/10.1016/j.beth.2018.03.002>
- Dessen, M. A., & Bigras, M. (2000). As crianças pré-escolares com problemas de comportamento e suas famílias: identificação de fatores de risco. Relatório de Pesquisa. Brasília: CNPq.

- De Souza, F. R., & Mosmann, C. (2013). Crianças e adolescentes encaminhados para psicoterapia pela escola: percepções de genitores e professores. *Revista da SPAGESP*, 14(2), 39-54.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, (52-I), 211-229. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10
- Barlow, J., & Coren, E. (2018). The effectiveness of parenting programs: a review of Campbell reviews. *Research on Social Work Practice*, 28(1), 99-102. <https://doi.org/10.1177/1049731517725184>
- Barlow, J., Smailagic, N., Huband, N., Roloff, V., & Bennett, C. (2014). Group-based parent training programmes for improving parental psychosocial health. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 8(1), 1-197. <https://doi.org/10.4073/csr.2012.15>
- Baker, S., Sanders, M. R., Turner, K. M. T., & Morawska, A. (2017). A randomized controlled trial evaluating a low-intensity interactive online intervention, Triple P Online Brief, with parents of children with early onset conduct problems. *Behaviour Research and Therapy*, 91, 78–90. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2017.01.016>
- Beck AT, Steer RA, Brown GK (1996). *BDI-II: Beck Depression Inventory Manual*. Psychological Corporation.
- Belsky, J., & Jaffee, S. R. (2006). The multiple determinants of parenting, *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation*, 38–85.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019). Práticas parentais: Conjugalidade, depressão materna, comportamento das crianças e variáveis demográficas. *Psico-USF*, 24, 69-83. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240106>
- Canário, A.C.; Byrne, S.; Creasey, N.; Kodyšová, E.; Kömürçü Akik, B.; Lewandowska-Walter, A.; Modić Stanke, K.; Pećnik, N.; Leijten, P. (2022). The Use of Information and Communication Technologies in Family Support across Europe: A Narrative Review. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 19 (3), 1488. <https://doi.org/10.3390/ijerph19031488>
- Canário, C., Abreu-Lima, I., Santos, S., Silva-Martins, M., Campos, J., Enes Rodrigues, C., ... & Cruz, O. (2021). Delivering Group Lifestyle Triple P through digital practice: A case study with Portuguese parents. *Journal of Family Therapy*, 43(2), 232-255. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12334>

- Casarotto, M. (2021). A experiência do “tornar-se mãe” em mães biológicas e em mães adotivas.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em estudo*, 8, 45-54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>
- Correia, K. M. L., & Borloti, E. (2011). Mulher e depressão: uma análise comportamental contextual. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de comportamiento*, 19 (3), 359-373. <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/28049>
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Significância clínica e mudança confiável na avaliação de intervenções psicológicas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24, 497-505. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400013>
- Dibbs, LD. (2015). Mothers and Children Living Peaceful Lives: Community Group Program for Children Exposed to Woman Abuse – Program Review, Evaluation and Redevelopment. London, Ontario: Anova.
- Durgante, H., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Critérios metodológicos para a avaliação de programas de intervenção em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 17(1), 155–162. <http://hdl.handle.net/10183/199779>
- Erices, P. Z., Franco, Y. U., Illanes, C. V., & Pereira, R. V. (2021). Percepción de los efectos del programa de parentalidad positiva Triple P, según los adultos y sus hijos o niños bajo su cuidado, entre 8 y 12 años de edad. *Revista Pensamiento Académico*, 4(1), 224-236. <https://doi.org/10.33264/rpa.202101-15>
- Fleitlich-Bilyk, B., & Goodman, R. (2001). Social factors associated with child mental health problems in Brazil: cross sectional survey. *British Medical Journal*, 323(7313), 599–600. <https://doi.org/10.1136/bmj.323.7313.599>
- Guisso, L., Bolze, S. D. A., & Viera, M. L. (2019). Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 226-255. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.10>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38 (5), 581-586.

- Gomes-Oliveira, M. H., Gorenstein, C., Lotufo Neto, F., Andrade, L. H., & Wang, Y. P. (2012). Validation of the Brazilian Portuguese version of the Beck Depression Inventory-II in a community sample. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 34(4), 389-394. <https://doi.org/10.1016/j.rbp.2012.03.005>
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*, 21-60, Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais (IEP) [Parenting Styles Inventory]*.
- Gomide, P. I. C. (2011). *Inventário de Estilos Parentais, modelo teórico: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Graham-Bermann, S. A., & Perkins, S. (2010). Effects of early exposure and lifetime exposure to intimate partner violence (IPV) on child adjustment. *Violence and victims*, 25(4), 427-439. DOI: [10.1891/0886-6708.25.4.427](https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.4.427)
- Gulliford, H., Deans, J., Frydenberg, E., & Liang, R. (2015). Teaching coping skills in the context of positive parenting within a preschool setting. *Australian Psychologist*, 50(3), 219-231. <https://doi.org/10.1111/ap.12121>
- Hall, C. M., & Bierman, K. L. (2015). Technology-assisted interventions for parents of young children: Emerging practices, current research, and future directions. *Early Childhood Research Quarterly*, 33, 21-32. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2015.05.003>
- Harper, D. (2002). Talking about pictures: A case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17(1), 13–26. <https://doi.org/10.1080/14725860220137345>
- Howell, K. H., Miller, L. E., Lilly, M. M., Burlaka, V., Grogan-Kaylor, A. C., & GrahamBermann, S. A. (2015). Strengthening Positive Parenting Through Intervention: Evaluating the Moms' Empowerment Program for Women Experiencing Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(2), 232–252. <https://doi.org/10.1177/0886260514533155>
- Jacobson, N. S.; Truax, P. (1992). Clinical significance: a statistical approach to defining meaningful change in psychotherapy research. *Journal of consulting and clinical psychology*, 59(1), 631-648. <https://doi.org/10.1037/10109-042>

- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck depression and anxiety inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-U](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-U)
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Maria de Fátima, J. M., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 62(1), 119-134.
- Machado, W. L., & Bandeira, D. R. (2013). Adaptação e validação da Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21) para o Português brasileiro. *Manuscript submitted for publication*, 12(1).
- Moreira, D. N., & da Costa, M. P. (2020). The impact of the Covid-19 pandemic in the precipitation of intimate partner violence. *International journal of law and psychiatry*, 71, 101606. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2020.101606>
- Nunes, C.; Martins, C.; Brás, M.; Carmo, C.; Gonçalves, A.; Pina, A. (2021). Impact of an Online Parenting Support Programme on Children's Quality of Life. *Children* 2022, 9, 173. <https://doi.org/10.3390/children 9020173>
- World Health Organization. (2013). Preventing violence: Evaluating outcomes of parenting programmes.
- Pizeta, F. A.; Silva T. B. F; Cartafina, M. I. B & Loureiro, S. R. (2013). Depressão materna e riscos para o comportamento e a saúde mental das crianças: uma revisão. *Estud Psicol. (Natal)*; 18(3):429-37. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300003>
- Pereira, P. C., D'Affonseca, S. M., & Williams, L. C. A. (2013). A feasibility pilot intervention program to teach parenting skills to poly-victimized children. *Journal of Family Violence*, 28(1), 5-15. <https://doi.org/10.1007/s10896-012-9490-9>
- Rose, J., Roman, N., Mwaba, K., & Ismail, K. (2018). The relationship between parenting and internalizing behaviours of children: A systematic review. *Early Child Development and Care*, 188(10), 1468-1486. <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1269762>
- Sabbag, G. M., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). A relação das Habilidades Sociais educativas e das práticas educativas maternas com os problemas de comportamento em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 423-441.
- Sanders, M. R. (1999). Triple P-Positive Parenting Program: Toward an empirically validated multilevel parenting and family support strategy for the prevention of behavior and

- emotional problems in children. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 2(2), 71-90. <https://doi.org/10.1023/A:1021843613840>
- Sanders, M. R. (2012). Development, Evaluation, and Multinational Dissemination of the Triple P-Positive Parenting Program. *Annual Review of Clinical Psychology*, 8(1), 345-379. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032511-143104>
- Sanders, M., Markie-Dadds, C., & Turner, K. (2003). Theoretical, scientific and clinical foundations of the Triple P-Positive Parenting Program: a population approach to the promotion of parenting competence. *Parenting Research and Practice, Monograph* (1), 1-24.
- Sanders, M. R., Kirby, J. N., Tellegen, C. L., & Day, J. J. (2014). The Triple P-Positive Parenting Program: A systematic review and meta-analysis of a multi-level system of parenting support. *Clinical Psychology Review*, 34(4), 337–357. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.04.003>
- Santini, P. M., & Williams, L. C. D. A. (2016). Efeitos de procedimentos para maximizar o bem-estar e a competência parental em mulheres vitimizadas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33, 711-721. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400014>
- Santini, P. M., & Williams, L. C. (2017). A randomized controlled trial of an intervention program to Brazilian mothers who use corporal punishment. *Child Abuse & Neglect*, 71, 80-91. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.04.019>
- Saur, A. M., & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: Revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 619–629. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400016>
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9(1), 2-18. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.91.01>.
- Seay, A., Freysteinson, W. M., & McFarlane, J. (2014). *Positive parenting*. In *Nursing Forum*, 49 (3), 200-208. <https://doi.org/10.1111/nuf.12093>
- Silveira, L. M. D. O. B., & Wagner, A. (2011). A importância das relações parentais frente aos problemas de comportamento na infância: convergências teóricas. *Interação em Psicologia*, 15(2). <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i2.11002>

- Silveira, M. M. D. P., Pinheiro, M. I. S., Silva, V. J. G., Neufeld, C. B., & Haase, V. G. (2021). WebPais: orientação de pais on-line voltada para a educação domiciliar em meio à pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 17(2), 113-124. DOI: [10.5935/1808-5687.20210024](https://doi.org/10.5935/1808-5687.20210024)
- Spencer, C. M., Topham, G. L., & King, E. L. (2020). Do online parenting programs create change? A meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 34(3), 364-374. <https://doi.org/10.1037/fam0000605>
- Straus, M., Hamby, S., Boney-McCoy, S.; Sugarman, D. (1996). *The revised conflict tactics scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Sudermann, M., Marshall, L. & Loosely, S. (2000). Evaluation of the London (Ontario) Community Group Treatment Programme for Children Who Have Witnessed Woman Abuse. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 3(1), 127-146. https://doi.org/10.1300/J146v03n01_09
- Tehrani, H. D., & Yamini, S. (2020). Parenting practices, self-control and anti-social behaviors: Meta-analytic structural equation modeling. *Journal of Criminal Justice*, 68, 101687. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2020.101687>
- Torres, A., Suarez, A., Álvarez, M., Padilla, S., Rodríguez, E., & Rodrigo, M. J. (2015). Apoyo parental online. *Manual práctico en parentalidad positiva*, 245-263.
- Wade, S. L., Walz, N. C., Carey, J., McMullen, K. M., Cass, J., Mark, E., & Yeates, K. O. (2012). A randomized trial of teen online problem solving: Efficacy in improving caregiver outcomes after brain injury. *Health Psychology*, 31(6), 767-776. <https://doi.org/10.1037/a0028440>
- Williams, L.C.A. (2010). Entrevista Inicial com Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. In: L. C. A. Williams; J. M. Maia & K. A. Rios. *Aspectos psicológicos da violência: Pesquisa e intervenção*, 549-558.
- Williams, L. C. A., Araújo, E. A. C., Rios, K. S. A., D’Affonseca, S. M., Maldonado, D. P. A., Patrian, A. C. A., & Miranda, T. D. (2010). Projeto Parceria: o ensino de habilidades parentais a mães com histórico de violência conjugal, *Aspectos psicológicos da violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental*, 428-457.

- Williams, L. C. A., Maldonado, D. P. A., & Araújo, E. A. C. (2008). Educação Positiva dos seus filhos: Projeto Parceria - Módulo 2 [Positive parenting of your children: Project Parceria]. Cartilha [Brochure]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Psicologia.
- Williams, L. C. A., Santini, P. M., & D´Affonseca, S. M. (2014). The Parceria Project: A Brazilian parenting program to mothers with a history of intimate partner violence. *International Journal of Applied Psychology*, 4(3), 101-107. DOI: [10.5923/j.ijap.20140403.04](https://doi.org/10.5923/j.ijap.20140403.04)
- Woerner, W., Fleitlich-Bilyk, B., Martinussen, R., Fletcher, J., Cucchiaro, G., Dalgarrondo, P., Tannock, R. (2004). The Strengths and Difficulties Questionnaire overseas: Evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13(S2). <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2008-0>
- World Health Organization. (2012). Understanding and addressing violence against women: Intimate partner violence (No. WHO/RHR/12.36). *World Health Organization*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar exposto à violência entre parceiros íntimos traz consequências para todos os envolvidos. Muitas mulheres que vivenciam essa realidade têm filhos e filhas, sendo um foco importante de análise a relação mãe-filho nesse contexto. O primeiro estudo buscou revisar a literatura nacional e internacional dos últimos dez anos de modo a identificar os impactos da exposição à VPI para o relacionamento mãe-filho. Esperava-se que a revisão lançasse luz a aspectos importantes a serem considerados em intervenções focadas a fortalecer a relação mãe-filho em contexto de VPI, como a da proposta inicial da presente dissertação. A revisão da literatura realizada evidenciou a escassez de estudos voltados ao tema de produção internacional e nacional (Brasil). Também, a maioria dos estudos considerados na revisão demonstrou pesquisas com pouco rigor metodológico, escassez de profundidade e necessidade de ampliação de participantes. Tendo em vista as limitações, as evidências disponíveis apontam para os efeitos da exposição à VPI na qualidade do vínculo materno; o enfraquecimento das habilidades maternas, aumentam os comportamentos punitivos e superproteção por parte das mães; e o distanciamento e déficit na comunicação e os prejuízos no relacionamento de forma geral. Logo, ao estar diante de mães que passaram ou passam por VPI, deve-se estar atento ao relacionamento dela com os filhos, buscando fortalecê-lo.

A partir do estudo de viabilidade do módulo Educação positiva dos filhos no formato grupal e online identificou-se evidências favoráveis à aceitabilidade da intervenção. Os dados coletados demonstraram mudanças favoráveis para os escores de alguns participantes quanto a depressão materna e estilos de disciplina (por exemplo, comportamento moral, punição inconsistente e disciplina relaxada). Mas também foram observadas mudanças negativas no estilo de disciplina em duas participantes (negligência, disciplina relaxada e abuso físico). Por

ser em contexto online e remoto, não foi observado o estreitamento de vínculo e interações fora do contexto da intervenção. Quanto ao modelo remoto, foram identificados pontos favoráveis (por exemplo, baixo custo, disponibilidade de horário/dia alternativo, participantes de diferentes regiões) e desfavoráveis (por exemplo, conexão com a internet, câmeras fechadas, questões de sigilo). Ao ter como público-alvo mães, com ou sem histórico de VPI, verificou-se que ambos os grupos podem se beneficiar da intervenção. Sugere-se que estudos futuros identifiquem se os benefícios são maiores para mulheres com histórico de VPI em comparação às mães sem tal histórico. Ademais, seria interessante identificar mudanças ao longo do tempo, em especial no comportamento dos filhos, uma vez que pelo tempo breve da intervenção, não foi possível identificar tais mudanças. Os conteúdos dos dois estudos corroboram evidências disponíveis na literatura e evidenciam a necessidade de investir em estudos que tenham como tema central o relacionamento mães e filhos, em especial quando há violência entre parceiros íntimos.

Anexos

ANEXO A- Entrevista inicial com mães, adaptação de Williams et al., 2010.



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 - 13.565-90 - São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev



ENTREVISTA INICIAL COM MÃES

Adaptado de Williams (2010)

1. Entrevistador: _____

2. Identificação

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro _____ Cidade: _____ Telefone: _____

Nascimento: ___/___/___ Estado Civil: _____ Escolaridade _____

Qual sua profissão: _____

Filhos: Nomes e idades: _____

Quem mora na casa: _____

Nome do parceiro: _____

Quantos filhos são desta união: _____

Trabalha: sim não

Se sim, onde: _____

Quem contribui para a renda familiar: _____

3. Grau de Isolamento:

Tem contato regular com a família? Sim não
Amigos? Sim não Vizinhos? Sim não
Igreja ? Sim não

Com quem conta nas horas de necessidade? _____

4. Auto Imagem:

Quais as qualidades que vê em si própria?

Quais os defeitos que vê em si própria?

O que gostaria de mudar em si?

O que seu companheiro diz sobre ela?

Acredita nisso? Sim não

5. Futuro do Relacionamento:

Há quanto tempo o casal está junto?

Como é o relacionamento do casal no geral?

Quais são os aspectos positivos?

E os negativos?

Quais as qualidades do marido?

6. Relacionamento com as Crianças

Como é seu relacionamento com as crianças?

Como é o relacionamento do seu parceiro com as crianças?

Que tipo de pai você acredita que ele é?

Que tipo de mãe você acredita ser?

Quais são as principais dificuldades que você encontra na educação de seu filho?

Quais são os pontos positivos que você encontra no relacionamento com seu filho?

As crianças sentem-se mais próximos à mãe ou ao pai?

Como estão indo na escola?

Algum filho tem problemas? Sim não Se sim, Quais?

Alguma das crianças tem problemas médicos? Se sim, quem e quais?

Toma medicamentos? Sim não Se sim, quais?

7. Condições de saúde da participante:

Consome álcool? Sim não Se sim, com que frequência? _____

Consome drogas? sim não Se sim, quais?

Tem problemas médicos? sim não Se sim,
quais? _____

Ultimamente tem sentido mudanças em hábitos relacionados ao sono, apetite etc.?

sim não Se sim, quais?

Toma medicamentos? Sim não Se sim,
quais? _____

Já pensou em suicidar-se? Sim não Se sim, o que a impede?

Já tentou suicídio? sim não Como e quando?

8. Infância e família da participante:

Como foi sua infância?

Como era o ambiente familiar?

Como se relacionava com:

Mãe: _____

Pai: _____

Irmãs: _____

Irmãos: _____

A família era afetuosa? Sim não

Como demonstrava afeto?

Que tipo de disciplina era usada?

Havia algum tipo de violência na família? Sim não Se sim, qual?

Quem era a vítima?

Quem era o agressor?

Ela sofreu algum tipo de abuso? Sim não se sim, qual?

Por parte de quem?

Quando foi e como isso a afetou?

Quando saiu de casa e por quê?

Quais eram seus planos quanto ao futuro em relação a dinheiro, profissão, escolaridade e família?

9. Resposta à entrevista:

Como se sente após ter contado sua história?

ANEXO B- Sub-escalas da CTS-2, adaptado de Figueiredo e Paiva (2006)

NEGOCIAÇÃO

Emocional	1 Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos
	13 Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto
	39 Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema
Cognitiva	3 Em uma discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista
	5 Sugeri um acordo para resolver um desentendimento
	77 Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento

AGRESSÃO PSICOLÓGICA

Leve	5 Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a
	35 Gritei ou berrei ao meu companheiro/a
	49 Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento
Severo	67 Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a
	25 Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a
	29 Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a
	65 Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante
	69 Ameacei ferir ou atirar alguma coisa no meu companheiro/a

ABUSO FÍSICO SEM SEQUELAS

Leve	7 Atirei no meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar
	9 Torci o braço ou puxei o cabelo do meu companheiro/a
	17 Empurrei ou apertei o meu companheiro/a
	45 Agarrei à força o meu companheiro/a
Severo	53 Dei uma bofetada no meu companheiro/a
	27 Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar
	33 Tentei estrangular o meu companheiro/a
	37 Atirei o meu companheiro/a contra a parede
	43 Dei uma tarefa no meu companheiro/a
	61 Queimei ou escaldei o meu companheiro/a de propósito
	73 Dei pontapés no meu companheiro/a
	21 Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a

COERÇÃO SEXUAL

Leve	15 Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo
	51 Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)

	63 Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)
Severo	19 Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo
	47 Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo
	57 Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo
	75 Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo
ABUSO FÍSICO COM SEQUELAS	
Leve	11 Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro
	71 Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a
Severo	23 Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta
	31 Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a
	41 Precisava ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz
	55 Tive uma fratura devido a uma luta com o meu companheiro/a

ANEXO C- Questionário de avaliação do encontro –Participantes

1. Você já conhecia o TEMA abordado nesta sessão?
 - () pouco conhecimento
 - () algum conhecimento
 - () bons conhecimento
 - () amplos conhecimentos
2. Durante o encontro tive a oportunidade de colocar sugestões, experiência e ponto de vista?
 - () não, tive.
 - () algumas vezes, tive.
 - () sim, tive.
3. Como você avalia a apresentação didática do encontro de hoje?
 - () excelente
 - () boa
 - () regular
 - () ruim
4. A qualidade (conteúdos) do tema desenvolvido no encontro de hoje?
 - () excelente
 - () boa
 - () regular
 - () ruim
5. Este encontro ofereceu-me?
 - () pouquíssimos conhecimentos sobre o assunto
 - () poucos conhecimentos sobre o assunto
 - () alguns conhecimentos sobre o assunto
 - () inumeráveis conhecimentos sobre o assunto
6. Considero, de um modo geral, que o objetivo e as atividades utilizados neste encontro foram?
 - () muito inadequados
 - () inadequados
 - () adequados

muito adequados

7. As facilitadoras sobre as perguntas formuladas ou dúvidas?

responderam satisfatoriamente à todas as perguntas que lhe foram feitas

algumas vezes apresentavam dificuldade para responder às perguntas que lhe foram formuladas

poucas vezes apresentavam dificuldade para responder às perguntas que lhe foram formuladas

muitas vezes apresentavam dificuldade para responder às perguntas que lhe foram formuladas

8. Deixe aqui sugestões, críticas e comentários adicionais?

9. Você considera que o conteúdo apresentado hoje foi importante para trabalhar a educação positiva?

discordo totalmente

discordo

indeciso

concordo

concordo totalmente

10. As facilitadoras, durante o encontro?

não foram claras em suas apresentações e em suas explicações

poucas vezes foram claras em suas apresentações e em suas explicações

algumas vezes foram clara em suas apresentações e em suas explicações

foram sempre muito claras em suas apresentações e em suas explicações

11. As facilitadoras durante o encontro da sessão conseguiram?

durante todo o tempo prendeu a atenção

durante parte do tempo prendeu a atenção

não conseguiram prender a atenção

12. Em relação a este encontro, você ficou?

muito satisfeita

satisfeita

Nem satisfeita, nem insatisfeita

insatisfeita

ANEXO D- Questionário de avaliação após a intervenção - Participantes

1. Sinto que a intervenção atendeu as minhas necessidades?

- () concordo totalmente
- () concordo
- () discordo
- () discordo totalmente

2. Sinto que recebi apoios suficientes das facilitadoras durante o programa?

- () concordo totalmente
- () concordo
- () discordo
- () discordo totalmente

3. Você utilizou a ferramenta Diário de Experiência?

- () Sim
- () Não

Se sim, conte-nos o que você achou da mesma _____

Se não, conte-nos quais foram as dificuldades _____

4. Como você está se sentindo como mãe após da intervenção?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muito insatisfeita Muito satisfeita

5. Você acha que os tópicos desenvolvidos contribuiu para melhorar sua relação com o seu filho?

- () concordo totalmente

() concordo

() discordo

() discordo totalmente

6. Em todo momento da sua participação sentiu e recebeu boa atenção e bom trato por parte da facilitadora?

() concordo totalmente

() concordo

() discordo

() discordo totalmente

7. O que você achou do programa?

8. O que você achou dos materiais utilizados nos nossos encontros?

9. Tendo em vista que os objetivos do programa eram conhecer novas maneiras de educar seus filhos, de forma a prevenir futuros problemas de comportamento, em que medidas estes objetivos foram alcançados?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Não foram alcançados ○○○○○○○○○○

Foram plenamente alcançados

10. Caso se sinta confortável, comente sua resposta:

11. Quais os aspectos positivos do programa?

12. Quais os aspectos negativo do programa?

13. Você tem alguma sugestão de mudança?

14. De modo geral, sinto-me satisfeita com o programa?

- concordo totalmente
- concordo
- discordo
- discordo totalmente

15. Em uma escala de 0 a 10, que nota você daria para o programa?

16. Caso queira deixar algum comentário:

ANEXO E- Questionário de avaliação após a intervenção – Facilitadoras

1. Como você está se sentindo após de realizar a intervenção?

- insatisfeita
- pouco satisfeita
- nem satisfeita, nem insatisfeita
- satisfeita
- muito satisfeita

2. Você considera que teve informações suficientes sobre as mães antes da intervenção?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo, nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

3. Você considera que as mães estavam engajados com os materiais utilizados na intervenção?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

4. Considero que a facilitação dos encontros foram fáceis de serem conduzidas?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo, nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

5. Sinto que as mães aumentaram seus conhecimentos e sua compreensão sobre os temas abordados em cada sessão?

- concordo totalmente
- concordo

não concordo nem discordo

discordo

discordo totalmente

6. Na sua opinião, quais foram aspectos negativo da participação das mães?

7. Sinto que as mães receberam o apoio que queriam?

concordo totalmente

concordo

não concordo, nem discordo

discordo

discordo totalmente

8. Durante intervenção, utilizei todo o conteúdo aprendido e ensinado no treinamento?

concordo totalmente

concordo

nem concordo, nem discordo

discordo

discordo totalmente

9. O treinamento me permitiu conduzir melhor a intervenção e cometer menos erros?

concordo totalmente

concordo

não concordo, nem discordo

discordo

discordo totalmente

10. Sinto que as mães receberam a informação que queriam?

concordo totalmente

concordo

não concordo, nem discordo

discordo

discordo totalmente

11. Como você avalia os conhecimentos e experiência obtido durante a intervenção?

- ruim
- regular
- bom
- muito bom

12. Me senti confortável facilitando às mães?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo, nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

13. Você acha que sua experiência nesta pesquisa ampliou mais seus conhecimentos?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

14. Sinto que a minha intervenção foi muito bem-sucedida?

- concordo totalmente
- concordo
- não concordo nem discordo
- discordo
- discordo totalmente

15. Aspectos positivos da intervenção:

16. Aspectos negativos da intervenção:

17. Deixe aqui sugestões, críticas e comentários adicionais:

ANEXO F- Parecer do Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos



Continuação do Parecer: 4.937.942

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1796945.pdf	18/08/2021 19:57:49		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	18/08/2021 19:50:20	Jessica Giovanna Espinoza Tarazona	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Jessica.pdf	18/08/2021 19:46:41	Jessica Giovanna Espinoza Tarazona	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/08/2021 19:44:49	Jessica Giovanna Espinoza Tarazona	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoFinal.pdf	24/07/2021 00:44:08	Jessica Giovanna Espinoza Tarazona	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 27 de Agosto de 2021

Assinado por:

Adriana Sanohec Garola de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-0695 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 03

ANEXO G- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



LAPREV
Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 - 13.565-90 - São Carlos - SP
Fone: (16) 3351-8745 - Fax: (16) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do MS)

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “Educação positiva e mães em contexto de violência entre parceiros íntimos: um estudo de viabilidade de intervenção remota” realizada pela pesquisadora Jessica Giovanna Espinoza Tarazona, mestranda do Programa de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e vinculada ao Laboratório de Prevenção à Violência (Laprev) desta universidade.

O objetivo deste estudo é avaliar a viabilidade do módulo 2 do projeto parceria, “Educação positiva dos seus filhos”, na modalidade remota. Você foi selecionada por: (a) ser mãe com filhos entre 6 a 12 anos de idade; (c) ter acesso a um computador, smartphone ou tablet e conexão à internet; (d) ter disponibilidade de participar dos encontros semanais síncronos e para responder aos instrumentos Roteiro de entrevista para mulheres vítimas de violência; Inventário de estilos parentais–IEP; Questionário de capacidades e dificuldades da criança– SDQ; Inventário de depressão de beck segunda edição– BDI-II e a Escala de táticas de conflito– CTS-2. Apesar de se tratar o assunto de violência entre parceiros íntimos, neste estudo será desenvolvido o tema sobre as práticas parentais em mães vítimas da VPI. Será garantido para você, a flexibilidade para escolher o dia durante a semana e a melhor hora do dia para responder aos instrumentos e participar das sessões de intervenção para não prejudicar a rotina familiar.

A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora ou com a instituição que forneceu os dados. Você tem o direito garantido a solicitar o registro do consentimento a qualquer momento da pesquisa. A coleta de dados será totalmente remoto. Inicialmente, você irá preencher um formulário com dados pessoais. Posteriormente será encaminhado um e-mail com link de acesso a um formulário *google forms* o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Deverá lê-lo e caso aceite, clicar na opção “Li e

aceito” confirmando sua participação, com uma duração de cerca de 15-20 minutos. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você irá decidir se deseja participar ou se deseja desistir da participação durante o preenchimento dos instrumentos ou após o preenchimento e retirar seu consentimento, poderá fazer sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Basta fechar o formulário.

Após o preenchimento do formulário, iniciará-se a entrevista síncrona para preencher os instrumentos (IEP, SDQ, CTS-2 e BDI-II), a entrevista será gravada, mediante autorização de você. Para garantir sua privacidade e sua segurança de você, será solicitado que (1) fiquem em um espaço tranquilo, sozinha e sem interrupções; (2) deverá escolher alguém de confiança que possa cuidar de seus filhos, enquanto você responde aos instrumentos e participe das sessões de intervenção; (3) usar fone de ouvido, isso permitirá evitar problemas para você ouvir a entrevistadora e transmitir um áudio em alta qualidade.

Caso seja necessário, a aplicação dos instrumentos poderá ocorrer em nova data/horário. Este processo de coleta de dados será realizado nas etapas: pré-teste, pós-teste e follow-up. O programa de intervenção será realizado em oito sessões, os encontros serão síncronos e semanais, com uma duração de uma hora por sessão. As sessões ocorrerão em plataforma de vídeo (Google meets, Zoom ou Skype). Serão gravadas mediante autorização de você e serão conduzidas por estagiárias do curso de psicologia da Universidade Federal de São Carlos, com experiência em atendimento clínico e treinadas para a condução da intervenção. Ao final de cada sessão, será enviado em um grupo de WhatsApp um vídeo explicativo do módulo, uma atividade para ser realizada ao longo da semana e o link para avaliação do encontro.

Cumpramos destacar que ao aceitar participar da pesquisa você irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual você poderá fazer o download a partir do link https://docs.google.com/document/d/1GnHWs-PCj77oxVXIxFBswE1pS3e45qii77_c-I_Ss2U/edit ou solicitado ao pesquisador via endereço de e-mail (psico.espinoza18@gmail.com; samazo@ufscar.br) se assim o desejar. 2. Responder aos instrumentos durante a entrevista síncrona, seu preenchimento será em torno de 1 hora. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador ou avisar para o pesquisador. 3. Participar das 8 sessões do programa de intervenção.

Caso desista de participar durante o preenchimento dos instrumentos e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, a pesquisadora descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Ou seja, em nenhum momento será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos. Sempre que solicitado você poderá ter acesso ao registro do consentimento (Resolução N° 466 de 12

de dezembro de 2012).

O preenchimento destes instrumentos e a participação do programa não oferecem risco imediato, porém considera-se a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar a um leve cansaço após responder os instrumentos. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, você poderá optar pela suspensão imediata da pesquisa. Caso você sinta desconforto durante ou após aplicação dos instrumentos ou na intervenção do programa, a pesquisadora e a equipe do Laprev estarão preparadas para acolhimento e breve intervenção.

Este trabalho poderá contribuir de forma indireta na ampliação do conhecimento sobre estratégias para lidar com os comportamentos dos filhos. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. A pesquisadora compromete-se a compartilhar os resultados da pesquisa após a finalização da coleta, da análise de dados e da redação destes resultados obtidos.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar, parecer N^o 4.937.942, que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. É dever deste comitê cuidar dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, tendo como referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros.

Pesquisador Responsável: Jessica Giovanna Espinoza Tarazona

Endereço: LAPREV, UFSCar, Rodovia Washington Luiz, Km 235, São Carlos-SP. Contato telefônico: (16) 997554505

E-mail: psico.espinoza18@gmail.com

() Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.